

INÉDITO

Maigret

Simenon

Maigret sai em viagem



L&PM POCKET

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Georges Simenon

Maigret sai em viagem

Tradução de ALESSANDRO ZIR

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

CAPÍTULO I

O que se passava no George-V enquanto chovia sobre Paris, enquanto Maigret dormia, e um certo número de pessoas se empenhava em fazer o seu melhor

– OS CASOS MAIS COMPLICADOS são aqueles que têm um ar tão banal no início que não lhes atribuímos nenhuma importância. É um pouco como essas doenças que começam de uma forma silenciosa, por mal-estares vagos. Quando enfim as levamos a sério, costuma ser tarde demais.

Era Maigret quem tinha dito isso, noutra ocasião, ao inspetor Janvier, uma noite em que os dois retornavam pela Pont-Neuf ao Quai des Orfèvres.

Mas, essa noite, Maigret nada comentava sobre o desenrolar dos acontecimentos, pois ele dormia profundamente no seu apartamento do Boulevard Richard-Lenoir, ao lado da senhora Maigret.

Se ele esperasse por dificuldades, não seria no hotel George-V que teria pensado, um local de que se fala com mais frequência nas colunas sociais dos jornais do que nas de banalidades cotidianas, mas sim na filha de um deputado que ele fora obrigado a intimar ao escritório, para evitar que ela continuasse se entregando a certos caprichos. Mesmo tendo lhe falado num tom paternal, ela reagira muito mal ao ocorrido. É verdade que haviam festejado há pouco os seus dezoito anos.

– Você não passa de um funcionário, e vou fazer com que te despeçam.

Às três horas da madrugada, caía uma chuvinha fina quase indistinta, que era suficiente entretanto para laquear as ruas e para dar, como lágrimas aos olhos, mais brilho às luzes.

Às três e meia, no terceiro andar do George-V, a campainha soou na peça em que uma camareira e um camareiro dormitavam.

Os dois abriram os olhos. O camareiro foi o primeiro a notar que fora a lâmpada amarela que havia acendido e disse:

– É para o Jules.

Isso significava que tinham chamado o garçom, e que ele iria servir uma garrafa de cerveja dinamarquesa a um hóspede.

Os dois empregados adormeceram de novo, cada um na sua cadeira. Houve um silêncio mais ou menos longo, depois a campainha soou mais uma vez no momento em que Jules, que tinha mais de sessenta anos e que havia sempre trabalhado à noite, retornava com sua bandeja vazia.

– Já vai! Já vai! – rosou ele entredentes.

Sem se apressar, ele foi ao apartamento 332, onde uma lâmpada estava acesa acima da porta, bateu, esperou um instante e, nada escutando, entrou calmamente. Não havia ninguém na sala escura. Um pouco de luz vinha do quarto em que se ouviam gemidos fracos e contínuos como o de um animal ou de uma criança.

A pequena condessa estava estendida na cama, os olhos semiabertos, os lábios entreabertos, as duas mãos sobre o peito mais ou menos na região do coração.

– Quem é? – gemeu ela.

– O garçom, senhora condessa.

Ele a conhecia bem. Ela o conhecia bem também.

– Estou a ponto de morrer, Jules. Não quero. Chame rápido o doutor. Há um no hotel?

– Não numa hora dessas, senhora condessa, mas vou chamar a enfermeira...

Pouco mais de uma hora antes, ele tinha servido, no mesmo apartamento, uma garrafa de champanhe, uma garrafa de uísque, soda e um balde de gelo. Garrafas e copos permaneciam ainda na sala, exceto uma taça de champanhe, virada sobre a mesa de cabeceira.

– Alô! Passe-me depressa para a enfermaria...

A senhorita Rosay, a telefonista em serviço, não se espantou, colocou um pino, depois outro, em uma das numerosas entradas da central.

Jules ouviu uma campainha distante, depois uma voz sonolenta.

- Alô... Enfermaria na escuta...
- Você pode descer agora mesmo ao 332?
- Estou morrendo, Jules...
- A senhora vai ver que não morre, condessa...

Ele não sabia o que fazer enquanto esperava. Foi acender as lâmpadas na sala e constatou que a garrafa de champanhe estava vazia, enquanto a garrafa de uísque continha três quartos da bebida.

A condessa Palmieri gemia sem parar, as mãos crispadas sobre o peito.

- Jules...
- Sim, senhora condessa...
- Se chegarem muito tarde...
- A senhorita Genévrier está descendo imediatamente...
- Se chegarem muito tarde mesmo assim, diga a eles que me envenenei, mas não quero morrer...

A enfermeira, de cabelos descoloridos, expressão enfadada, cujo corpo, sob a bata branca, cheirava ainda à cama, entrou no apartamento depois de ter, por hábito, batido rapidamente na porta. Ela tinha um frasco de Deus sabe o que à mão, um frasco amarronzado, e os bolsos abarrotados de caixas de medicamentos.

- Ela disse que se envenenou...

Antes de mais nada, a senhorita Genévrier olhou ao redor, descobriu uma cesta de papel de onde retirou um frasco de remédios, leu a etiqueta.

- Peça à telefonista que chame o doutor Frère... É urgente...

Agora que tinha alguém para lhe curar, a condessa parecia se abandonar à própria sorte, pois não se esforçava mais por falar, e seus gemidos se tornavam cada vez mais fracos.

– Alô! Chame rápido o doutor Frère... Mas não, não sou eu! A enfermeira pediu...

Esse tipo de coisa é tão frequente em hotéis de luxo e em certos bairros de Paris que, no serviço de emergência, quando, à

noite, se recebe um chamado do 16^o *arrondissement*, por exemplo, há sempre alguém para perguntar:

– Gardenal?

Tornou-se um nome comum. Diz-se “um gardenal” como se diz “um Bercy” para designar um bêbado.

– Traga água quente...

– Fervida?

– Pouco importa, desde que esteja quente...

A senhorita Genévrier tinha tomado o pulso da condessa, havia lhe levantado a pálpebra superior.

– Quantos comprimidos a senhora ingeriu?

Uma voz de menina respondeu:

– Eu não sei... Eu não sei mais... Não me deixe morrer...

– Com certeza, minha pequena... beba isso tudo...

Ela lhe apoiava os ombros, mantendo um vidro diante de seus lábios.

– É ruim?

– Beba...

A dois passos dali, na Avenue Marceau, o doutor Frère se vestia às pressas, apanhava sua maleta e, um pouco depois, saía de casa sonolento e entrava no carro estacionado junto à calçada.

O saguão de mármore do George-V estava deserto, tendo somente, de um lado, o recepcionista da noite, que lia um jornal atrás do balcão de mogno, e, do outro, o porteiro, que nada fazia.

– O 332... – anunciou o médico ao passar.

– Eu sei...

A telefonista o tinha colocado a par.

– Chamo uma ambulância?

– Vou ver...

O doutor Frère conhecia a maior parte dos apartamentos do hotel. Como a enfermeira, deu uma batidinha como que simbólica na porta, entrou, tirou o chapéu e se dirigiu ao quarto de dormir.

Jules, depois de haver trazido um jarro de água quente, se recolheu para um canto.

– Envenenamento, doutor... Eu lhe dei...

Trocaram algumas palavras, que eram como que estenográficas ou de uma conversa em códigos, enquanto a condessa, sempre apoiada pela enfermeira, tinha náuseas violentas e começava a vomitar.

– Jules!

– Sim, doutor...

– Mande telefonarem ao Hôpital Américain de Neuilly para que enviem uma ambulância...

Tudo isso não tinha nada de excepcional. A telefonista, com os fones de ouvido na cabeça, se dirigia a uma outra telefonista da noite, do outro lado da linha, em Neuilly.

– Não sei exatamente, minha cara... Trata-se da condessa Palmieri, e o doutor está lá em cima com ela...

O telefone tocou no 332. Jules atendeu, anunciou:

– A ambulância deve estar aqui em dez minutos.

O médico guardou na maleta a seringa com a qual acabara de dar uma injeção.

– Eu a visto?

– Conte-se com enrolá-la em uma manta. Se encontrar alguma bolsa em algum lugar, coloque nela algumas coisas. Você sabe melhor que eu do que ela vai sentir falta.

Um quarto de hora mais tarde, dois enfermeiros desciam a pequena condessa, depois a erguiam para dentro da ambulância, enquanto que o doutor Frère entrava no seu carro.

– Chegarei lá ao mesmo tempo que vocês...

Ele conhecia os enfermeiros. Os enfermeiros o conheciam. Ele conhecia também a recepcionista do hospital, a quem foi dizer algumas palavras, e o jovem médico encarregado. Esse tipo de gente fala pouco, sempre como que em código, porque tem o hábito de trabalhar em conjunto.

– O 41 está livre...

– Quantos comprimidos?

– Ela não lembra. O frasco foi encontrado vazio.

– Ela vomitou?

Essa enfermeira era tão bem conhecida do doutor Frère quanto aquela do George-V. Enquanto ela se preparava, ele acendia finalmente um cigarro.

Lavagem estomacal, pulso, nova injeção.

– Não há mais nada a fazer, senão deixá-la dormir. Tome o seu pulso a cada meia hora.

– Sim, doutor.

Ele desceu por um elevador muito parecido ao do hotel, deu algumas indicações à recepcionista, que as anotou.

– O senhor avisou à polícia?

– Ainda não...

Ele olhou o relógio branco e preto. Quatro e meia.

– Me ligue com o posto de polícia da Rue de Berry.

Lá, bicicletas na frente da porta, sob a lâmpada da rua. No interior, dois jovens agentes jogavam cartas e um sargento preparava um café sobre um candeeiro a álcool.

– Alô! Posto da Rue de Berry... Doutor o quê? Frère? Como um *frère*? Bem... Estou escutando... Um instante...

O sargento pegou um lápis, anotou sobre um pedaço de papel as indicações que lhe eram fornecidas.

– Sim... Sim... Aviso que o senhor vai enviar o seu relatório...

Ela está morta?

Desligou, dizendo aos dois outros que o encaravam:

– Gardenal... George-V...

Para ele, aquilo significava apenas mais trabalho. Retirou o fone do gancho com um suspiro.

– Central? Aqui é do posto da Rue de Berry... É você, Marchal? Como vão as coisas por aí? Aqui está calmo... O tumulto? Não, não ficamos com eles no posto... Um dos sujeitos conhecia um monte de gente, entende? Tive de telefonar ao comissário, que me disse para soltar...

Tratava-se de um tumulto num cabaré noturno da Rue de Ponthieu.

– Bom! Tenho outra ocorrência... Um gardenal... Você toma nota? Condessa... Sim, uma condessa... Verdadeira ou falsa, não faço ideia... Palmieri... P como Paul, A como Arthur, L como Léon, M

como... Palmieri, sim... Hotel George-V... apartamento 332... Doutor Frère... Hôpital Américain de Neuilly... Sim, ela falou... Ela quis morrer, depois ela não quis mais... É sempre a mesma história...

Às cinco e meia, o inspetor Justin, do 8^o *arrondissement*, interrogava o recepcionista noturno do George-V, escrevia algumas palavras no seu caderno de notas, falava em seguida com Jules, o garçom, depois ia até o Hospital de Neuilly, onde ficava sabendo que a condessa dormia e não estava com os dias contados.

Às oito horas da manhã, chuviscava constantemente, mas o céu estava claro, e Lucas, um pouco encatarrado, assumia seu posto no Quai des Orfèvres, onde os relatórios noturnos o esperavam.

Ele encontrava assim o rastro, em algumas frases administrativas, do tumulto da Rue de Ponthieu, de uma dezena de prostitutas apreendidas, de alguns bêbados, de um assalto com faca na Rue de Flandre e de alguns outros incidentes de rotina.

Seis linhas o colocavam também a par da tentativa de suicídio da condessa Palmieri, nascida La Salle.

Maigret chegou às nove horas, um pouco preocupado por causa da filha do deputado.

– O chefe não me chamou?

– Ainda não.

– Nada de importante no relatório?

Lucas hesitou um segundo, julgou por fim que uma tentativa de suicídio, mesmo no George-V, não era coisa importante e respondeu:

– Nada...

Ele não imaginava que cometia assim uma falta grave, que iria complicar a vida de Maigret e de toda a P.J.

Quando a campainha soou no corredor, o comissário, alguns dossiês à mão, saiu do seu gabinete e, com os outros chefes de serviço, se apresentou ao chefão. Trataram de assuntos em curso, que diziam respeito aos diferentes comissários, mas, sem nada saber sobre o fato, ele não falou da condessa Palmieri.

Às dez horas, ele estava de volta ao seu gabinete e, cachimbo na boca, começava o relatório a respeito de um assalto à mão armada que ocorrera três dias antes, cujos autores ele esperava

prender em pouco tempo, graças a um boné alpino abandonado nas proximidades.

Mais ou menos no mesmo momento, atendeu o telefone um certo John T. Arnold, que, no Hotel Scribe, nos Grands Boulevards, tomava o café da manhã, de pijama e robe de chambre.

– Alô! Senhorita... Poderia me chamar o coronel Ward, no Hotel George-V?

– Imediatamente, sr. Arnold.

O senhor Arnold era um velho hóspede, que habitava o Scribe praticamente o ano todo.

A telefonista do Scribe e a do George-V se conheciam, do modo como se conhecem as telefonistas, sem nunca se ver.

– Alô! Querida, poderia me passar o coronel Ward?

– Para Arnold?

Os dois homens tinham o hábito de se telefonar muitas vezes ao dia, e a ligação das dez horas da manhã era uma tradição.

– Ele ainda não pediu o café da manhã... Eu o chamo mesmo assim?

– Espere... vou perguntar ao meu hóspede.

O pino passou de uma entrada a outra.

– Senhor Arnold? O coronel ainda não pediu o café da manhã...

Peço para que o acordem?

– Ele não deixou nenhuma mensagem?

– Não me disseram nada.

– Já são dez horas?

– Dez e dez...

– Acorde-o...

O pino, novamente.

– Acorde-o, minha cara... Azar se ele resmungar...

Silêncio na linha. A telefonista do Scribe teve tempo de fazer outras três ligações, uma delas com Amsterdã.

– Alô! Querida, você não está esquecendo do meu coronel?

– Estou chamando sem parar. Ele não responde.

Alguns instantes mais tarde, o Scribe chamava ainda o George-V.

– Escute, querida. Eu disse a meu hóspede que o coronel não responde. Ele diz que é impossível, que o coronel espera sua ligação telefônica às dez horas, que é muito importante...

– Vou chamá-lo outra vez.

Em seguida, depois de uma vã tentativa:

– Espere um momento, vou perguntar ao recepcionista se ele saiu.

Um silêncio.

– Não. A chave dele não está no painel. O que você quer que eu faça?

Em seu apartamento, John T. Arnold se impacientava.

– Pois então, senhorita! Você está se esquecendo da minha ligação?

– Não, senhor Arnold. O coronel não responde. O recepcionista não o viu sair, e a chave não está no painel...

– Que mandem o garçom bater na porta dele...

Não era mais Jules, mas um italiano chamado Gino, que assumia o turno e ia ao terceiro andar, onde o apartamento do coronel Ward ficava, distando cinco portas daquele da condessa Palmieri.

O garçom voltou a falar com o recepcionista.

– Não respondem, e a porta está fechada à chave.

O recepcionista virou para o seu ajudante.

– Vá ver...

O ajudante, por sua vez, tocou a campainha, bateu, murmurou:

– Coronel Ward...

Em seguida ele tirou uma chave-mestra do bolso e conseguiu abrir a porta.

No apartamento, as janelas estavam fechadas e uma lâmpada permanecia acesa sobre uma mesa da sala. O quarto também estava iluminado, a cama arrumada para dormir, com o pijama estendido.

– Coronel Ward...

Havia roupas escuras em uma cadeira, meias no tapete, dois sapatos, um deles virado, mostrando a sola.

– Coronel Ward!

A porta do banheiro estava encostada. O ajudante do recepcionista primeiro bateu, depois a abriu e disse simplesmente:

– S...!

Era preciso telefonar, e do quarto, mas ele tinha tão pouca vontade de permanecer lá que preferiu sair do apartamento, cuja porta fechou, e, ignorando o elevador, desceu a escada correndo.

Três ou quatro hóspedes rodeavam o recepcionista, que consultava o horário das linhas de aviões transatlânticos. O ajudante falou baixo, à orelha do seu chefe.

– Ele está morto...

– Um instante...

Depois o recepcionista, dando-se conta do significado das palavras que acabava de ouvir:

– O que é que você está dizendo?

– Morto... Na banheira...

Em inglês, o recepcionista se dirigiu aos hóspedes para pedir que aguardassem um minuto. Ele atravessou o saguão, inclinou-se sobre o balcão dos recepcionistas.

– O senhor Gilles está no gabinete?

Fizeram-lhe um sinal que sim, e ele foi bater em uma porta que se encontrava à esquerda.

– Me desculpe, senhor Gilles... Acabo de fazer René subir ao apartamento do coronel... Parece que ele está morto, na banheira...

O senhor Gilles vestia calças com risca de giz e uma jaqueta preta de lã escocesa. Ele virou-se para a secretária:

– Chame imediatamente o doutor Frère. Ele deve estar ocupado fazendo suas visitas. Que deem um jeito de encontrá-lo...

O senhor Gilles sabia, ele, de coisas que a polícia ainda ignorava. O recepcionista, senhor Albert, também.

– O que é que você pensa disso, Albert?

– O mesmo que o senhor, sem dúvida...

– Você foi informado, a respeito da condessa?

Um sinal de cabeça foi o suficiente como resposta.

– Vou subir...

Mas, como ele não tinha vontade de ir lá sozinho, escolheu para que o acompanhasse um dos jovens de casaca, cabelos

engomados, da recepção. Ao passar diante do recepcionista, que havia reassumido o posto, ele lhe disse:

– Avise a enfermeira... que ela desça imediatamente ao 347...

O saguão não estava vazio, como à noite. Os três americanos não paravam de discutir sobre que avião iriam tomar. Um casal, que acabava de desembarcar, preenchia sua ficha na recepção. A florista estava no seu canto, e a vendedora de jornais, não longe do encarregado dos bilhetes de teatro. Nas poltronas, algumas pessoas esperavam, entre outras a principal vendedora de um grande costureiro, com um portfólio de vestidos na mão.

Lá em cima, na soleira do banheiro do 347, o gerente não ousava mais olhar para o corpo obeso do coronel, deitado de uma forma ridícula na banheira, a cabeça debaixo da água, só o ventre emergindo.

– Me chame a...

Ele pensou melhor, ouviu tocar o telefone na peça vizinha, correu.

– Senhor Gilles?

Era a voz da telefonista.

– Encontrei o doutor Frère na casa de um de seus pacientes, Rue François-Ier. Ele vai estar aqui em alguns minutos.

O jovem da recepção perguntava:

– Quem é que devo chamar?

A polícia, evidentemente. Em caso de acidente desse tipo, era indispensável. O senhor Gilles conhecia o comissário do bairro, mas os dois homens não simpatizavam nem um pouco um com o outro. Além disso, os funcionários da corporação agiam às vezes com uma falta de tato irritante num hotel como o George-V.

– Chame a Polícia Judiciária.

– Quem?

– O diretor.

Se eles tinham se encontrado muitas vezes durante jantares, não tinham trocado senão algumas frases, mas isso bastava como apresentação.

– Alô! É o diretor da Polícia Judiciária? Desculpe o incômodo, senhor Benoît... Aqui é Gilles, gerente do George-V... Alô! Aconteceu

que... Quero dizer que acabei de descobrir...

Ele não sabia mais como continuar.

– Infelizmente, trata-se de uma personalidade importante, mundialmente conhecida... O coronel Ward... Sim... David Ward... Um dos membros do meu quadro de pessoal encontrou ele morto, pouco tempo atrás, na banheira. Não sei mais nada, não... Preferi telefonar-lhe imediatamente. Espero pelo médico a qualquer momento... Não vale a pena pedir que...

Discrição, certo. Ele não tinha vontade alguma de ver jornalistas e fotógrafos assediando o hotel.

– Não... Não, é evidente... Prometo que não se tocará em nada... Ficarei eu mesmo no apartamento... Acaba de chegar o doutor Frère... Gostaria de falar com ele?

O doutor, que não sabia ainda de nada, pegou o fone que lhe era alcançado.

– Doutor Frère falando... Alô! Sim... Estava com um doente, e acabo de chegar... O senhor diz... Não posso afirmar que seja um dos meus pacientes, mas sei quem é... Uma única vez, tive de curá-lo de uma gripe benigna... Como? Pelo contrário, muito robusto, apesar da vida que leva... Que levava, se prefere... Desculpe... Eu ainda não vi o corpo... Certo... Sim... Sim... Entendi... Às suas ordens, senhor diretor... Quer falar com ele novamente? Não...

Ele desligou o telefone e perguntou:

– Onde ele está?

– Na banheira.

– O diretor da P.J. pede para ninguém tocar em nada até que ele envie alguém...

O senhor Gilles falava com o jovem empregado da recepção.

– Você pode descer. Fiquem de olho no pessoal da polícia que vai chegar, e façam com que subam de forma discreta... Nada de falatório sobre esse assunto no saguão, por favor... Bem entendido?

– Sim, senhor.

Telefonam ao gabinete de Maigret.

– Você pode vir aqui um instante?

Pela terceira vez desde que havia dado início ao seu relatório sobre o assalto à mão armada, o comissário era interrompido. Ele reacendeu o cachimbo, que tinha deixado apagar, atravessou o corredor, bateu na porta do chefe.

– Entre, Maigret... Sente-se...

Raios de sol começavam a se misturar com a chuva, e alguns deles refletiam-se no tinteiro de cobre do diretor.

– Você conhece o coronel Ward?

– Li seu nome nos jornais. É aquele que tem três ou quatro mulheres, não?

– Acaba de ser encontrado morto na banheira, no George-V.

Maigret nem pestanejou, mergulhado como ainda estava em seu caso de *hold up*. [1]

– Acho melhor você ir lá pessoalmente. O médico, que é de certa forma ligado ao hotel, acaba de me dizer que o coronel gozava ainda ontem de uma excelente saúde, e que até onde sabe nunca tinha sofrido de problemas cardíacos... A imprensa vai se interessar, não apenas a francesa, mas a internacional...

Maigret tinha horror desses casos de personalidades muito conhecidas, nos quais não se podia trabalhar senão cheio de dedos.

– Vou lá – disse ele.

Mais uma vez, o relatório ficaria esperando. Mal-humorado, ele abriu a porta da sala dos inspetores, pensando em quem escolher para ir junto com ele. Janvier estava lá, mas ocupado, ele também, com o assalto à mão armada.

– Vá então até o meu gabinete e tente continuar meu relatório. Você, Lapointe...

O jovem Lapointe ergueu a cabeça, todo feliz.

– Ponha o chapéu. Você vai comigo...

Depois, a Lucas:

– Se alguém me procurar, estou no George-V.

– O caso de envenenamento?

Lucas tinha dito aquilo sem pensar, e corou.

– Que caso de envenenamento?

Lucas gaguejou:

– A condessa...

– Do que é que você está falando?

– Tinha algo nos relatórios, essa manhã, a respeito de uma condessa de nome italiano que tentou se suicidar no George-V. Se eu não lhe disse nada...

– Onde está o relatório?

Lucas deu uma olhada nos papéis amontoados sobre sua mesa, tirando do meio deles uma folha.

– Ela não está morta... É por isso que...

Maigret leu algumas linhas.

– Foi interrogada?

– Não sei. Alguém do 8^o *arrondissement* foi ao Hospital de Neuilly... ainda não sei se ela estava em condições de falar.

Maigret ignorava que, nessa mesma noite, um pouco antes das duas da madrugada, a condessa Palmieri e o coronel David Ward tinham chegado de táxi ao George-V, e que o recepcionista não ficara surpreso quando eles se aproximaram juntos para pegar as chaves.

Jules, o garçom do andar, também não se surpreendera quando, respondendo à campainha do apartamento 332, encontrara o coronel com a condessa.

– O de sempre, Jules! – ele lhe dissera.

Isso significava uma garrafa de Krug 1947 e uma garrafa não iniciada, fechada, de Johnny Walker, pois o coronel desconfiava de uísques que não tivessem sido abertos por ele mesmo.

Lucas, esperando uma reprimenda, ficou ainda mais mortificado quando Maigret lançou-lhe um olhar de espanto, como se tal falta de discernimento fosse inacreditável da parte do seu mais antigo colaborador.

– Vamos, Lapointe...

Cruzaram com uma bandidinha que o comissário tinha intimado.

– Venha me ver de novo essa tarde.

– A que horas, chefe?

– À hora que você quiser...

– Pego um carro? – perguntou Lapointe.

Pegaram um. Lapointe sentou-se ao volante. No George-V, o porteiro tinha sido instruído sobre como recebê-los.

– Deixe que vou mandar estacioná-lo.

Todo mundo tinha sido instruído. À medida que os dois policiais avançavam, as portas se abriam, e num piscar de olhos eles se viram na entrada do apartamento 347, onde estava o gerente, alertado já pelo telefone a respeito da sua chegada.

Maigret não tivera muitas oportunidades de atuar no George-V, mas já fora ali chamado duas ou três vezes, e conhecia o senhor Gilles, cuja mão apertou. O doutor Frère esperava na sala, ao lado do velador, sobre o qual estava a sua maleta preta. Era um homem honesto, muito calmo, que tinha uma clientela importante e conhecia quase tantos segredos quanto o próprio Maigret. A diferença é que ele transitava por um mundo diverso, no qual a polícia só muito raramente tinha a oportunidade de entrar.

– Morto?

Uma piscadela.

– A que horas?

– Só a autópsia pode estabelecer com exatidão, se, como suponho, uma autópsia for requerida.

– Não pode ter sido um acidente?

– Venha ver...

O espetáculo do cadáver nu na banheira agradou tão pouco a Maigret quanto ao senhor Gilles.

– Não mexi nele, pois, do ponto de vista médico, era inútil. À primeira vista, poderia ser um desses acidentes que ocorrem nos banheiros com mais frequência do que se imagina. Alguém escorrega, bate a cabeça na borda e...

– Eu sei... Só que tais acidentes não deixam marcas nos ombros... É o que o senhor quer dizer?

Maigret observara também duas manchas mais escuras nos ombros do morto, parecidas com hematomas.

– O senhor pensa que alguém o ajudou, não é isso?

– Não sei... Prefiro que o médico-legista decida a questão...

– Quando foi a última vez que viu ele vivo?

– Há cerca de uma semana, quando vim aplicar uma injeção na condessa...

O senhor Gilles assumiu um ar sombrio. Tinha ele a intenção de evitar que se falasse nela?

– Uma condessa de nome italiano?

– A condessa Palmieri.

– A que tentou se suicidar na última noite?

– Para falar a verdade, não tenho certeza de que tenha sido uma tentativa convicta. Que ela tomou uma certa quantidade de fenobarbital, isso é certo. Eu sabia, aliás, que ela usava a medicação regularmente para dormir. Ela tomou uma dose exagerada, mas duvido que tenha ingerido uma quantidade suficiente para provocar a morte.

– Um falso suicídio?

– É o que me pergunto...

Tanto um quanto o outro conheciam inúmeros casos de mulheres – quase sempre belas mulheres! – que, depois de uma discussão, de uma decepção, de um caso amoroso, tomavam a quantidade exata de soníferos para produzir os sintomas de envenenamento, sem todavia colocar a vida em perigo.

– Quer dizer que o coronel estava presente quando o senhor aplicou uma injeção na condessa?

– Quando ela estava em Paris, eu lhe aplicava duas por semana... vitaminas B e C. Nada de muito sério... esgotamento... compreende?

– E o coronel?

O senhor Gilles preferiu ele mesmo responder.

– O coronel e a condessa eram muito próximos... Eu sempre me perguntei o motivo por que cada um tinha seu apartamento, pois...

– Ele era amante dela?

– Eles não escondiam a relação, que era mais ou menos oficial. Faz já dois anos, se não me engano, que o coronel pediu o divórcio, e as pessoas do seu meio esperavam que ele casasse com a condessa quando estivesse livre...

Maigret quase perguntou, com pretensa inocência: “Que meio?”.

Mas de que valeria a pergunta? O telefone tocou.

Lapointe olhava para o chefe a fim de saber o que devia fazer.

Era visível que a decoração impressionara o jovem inspetor.

– Atenda...

– Alô! Como? Sim, ele está aqui... Sou eu, sim...

– Quem é? – perguntou Maigret.

– Lucas gostaria de lhe falar.

– Alô! Lucas...

Para corrigir o erro da manhã, Lucas entrara em contato com o Hôpital Américain de Neuilly.

– Eu lhe peço desculpas, chefe... Não vou poder me perdoar...

Ela não voltou ao hotel?

A condessa Palmieri acabava de deixar o quarto do hospital, onde a tinham deixado sozinha, e partira sem que ninguém pensasse em impedi-la.

[1] Roubo violento. Em inglês no original. (N.T.)

CAPÍTULO II

Em que se continua a tratar de pessoas cujos nomes estão sempre nos jornais, mas não entre as banalidades cotidianas

NAQUELE MOMENTO, se produziu um incidente aparentemente insignificante, mas que iria afetar o humor de Maigret durante toda a investigação. Vira Lapointe realmente algo, ou tinha ele atribuído ao comissário uma reação que não ocorrera?

Já um pouco antes, quando o senhor Gilles falara do meio ao qual pertenciam a condessa Palmieri e o coronel Ward, o comissário evitara perguntar:

– Que meio?

Caso ele tivesse feito a pergunta, não teriam percebido em sua voz uma ponta de irritação, de ironia, talvez de agressividade?

Isso lembrara-o de uma impressão que tivera no momento em que iniciava a carreira na polícia. Ele tinha mais ou menos a idade de Lapointe, e fora fazer uma simples verificação no mesmo bairro em que agora estava, entre a Etoile e o Sena, não lembrava o nome da rua.

Era ainda a época dos palacetes, das *maisons de maître*^[1], e o jovem Maigret tinha a sensação de entrar num universo desconhecido. O que mais o impressionara fora a qualidade do silêncio, longe da multidão e da barulheira dos meios de transporte. Ouvia-se apenas o canto dos pássaros, o ruído ritmado do casco dos cavalos montados por amazonas e cavaleiros de chapéu-coco de cor clara, que se dirigiam ao bosque.

Mesmo os prédios arrendados tinham um quê de mistério. Nos pátios, viam-se choferes polindo os carros; às vezes, sob uma soleira ou numa janela, um criado de colete listrado ou um maître de gravata branca.

Sobre a vida dos proprietários, quase todos de nomes conhecidos, que se lia de manhã no *Figaro* ou no *Gaulois*, o inspetor

da época sabia muito pouco, e ele trazia a garganta apertada quando tinha de chamar de um desses pórticos majestosos.

Hoje, no apartamento 347, ele certamente não era mais o principiante de outrora. E a maioria dos palacetes tinha desaparecido, muitas das ruas então silenciosas tinham se tornado ruas de comércio.

Ele ainda assim se encontrava no local que tinha substituído os bairros aristocráticos, e o George-V aí despontava como o centro de um universo singular com o qual ele não estava familiarizado.

Os jornais publicavam os nomes daqueles que, nos apartamentos vizinhos, ainda estavam dormindo ou iam tomar o café da manhã. A própria avenida, a Rue François-Ier e a Avenue Montaigne constituíam um mundo à parte onde, na placa das butiques, se lia o nome de grandes costureiros, e onde, nas vitrines, à entrada de um simples camiseiro, se viam coisas em nenhum outro lugar conhecidas.

Lapointe não estaria também desorientado, ele que vivia num apartamento modestamente mobiliado da Rive Gauche? Não era ele tomado por um respeito irrefletido diante do luxo que acabava de descobrir?

– Um policial, o policial ideal, deve estar à vontade em qualquer ambiente.

Era Maigret quem tinha dito isso um dia e, durante toda a vida, se esforçava por ignorar as diferenças de superfície existentes entre os homens, por quebrar o verniz a fim de descobrir, sob as aparências, o homem nu.

Ora, a despeito disso, nessa manhã alguma coisa o aborrecia na atmosfera que o cercava. O senhor Gilles, o gerente, era um homem admirável, apesar das calças com risca de giz, de uma certa polidez profissional e do seu medo de falatórios, e o mesmo se podia dizer do médico, habituado a atender pessoas ilustres.

Era um pouco como se ele tivesse sentido entre os dois uma espécie de cumplicidade. As palavras que eles pronunciavam eram as mesmas que todo mundo, e no entanto eles falavam uma outra

língua. Quando eles diziam “a condessa” ou “o coronel”, havia aí um significado que escapava ao comum dos mortais.

Eles compartilhavam, em suma, algo de secreto. Ainda que, enquanto comparsas, eles pertencessem a um mundo à parte, ao qual o comissário, por honestidade, não queria se mostrar hostil a priori.

Tudo isso ele refletia de forma confusa, ele antes pressentia, ao desligar o telefone e se voltar para o médico para perguntar:

– O senhor acredita que a condessa seria capaz, por exemplo, de se levantar e sair do hospital sem qualquer ajuda, há cerca de meia hora, depois dos cuidados que recebeu, se ela tivesse realmente ingerido uma dose letal de barbitúricos?

– Ela deixou o hospital?

As persianas do quarto de dormir não tinham sido levantadas, mas as da sala tinham sido abertas, e um pouco de sol, na verdade um reflexo, entrava pelo apartamento. O médico estava em pé ao lado do velador, sobre o qual colocara a maleta. O gerente do hotel se mantinha próximo à porta da sala, e Lapointe à direita de Maigret, um pouco recuado.

O morto não fora retirado da banheira, e o banheiro, cuja porta permanecia aberta, era a peça mais iluminada do apartamento.

O telefone tocou outra vez. O gerente atendeu, depois de olhar de relance para o comissário, como que para pedir permissão.

– Alô! Sim? Sou eu... Ele está subindo?

Todos os olhos se voltavam para ele, e ele pensava no que dizer, o cenho preocupado, quando a porta que dava para o corredor foi aberta.

Um homem de uns cinquenta anos, de cabelos grisalhos, bronzeado do sol, vestindo um terno cinza-claro, olhou uma a uma as figuras reunidas na peça, reconhecendo por fim o senhor Gilles.

– Ah! Aí está o senhor... O que foi que houve com David? Onde ele está?

– Ai de mim, senhor Arnold...

Ele apontou para o banheiro e depois, sem se alterar, passou a falar em inglês.

– Como foi que ficou sabendo?

– Telefonei cinco vezes esta manhã... – respondeu o senhor Arnold na mesma língua.

Era um detalhe que fazia aumentar ainda mais o aborrecimento de Maigret. Ele compreendia o inglês com certa dificuldade, mas estava longe de falá-lo com fluência. Ora, o próprio doutor passou a falar nessa língua.

– Ai de mim, senhor Arnold, não há qualquer dúvida de que esteja morto.

O recém-chegado tinha se instalado na soleira do banheiro, onde permaneceu um bom tempo olhando o cadáver na banheira, remoendo os lábios, como se recitasse uma reza muda.

– Um acidente estúpido, não é?

Sabe Deus por que, ele se valia de novo do francês, que ele falava sem quase nenhum sotaque.

Foi exatamente nesse momento que o incidente ocorreu. Maigret estava perto da cadeira sobre a qual estava jogada a calça do morto. Via-se uma corrente fina de platina, presa a um botão na altura da cintura, no outro canto da qual, dentro do bolso, um objeto devia estar guardado – uma chave ou relógio.

Automaticamente, o comissário estendera a mão para puxar a corrente, por simples curiosidade, e, quando estava na metade do gesto, Arnold tinha se virado para ele, olhando-o com severidade, como que para acusá-lo de um gesto absurdo ou indelicadeza.

Tudo isso foi bem mais sutil do que palavras. Nada mais que um relance, quase sem ênfase, uma mudança de expressão que mal se percebia.

Ora, Maigret soltou a corrente e assumiu um aspecto do qual teve imediatamente vergonha, pois era o aspecto de um culpado.

Tinha Lapointe realmente percebido isso e virado o rosto de forma deliberada?

Eram três, no Quai, a dedicar ao comissário uma admiração quase religiosa, que acabara motivo de pilhéria: Lucas, o mais velho, Janvier, que já fora tão jovem, tão inexperiente, e tão apaixonado quanto Lapointe, e por fim este, o “pequeno Lapointe”, como se dizia.

Tinha ele se desiludido, ou se sentido embaraçado, ao ver o chefe se deixar levar, como ele mesmo, pela atmosfera em que estavam mergulhados?

Maigret reagiu, fechou o cenho, e foi possivelmente uma outra falta de jeito, da qual ele teve consciência, sem poder agir de outra forma.

– Sou eu a pessoa que gostaria de fazer-lhe algumas perguntas, senhor Arnold...

O inglês não lhe perguntou quem ele era, se virou para o senhor Gilles, que explicou:

– O comissário Maigret, da Polícia Judiciária...

Um meneio com a cabeça, vago, nem mesmo polido.

– Posso perguntar-lhe quem é o senhor, e por que veio aqui essa manhã?

Mais uma vez, Arnold olhou para o gerente, com uma expressão de surpresa, como se a pergunta fosse no mínimo surpreendente.

– O senhor John T. Arnold é...

– Deixe que ele mesmo responda, por favor.

E o inglês:

– Podemos passar quem sabe para a sala?

Antes disso, ele foi ainda dar uma olhada no banheiro, como que para cumprir pela última vez seus deveres com o morto.

– O senhor ainda precisa de mim? – perguntou o doutor Frère.

– Desde que eu saiba onde encontrá-lo...

– Mantenho minha secretária informada a respeito de onde vou... O hotel tem meu número de telefone...

Arnold dizia, em inglês, ao senhor Gilles:

– Poderia pedir para que trouxessem um scotch, por favor?

E Maigret, antes de retomar a conversa, tirou o fone do gancho.

– Ligue-me com a Procuradoria, senhorita...

– Como?

Aqui, não se falava a mesma língua do Quai des Orfèvres. Ele deu o número.

– Poderia, por favor, me passar o procurador ou um dos seus substitutos? O comissário Maigret... Sim...

Enquanto ele esperava, o senhor Gilles teve tempo de murmurar:

– O senhor poderia pedir a esses cavalheiros que agissem de forma discreta, que entrassem no hotel como se nada tivesse ocorrido e...

– Alô! Estou no hotel George-V, senhor procurador... Acaba-se de descobrir um morto em um banheiro, o coronel David Ward... Ward, sim... O cadáver ainda está na banheira e certos indícios nos fazem crer que a morte não foi acidental... Sim... Foi o que me disseram...

O procurador dissera, do outro lado da linha:

– O senhor sabe que David Ward é um homem *muito importante*?

De qualquer forma, Maigret ouvia pacientemente.

– Sim... sim... Não vou sair daqui... Houve um outro incidente na última noite, no mesmo hotel... Falamos sobre isso mais tarde... Sim... Até breve, senhor procurador...

Enquanto ele telefonava, um garçom vestido de branco tinha passado rapidamente pelo quarto, e o senhor Arnold estava instalado numa poltrona, tendo acendido um charuto cuja ponta cortara lentamente, com cuidado.

– Eu havia lhe perguntado...

– Quem sou eu e o que faço aqui... Sendo agora a minha vez, lhe pergunto: sabe o senhor quem é... quer dizer, depois de hoje, *quem era* meu amigo David Ward?

Talvez não se tratasse de insolência, mas de uma autoconfiança inata. Arnold estava à vontade. O gerente não queria interromper, e o fez enfim da forma como um colegial, em aula, pede licença para ir ao banheiro.

– Os senhores me desculpem... Eu gostaria de saber se posso descer para passar algumas orientações...

– Estamos esperando pela Procuradoria.

– Entendo, está bem...

– A presença do senhor será necessária. Espero também os especialistas da Identificação Judiciária, os fotógrafos, e ainda o médico-legista...

– Posso pedir que pelo menos uma parte desses senhores entre pela porta de serviço? O senhor precisa entender, comissário... Se houver muita movimentação no saguão e se...

– Eu compreendo...

– Eu agradeço...

– Vão lhe trazer o uísque sem demora, senhor Arnold... Os senhores talvez também queiram alguma coisa?

Maigret fez que não com a cabeça e em seguida se arrependeu, pois um gole de álcool também lhe teria agradado.

– Sou todo ouvidos, senhor Arnold... O senhor dizia...

– Eu dizia que o senhor com certeza já leu o nome de meu amigo David nos jornais, como todo o mundo... O mais frequente é que esteja precedido do termo "milionário"... O "milionário inglês"... E, se calculamos em francos, a expressão é exata... em libras, não...

– Que idade ele tinha? – interrompeu Maigret.

– Sessenta e três anos... David não fez sua fortuna sozinho mas, como se diz entre nós, ele nasceu com uma colher de prata na boca... Seu pai já era dono das maiores trefilarias de Manchester, fundadas por seu avô... O senhor me compreende?

– Estou ouvindo.

– Não vou dizer que o negócio andava por si, e que David não precisava dedicar-se a ele, mas exigia-lhe o mínimo de atividade, uma reunião, de tempos em tempos, com seus diretores, com os conselhos administrativos, e assinaturas a dar...

– Ele não morava em Manchester?

– Quase nunca.

– Pelo que vi nos jornais...

– Os jornais escolhem de forma definitiva duas ou três dúzias de personalidades das quais eles relatam os menores fatos e gestos. Isso não quer dizer que tudo que eles falem seja correto. Assim, no que diz respeito aos divórcios de David, imprimiram-se muitas informações inexatas... Mas não é isso que eu gostaria de lhe fazer entender... Por ele ter herdado uma enorme fortuna, um negócio solidamente estabelecido, a maioria das pessoas pensava que David não tinha mais nada a fazer senão passar o tempo todo se divertido em Paris, em Lausanne ou em Roma, frequentando cabarés e pistas de corrida, rodeado de mulheres bonitas e de personalidades tão conhecidas quanto ele... Ora, isso não era assim...

O senhor Arnold fez uma pausa, contemplou por um instante a cinza branca do charuto, fez um sinal ao garçom que entrava e pegou a garrafa de uísque da bandeja.

– O senhor me permite?

Depois, se acomodando na poltrona:

– Se David não levou, em Manchester, a vida habitual de um grande industrial inglês, foi porque, justamente, sua situação lá estava previamente estabelecida. Ele precisava apenas dar continuidade à obra do seu pai e de seu avô, o que não lhe interessava. O senhor compreende isso?

E, pela forma como ele fitava o comissário e o jovem Lapointe, parecia que ele considerava os dois homens incapazes de compreender tal sentimento.

– Os americanos têm um termo que nós ingleses raramente utilizamos... Eles dizem “playboy”, o que significa um homem rico cujo único objetivo na vida é se divertir, passando do polo aos esportes de inverno, às corridas de regata, frequentando cabarés acompanhado de gente bonita...

– A Procuradoria deve estar chegando – observou Maigret, consultando o relógio.

– Peço desculpas por lhe dizer tudo isso, mas o senhor me fez uma pergunta à qual é impossível responder em poucas palavras... Talvez minha intenção seja também a de lhe prevenir algumas gafes... é assim que vocês dizem, não? Longe de ser um playboy, e

não enquanto proprietário das Trefilarias Ward, de Manchester, mas pessoalmente, David Ward estava envolvido em vários tipos de negócios... Só que ele não achava necessário se enfiar oito horas por dia num escritório para trabalhar... Não é exagero afirmar que ele era um empreendedor genial... Ele era capaz de realizar coisas prodigiosas nos locais e momentos mais inusitados...

– Por exemplo?

– Um dia em que passeávamos juntos pela Riviera Italiana, no seu Rolls, uma pane nos obrigou a parar num albergue muito modesto. Enquanto preparavam nossa comida, David e eu saímos para caminhar nos arredores. Isso foi há vinte anos. Na mesma noite, estávamos de volta a Roma, mas, alguns dias depois, David me influenciou a comprar dois mil hectares de terra, em parte cobertos por vinhas... Hoje em dia, há lá três grandes hotéis, um cassino, as praias mais bonitas da costa, ladeadas por cidadezinhas... na Suíça, perto de Montreaux...

– Em suma, o senhor era o seu homem de negócios...

– Seu amigo e seu homem de negócios, se assim lhe agrada... Antes de mais nada seu amigo, já que quando o conheci eu nunca tinha me envolvido com negócios ou finanças...

– O senhor também está hospedado no George-V?

– Não, estou no Hotel Scribe. Isso pode lhe parecer estranho mas, em Paris, como em outros lugares, nós ficamos quase sempre em hotéis diferentes. David é muito zeloso com aquilo que se chama "privacidade"...

– É pela mesma razão que a condessa Palmieri ocupava um apartamento do outro lado do corredor?

Arnold corou.

– Por essa razão e também por outras...

– Isso quer dizer...?

– É uma questão de polidez...

– Não era conhecida de todos a relação deles?

– Todo mundo falava dela, para ser exato.

– E realmente existia?

– Suponho que sim. Nunca perguntei sobre o assunto.

– Mas vocês eram íntimos...

Foi a vez de Arnold se sentir incomodado. Ele também deve ter percebido que eles não falavam a mesma língua, que não tinham o mesmo ponto de vista.

– Quantas mulheres legítimas ele teve?

– Somente três. Os jornais lhe atribuíam mais. Bastava que conhecesse uma mulher e aparecesse algumas vezes com ela para anunciarem um novo casamento.

– As três mulheres estão vivas?

– Sim.

– Ele tem filhos com elas?

– Dois. Um filho da segunda mulher, chamado Bobby, que tem dezesseis anos e está em Cambridge. E Ellen, filha da terceira.

– Como era a relação dele com elas?

– Com suas ex-mulheres? Excelente. Ele era um gentleman.

– Ele costumava vê-las?

– Várias vezes...

– Elas são ricas?

– A primeira, Dorothy Payne, que é de uma família importante da indústria têxtil de Manchester.

– E as outras duas?

– Ele atendeu às necessidades delas.

– De forma que nenhuma delas tinha interesse na morte dele?

Arnold franziu o cenho, como se não compreendesse, pareceu chocado.

– Por que diz isso?

– E a condessa Palmieri?

– Ele teria casado com ela, sem dúvida, logo que terminasse de se divorciar de Muriel Halligan.

– Quem o senhor acha que teria interesse na morte dele?

A resposta veio tão rápida quanto foi precisa.

– Ninguém.

– O senhor não sabia da existência de nenhum inimigo?

– Só conhecia amigos.

– Faz muito tempo que ele estava hospedado no George-V?

– Espere um pouco... Hoje é dia sete de outubro...

Ele tirou do bolso uma cadernetinha vermelha, uma cadernetinha bonita, de couro macio, com os cantos em ouro.

– Nós chegamos no dia dois, de Cannes... Anteriormente, tínhamos estado em Biarritz, depois de deixar Deauville, no dia dezessete de agosto... Devíamos voltar a Lausanne no dia treze...

– Para tratar de negócios?

Mais uma vez, Arnold fitou Maigret com um olhar de desespero, como se aquele homem de físico reforçado fosse definitivamente incapaz de compreender as coisas mais simples.

– David tem um apartamento em Lausanne e mora lá, inclusive.

– E o que faz aqui?

– Ele também tem esse apartamento à sua disposição durante o ano, como tem um em Londres e outro no Carlton em Cannes...

– E em Manchester?

– Ele é dono da propriedade dos Ward, uma enorme habitação de estilo vitoriano onde, creio eu, ele não passou mais do que duas ou três noites em trinta anos... Ele não suportava Manchester...

– O senhor conhece bem a condessa Palmieri?

Arnold não teve tempo de responder. Escutaram-se passos, vozes no corredor. O senhor Gilles, mais intimidado do que por Maigret, precedia o procurador da República e um jovem juiz de instrução com quem o comissário ainda não tinha trabalhado. Ele se chamava Calas e tinha a aparência de um estudante.

– Eu lhes apresento o senhor Arnold...

– John T. Arnold – completou ele, levantando.

Maigret acrescentou:

– Amigo íntimo e homem de negócios do morto.

Como se estivesse contente de por fim poder tratar com alguém importante, e que fosse quem sabe do seu meio, Arnold disse ao procurador:

– Eu tinha um encontro essa manhã às dez horas com David. Mais precisamente, eu devia telefonar a ele. Foi assim que fiquei sabendo da sua morte. Aqui, me disseram que não parece ser o caso de um acidente, e imagino que a polícia tenha razão em falar

dessa maneira. O que gostaria de pedir-lhe, senhor procurador, é que não deixe que façam muito barulho ao redor do caso. David era um homem muito importante, e não é fácil dizer que repercussões sua morte vai causar, não somente na Bolsa, mas em diversos locais.

– Seremos tão discretos quanto for possível – murmurou o procurador. – Não é mesmo, comissário?

Maigret baixou a cabeça.

– Suponho – continuou Arnold – que o senhor tenha perguntas a me fazer.

O magistrado lançou um olhar para Maigret, depois para o juiz de instrução.

– Quem sabe daqui a alguns instantes... Eu não sei... No momento, creio que o senhor pode ficar à vontade...

– Se precisarem de mim, estarei lá embaixo... no bar...

A porta trancada, olharam-se preocupados.

– Caso complicado, não é mesmo? – disse o procurador. – O senhor tem alguma pista?

– Nenhuma. A não ser, na noite passada, a tentativa de suicídio, por envenenamento, de uma condessa, chamada Palmieri, amante de Ward, e que ocupava um apartamento no final do corredor. O médico pediu que a levassem ao Hôpital Américain de Neuilly, onde deram a ela um quarto privativo. A enfermeira ia vê-la de meia em meia hora. De repente, ela encontrou o quarto vazio...

– A condessa desapareceu?

Maigret fez que sim com a cabeça e acrescentou:

– Pedi para que vigiem as estações, os aeroportos e as diversas saídas de Paris.

– Curioso, não é mesmo?

Maigret deu de ombros. O que ele poderia dizer? Tudo era curioso nesse caso, a começar pelo morto, que tinha nascido com uma colher de prata na boca, e que fazia negócios frequentando pistas de corrida e boates noturnas, e depois esse homem de negócios, mundano, que lhe falava como um professor a um aluno estúpido.

– Gostaria de vê-lo?

O procurador, um magistrado extremamente distinto, pertencente à velha nobreza, confessou:

– Telefonei ao Ministério dos Negócios Estrangeiros... David Ward era realmente uma pessoa bem importante. Seu título de coronel lhe foi outorgado durante a guerra, da qual ele participou numa divisão do Serviço de Inteligência... O senhor acredita que isso pode ter relação com a morte dele?

Passos no corredor, batidas na porta, enfim a chegada do doutor Paul, maleta na mão.

– Tinha já imaginado que me fariam usar a entrada de serviço... É o que está para ocorrer com o pessoal da Identificação Judiciária... Onde está o cadáver?

Ele apertou a mão do procurador, a de Calas, o jovem juiz, e enfim a de Maigret.

– E então, velho cúmplice?

Ele tirou o casaco e arregaçou as mangas da camisa.

– Um homem? Uma mulher?

– Um homem...

Maigret apontou para o banheiro e ouviu-se uma exclamação do doutor. O pessoal da Identificação Judiciária também chegava, trazendo seus instrumentos, e Maigret tinha de recebê-los.

No George-V, como em outros lugares, tratando-se de David Ward ou de qualquer outra vítima de crime, a mesma rotina tinha de ser seguida.

– Posso abrir as venezianas, chefe?

– Sim. Essa garrafa não é relevante. Acabam de trazê-la para uma testemunha.

O sol, a partir de então, invadia não somente a sala, mas o quarto, amplo e agradável, onde se viam quantidades de pequenos objetos de uso pessoal, quase todos raros e preciosos.

Por exemplo, o despertador, na mesinha de cabeceira, era um Cartier de ouro, assim como a caixa de charutos sobre a cômoda, enquanto que a nécessaire era de uma marca londrina famosa.

No guarda-roupa o inspetor contou dezoito ternos, e sem dúvida havia mais outros tantos nos apartamentos de Ward em Cannes, em Lausanne, em Londres...

– Podem me mandar aqui o fotógrafo – ouviu-se a voz do doutor Paul.

Maigret observava tudo, registrando os menores detalhes do apartamento e do que havia nele.

– Telefone a Lucas para ver se ele tem alguma novidade – disse ele a Lapointe, que parecia um pouco perdido no meio do tumulto.

Haviam três telefones, um na sala, o outro na cabeceira da cama e o terceiro no banheiro.

– Alô! Lucas? Aqui é o Lapointe...

Diante da janela, Maigret conversava em voz baixa com o procurador e o juiz de instrução, enquanto que o doutor Paul e o fotógrafo permaneciam invisíveis, junto à banheira.

– É preciso ver se o doutor Paul confirma a opinião do doutor Frère... Segundo ele, os hematomas...

Finalmente surgia o médico-legista, como sempre jovial.

– Na espera do meu relatório e, provavelmente, da autópsia, pois imagino que ela seja requerida, posso dizer o seguinte: *primo*, esse sujeito estava feito para viver pelo menos oitenta anos; *secundo*, ele estava suficientemente bêbado ao entrar na banheira; *tertio*, ele não escorregou, e a pessoa que o ajudou a passar desse mundo ao outro empregou uma energia considerável para mantê-lo debaixo da água. É tudo o que posso dizer no momento. Se quiserem enviá-lo ao Instituto Médico Legal, tentarei descobrir mais coisa...

Os dois magistrados se entreolharam. Autópsia, sim ou não?

– Ele tem família? – perguntou o procurador a Maigret.

– Pelo que entendi, ele tem dois filhos, os dois menores de idade, e o divórcio com sua terceira mulher ainda não estava terminado.

– Ele tinha irmãos, irmãs?

– Só um momento...

Ele ergueu o telefone mais uma vez. Lapointe sinalizava que precisava lhe falar, mas o comissário pedia agora que lhe passassem para o bar.

– O senhor Arnold, por favor.

– Um instante...

Um pouco mais tarde, Maigret informou ao magistrado:

– Nenhuma irmã. Um irmão, assassinado na Índia aos 22 anos de idade... Tem ainda alguns primos com os quais não mantinha relação alguma. O que você quer, Lapointe?

– Lucas me passou uma informação que acabaram de lhe dar. Essa manhã, perto das nove horas, a condessa Palmieri, do seu quarto, pediu à telefonista que fizesse várias ligações.

– Anotaram os números?

– Não os de Paris, que eram dois ou três, parece, para um dos quais ela ligou duas vezes. Mas ela ligou também para Montecarlo...

– Qual o número?

– Do Hotel de Paris...

– Não sabem para quem?

– Não. O senhor quer que me informe com o Hotel de Paris?

Continuavam sempre no mesmo tipo de ambiente. Aqui, o George-V. Em Montecarlo, o hotel mais luxuoso da Côte d'Azur.

– Alô! Senhorita, ligue por favor para o Hotel de Paris, em Montecarlo... Como?

Ele se virou para o comissário, atrapalhado.

– Ela pergunta na conta de quem deve ser colocada a ligação.

E Maigret, irritado:

– Na de Ward... ou na minha, se ela preferir...

– Alô! Senhorita... A ligação é para o comissário Maigret...

Sim... Obrigado...

Desligado o telefone, ele disse:

– É preciso esperar dez minutos.

Em uma gaveta, encontraram cartas, algumas em inglês, outras em francês ou em italiano, fora de ordem, cartas de mulheres e de negócios misturadas, convites para coquetéis e jantares. Numa outra gaveta, documentos mais bem organizados.

– Vamos levá-los?

Maigret fez um sinal de que sim, depois de uma troca de olhares com o juiz Calas. Eram onze horas e o hotel começava a

acordar, ouviam-se campainhas, os empregados que iam e vinham, sem cessar, o ruído do elevador.

– O senhor acredita, doutor, que uma mulher teria sido capaz de manter a cabeça dele debaixo da água?

– Isso depende da mulher.

– Eles a chamam de pequena condessa, o que dá a entender que ela é na verdade miúda.

– Não é uma questão nem de altura nem de tamanho – resmungou o doutor Paul, bem-humorado.

E Maigret:

– Seria bom darmos uma olhada no apartamento 332...

– No 332?

– O apartamento da tal condessa.

Eles encontraram a porta fechada, precisaram procurar uma camareira. Já fora feita a limpeza do apartamento, que tinha também uma sala, menor que a do 347, um quarto e um banheiro.

Embora tivessem aberto a janela, ainda pairava no ar um cheiro de perfume e álcool e, se tinham levado a garrafa de champanhe, a de uísque, três quartos cheia, permanecera sobre o velador.

O procurador e o juiz, educados demais ou muito tímidos, hesitavam sob a soleira, ao passo que Maigret abria armários e gavetas.

O que ele descobria era, numa versão feminina, aquilo que ele tinha descoberto no apartamento de David Ward: objetos de luxo encontrados apenas em revistas caras, e que são como que o símbolo de um certo padrão de vida.

Sobre a penteadeira, esquecidas como coisas sem importância, estavam joias, um bracelete de diamantes com um relógio minúsculo, brincos e anéis somando cerca de vinte milhões.

Aqui também, papéis dentro de uma gaveta, convites, faturas de costureiros e modistas, folhetos, informativos da Air-France e da Pan-American.

Nenhuma carta pessoal, como se a pequena condessa não escrevesse nem recebesse correspondência. Por outro lado, num

armário, Maigret contou 28 pares de sapatos, alguns dos quais nunca tinham sido usados, e cujo tamanho lhe confirmava que a condessa era realmente miúda.

Lapointe correu.

– Estou com o Hotel de Paris no telefone. A telefonista toma nota das ligações que ela faz, mas não daquelas que os hóspedes recebem, a não ser que estejam ausentes e que seja preciso deixar uma mensagem. Ela recebeu mais de quinze ligações de Paris essa manhã e não tem como dizer a quem esta que procuramos foi dirigida.

Lapointe acrescentou, receoso:

– Ela me perguntou se está tão quente aqui quanto lá. Parece que...

Não lhe deram mais atenção, e calou-se. O pequeno grupo retornava ao apartamento de David Ward, onde desfilava um estranho cortejo. O diretor, que tinha sem dúvida sido previamente alertado, marchava à frente, como um batedor, atento a qualquer porta que pudesse de repente se abrir. Tinha ao seu lado um dos empregados de uniforme azul-celeste, para lhe dar apoio e manter a passagem livre.

Quatro homens vinham atrás, carregando a maca, sobre a qual o corpo de David Ward, ainda nu, estava coberto por uma manta.

– Por aqui... – dizia o senhor Gilles, com uma voz abafada.

Ele caminhava na ponta dos pés. Os carregadores avançavam com precaução, evitando bater nas paredes e portas.

Eles se dirigiam para um dos elevadores, mas através de um corredor mais estreito que os outros, com a pintura já amarelada e sem brilho, que levava ao elevador de serviço.

David Ward, que fora um do hóspedes mais eminentes do hotel, o deixava pelo caminho dos baús e bagagens pesadas.

Houve um silêncio. Os magistrados, que não tinham mais nada a fazer, receavam entrar no apartamento.

– Tome conta de tudo, Maigret – suspirou o procurador.

Hesitou um momento, disse mais baixo:

– Seja prudente... Trate de evitar que os jornais... enfim, acho que me entende... O ministério me recomendou...

As coisas tinham sido mais simples, quando, por volta do mesmo horário, no dia anterior, Maigret fora à Rue de Clignancourt, visitar o cobrador, pai de três filhos, que levava duas balas no abdômen ao tentar salvar sua bolsa contendo a quantia de oito milhões.

Ele não tinha deixado que o levassem ao hospital. Se fosse o caso de morrer, preferia permanecer no quartinho com papel de parede de flores rosa, onde era cuidado pela mulher e ao qual seus filhos se dirigiam na ponta dos pés, depois de voltar da escola.

Para aquele caso, havia uma pista: o boné alpino abandonado nas proximidades do crime, que acabaria levando aos culpados.

Mas no caso de David Ward...

– Acho – disse Maigret subitamente, como se falasse consigo mesmo – que vou dar uma volta até o Orly.

Talvez por causa dos informativos da Air-France e da Pan-American encontrados na gaveta, ou quem sabe por causa do telefonema a Montecarlo?

Talvez porque, depois de tudo, ele precisasse tomar alguma atitude, não importava qual fosse, e porque o aeroporto parecia estar nos planos de uma pessoa como a condessa.

[1] Solares, em destaque no original. (N.T.)

CAPÍTULO III

A respeito das idas e vindas da pequena condessa e dos escrúpulos de Maigret

ELE NÃO CONSEGUIRIA deixar o George-V tão rápido quanto intencionava. O jovem Lapointe, que fora dar uma busca no quarto da condessa Palmieri, trouxe-lhe uma caixa colorida, de metal, no momento em que ele transmitia, por telefone, certas orientações a Lucas, a fim de ir ao aeroporto. Tratava-se de uma velha caixa de biscoitos ingleses, agora abarrotada de fotografias.

Ela lembrou Maigret da caixa em que sua mãe, quando ele era pequeno, guardava botões, e na qual se ia pescar cada vez que estava faltando algum em alguma roupa. Aquela era uma caixa de chá, enfeitada com letras chinesas, um objeto completamente inusitado na casa de um intendente que jamais bebia chá.

Num armário do 332, o comissário viu bolsas de um maleiro famoso da Avenue Marceau. Os objetos mais corriqueiros – uma calçadeira, por exemplo, ou um peso de papéis – traziam a marca de um fabricante de artigos dos mais luxuosos.

Ora, era em uma simples caixa de biscoitos que a condessa guardava, misturadas, as fotografias dela e de seus amigos, imagens tiradas ao acaso durante viagens, que a mostravam de maiô, a bordo de um iate, provavelmente no Mediterrâneo, ou fazendo esqui aquático, ou ainda na neve, no alto de uma montanha.

Em várias dessas fotografias, ela estava junto do coronel, às vezes sozinha com ele, na maioria dos casos com outras pessoas que o comissário pôde reconhecer, visto serem atores, escritores, gente que aparecia com frequência nos jornais.

– O senhor vai levar a caixa, chefe?

Parecia que Maigret jamais sairia dali, e que ficaria para sempre tomando conta daquele andar do George-V, onde, no entanto, é possível que ele não tivesse mais nada a descobrir.

– Chame a enfermeira. Confirme antes se é a mesma da última noite.

Era a mesma, pelo motivo de que havia somente uma que trabalhava no hotel. Maigret ficou sabendo que seu trabalho consistia principalmente em curar ressacas e aplicar injeções. Fazia já alguns anos que um terço dos hóspedes recebia, por ordem médica, injeções de um tipo ou de outro.

– Me diga, senhorita...

– Genévrier...

Era uma mulher digna e reservada, de idade indefinível e olhos desbotados como os daqueles que dormem pouco.

– Quando a condessa Palmieri deixou o hotel de ambulância, ela estava de roupa de dormir, não?

– Sim. Nós a enrolamos em uma manta. Eu não queria perder tempo vestindo-a. Peguei algumas peças íntimas e outras roupas que pus em sua valise.

– Um vestido?

– Um tailleur azul, o primeiro que achei. Também um sapato e meias, naturalmente.

– Nada mais?

– Uma bolsa, que estava no quarto. Certifiquei-me de que continha um pente, pó de arroz, batom, tudo aquilo de que uma mulher precisa.

– A senhora sabe se essa bolsa continha dinheiro?

– Vi uma carteira, um talão de cheques e um passaporte...

– Um passaporte francês?

– Italiano.

– A condessa é italiana?

– Francesa. Ela se tornou italiana por causa do casamento com o conde Palmieri e suponho que tenha mantido essa nacionalidade. Eu não sei. Essas coisas não têm relação com meu trabalho.

No elevador, havia um homem que Lapointe devorava com os olhos e a quem Maigret acabou reconhecendo como o maior comediante do cinema americano. Depois de tê-lo visto tantas vezes nas telas, também lhe causou uma impressão singular o fato de o encontrar de carne e osso, dentro do elevador, vestido como

todo o mundo, com olheiras e o ar lúgubre de alguém que tivesse bebido demais na véspera.

Antes de se encaminhar ao saguão, o comissário passou pelo bar, onde John T. Arnold se apoiava com os cotovelos diante de uma garrafa de uísque.

– Me acompanhe por um instante até aquele canto.

Havia poucos hóspedes no hotel, a maioria deles com o mesmo ar doentio do ator americano, exceto dois, que discutiam seriamente a respeito da papelada que dispunham sobre um velador.

Maigret passou as fotos, uma a uma, ao seu convidado.

– Suponho que o senhor conheça essa gente. Observei que o senhor está presente em algumas das fotografias.

Arnold conhecia todo mundo, efetivamente, e muitos eram personalidades cujo nome também Maigret conhecia: dois velhos reis que não reinavam mais em seus países, vivendo agora na Côte Azur, uma ex-rainha que morava em Lausanne, alguns príncipes, um diretor de teatro inglês, o proprietário de uma das melhores marcas de uísque, uma bailarina, um campeão de tênis...

Arnold falava deles de uma forma provocadora:

– O senhor não o reconhece? É Paul.

– Que Paul?

– Paul da Iugoslávia. Essa aqui é Nénette...

Nénette não era o apelido de uma atriz ou de alguma cocote, mas o de uma dama do Faubourg Saint-Germain que recebia ministros e embaixadores para jantar.

– E esse aqui, com a condessa e o coronel?

– Jef.

– Jef?

– Van Meulen, da indústria química.

Mais um nome que Maigret conhecia, claro, pois aparecia nas caixas de tinta e em uma série de outros produtos.

Ele estava de calção, usava um imenso chapéu de palha mexicano, e jogava bocha numa praça em Saint-Tropez.

– É o segundo marido da condessa.

– Uma última pergunta, senhor Arnold. O senhor conhece alguém agora hospedado no Hotel de Paris em Montecarlo, a quem a condessa pudesse ter telefonado caso passasse por dificuldades?

– Ela telefonou a Montecarlo?

– Eu lhe fiz uma pergunta.

– Jef, certamente.

– O senhor se refere ao segundo marido dela?

– Ele vive boa parte do ano na Côte. É dono de uma casa de campo em Mougins, perto de Cannes, mas prefere passar a maior parte do tempo no Hotel de Paris.

– Os dois se dão bem?

– Muito bem. Ela ainda o chama de paizinho.

O comediante americano, depois de dar uma volta pelo saguão, dirigiu-se até o balcão do bar, onde, sem que ele pedisse nada, lhe prepararam como de costume um bom copo de gim com suco de tomate.

– Van Meulen e o coronel se davam bem?

– Sempre foram amigos.

– E o conde Palmieri?

– Aparece em uma das fotos que o senhor acaba de me mostrar...

Arnold a procurou. Um jovem moreno, com um bonito cabelo, de sunga de banho, na proa de um iate.

– Também um amigo?

– Por que não?

– Eu lhe agradeço...

Maigret mudou de ideia no momento em que se levantava.

– O senhor sabe quem é o notário do coronel?

Mais uma vez, John T. Arnold deu sinais de impaciência, como se seu interlocutor tivesse feito uma pergunta estúpida.

– Há muitos. Não necessariamente notários no sentido francês do termo. Em Londres, os seus *solicitors*^[1] se chamam MM. Philps, Philps e Hadley. Em Nova York, é a firma Harrison e Shaw que cuida dos seus negócios. Em Lausanne...

– Com qual desses senhores ele pode ter deixado o testamento?

– Ele deve tê-lo deixado um pouco aqui um pouco ali. Ele o modificava com frequência.

Maigret aceitava o uísque que lhe ofereciam, mas Lapointe, por prudência, tomava apenas um copo de cerveja.

– Eu lhe agradeço, senhor Arnold.

– Mas não esqueça daquilo que o avisei. Vá com calma. O senhor vai ver que vão aparecer dificuldades.

Maigret duvidava tão pouco disso que ele só esperava por dias ruins. Todas aquelas pessoas de hábitos extravagantes o irritavam. Ele se dava conta de que estava mal preparado para entendê-las, e de que precisaria de meses para poder se familiarizar com suas atividades.

– Vamos, Lapointe...

Ele atravessou o saguão apressado, sem olhar para os lados, por medo de ser chamado pelo senhor Gilles, de quem ele gostava, mas que não deixaria também de falar de cautela e discrição. O saguão estava cheio naquele momento. Nele falavam-se todas as línguas, fumavam-se cigarros e charutos de todas as nacionalidades.

– Por aqui, senhor Maigret...

O manobrista os levava até o lugar em que ele tinha estacionado o carro da P.J., entre um Rolls e um Cadillac.

Gorjeta, sim ou não? Maigret não deu.

– Para o Orly, meu jovem...

– Certo, chefe...

O comissário teria adorado ir ao Hôpital Américain de Neuilly, interrogar a enfermeira, a recepcionista, a jovem telefonista. Havia uma centena de coisas que ele gostaria de fazer, e deveria. Mas ele não podia estar em todos os lugares ao mesmo tempo, e tinha pressa de encontrar a assim chamada pequena condessa.

E ela era mesmo pequena, miúda, bonita, ele vira nas fotografias. Que idade teria? Era difícil imaginar a partir de fotos

tiradas a maioria em pleno sol, e nas quais seu corpo, mais ou menos nu, de biquíni, aparecia mais do que os traços do rosto.

Ela era morena, com um narizinho arrebitado, olhos vivos, e fazia de propósito poses de menina.

Ele teria jurado, entretanto, que ela se aproximava dos quarenta. Poderia ter descoberto a informação na ficha do hotel, mas não pensara nisso. Andava com muita pressa, com a impressão desagradável de que estava a ponto de sabotar a própria investigação.

– Assim que possível, é preciso que você vá ao George-V pegar a ficha dela – disse ele a Lapointe. – Leve para ampliar a foto mais nítida.

– Vamos entregá-la aos jornais?

– Ainda não. Você vai também até o Hôpital Américain, está entendido?

– Sim. O senhor vai deixar a cidade?

Ele não tinha certeza, mas pressentia que sim.

– Se eu viajar, telefone à minha mulher.

Ele tinha viajado de avião umas quatro ou cinco vezes, já fazia algum tempo, e ele quase não reconheceu o Orly, que fora aumentado, e onde havia mais movimento do que, por exemplo, na Gare du Nord ou na Gare Saint-Lazare.

A diferença era que aqui não se saía, por assim dizer, do George-V ouvindo-se falar todas as línguas e vendo gorjetas sendo dadas em todas as moedas imagináveis. Fotógrafos de jornal, reunidos ao redor de um automóvel, batiam fotos de uma celebridade com os braços carregados de flores, e a maior parte das bolsas era da mesma marca cobiçada das malas da pequena condessa.

– Quer que eu espere pelo senhor, chefe?

– Não. Volte à cidade e faça o que lhe pedi. Se eu não chegar a embarcar, retorno num táxi.

Ele se meteu no meio da multidão para evitar os jornalistas e se dirigiu ao saguão, onde estavam alinhados os postos de atendimento das diversas companhias aéreas. Nesse ínterim, dois

aviões tinham tido tempo de pousar, e hindus, alguns de turbante, atravessavam a pista e se dirigiam até a alfândega.

Não paravam de dar avisos pelo alto-falante.

– Senhor Stillwell... Senhor Stillwell... Por favor, compareça ao balcão da Pan-American...

Em seguida o mesmo aviso em inglês, um outro em espanhol, chamando a srta. Consuelo Gonzales.

A sala do comissário especial do aeroporto não era mais onde Maigret a conhecera. Ele por fim a descobriu, abriu a porta.

– Ora! Colombani...

Colombani, em cujo casamento Maigret havia ido, não era mais da P.J. e estava subordinado diretamente ao Ministério do Interior.

– Foi você que pediu que me enviassem um aviso?

O comissário Colombani procurou, na confusão da sua sala, um pedaço de papel sobre o qual o nome da condessa havia sido escrito a lápis.

– Não chegou a vê-la?

– Transmiti a ordem ao pessoal da inspeção... Não me falaram nada até agora... Vou verificar a lista dos passageiros...

Ele entrou num gabinete envidraçado, retornando com um maço de folinhas.

– Um instante... Voo 315, para Londres... Palmieri... Palmieri... P... Não... Nenhum Palmieri entre os passageiros... Você não conhece o destino dela? O avião seguinte: Stuttgart... Também nada de Palmieri... Cairo, Beirute... P... Potteret... Não! Nova York, pela Pan-American... Pittsburgh... Piroulet... Palmieri algum...

– Não saiu nenhum avião para a Côte Azur?

– O avião de Roma, com escala em Nice, sim, às 10h32.

– Você tem a lista dos passageiros?

– Tenho a lista dos passageiros que iam a Roma, porque meus homens conferiram seus passaportes... Eles não cuidam dos que viajam a Nice, os quais não passam pelo mesmo portão, e não precisam cumprir as formalidades relativas à alfândega e identificação.

– É um avião francês?

– Inglês... Veja na BOAC.[2] Vou lhe mostrar onde é.

Os postos das companhias, no saguão, estavam alinhados como bancas de feira, cobertos por painéis nas cores dos diferentes países e com iniciais quase sempre misteriosas.

– A senhorita tem a lista dos passageiros do voo 312?

A moça, uma inglesa cheia de sardas, procurou nos seus documentos, achou uma folha que alcançou a eles.

– P... P... Paaron... Palmieri... Louise, condessa Palmieri... É ela, Maigret?

Maigret se dirigiu à moça.

– Você pode me dizer se essa pessoa embarcou?

– Um instante... Foi um colega que estava aqui no embarque...

Ela saiu do seu posto, meteu-se no meio da multidão e por fim retornou com um rapaz loiro e alto, que falava francês com um forte sotaque.

– Foi você que checkou o bilhete da condessa Palmieri?

Ele disse que sim. Ela fora trazida por alguém da Italian Air-Line. Ela precisava chegar a Nice de qualquer maneira, e tinha perdido o avião da Air-France da manhã.

– É um problema, veja o senhor. Apenas uma ou duas vezes por semana há aviões que fazem esse percurso. As escalas tampouco são as mesmas todos os dias, para certos percursos. Eu disse a ela que, caso houvesse um lugar, quando o avião estivesse para sair...

– Ela foi no avião?

– Sim. Às dez e meia.

– Então chegou a Nice?

O rapaz olhou o relógio no painel em frente.

– Faz meia hora.

– Como foi que ela pagou o bilhete?

– Com um cheque. Ela me explicou que partia desprevenida, e não trazia nenhum dinheiro.

– Vocês têm o hábito de aceitar cheques?

– Quando são pessoas conhecidas.

– Você ainda tem o cheque dela?

Ele abriu uma gaveta, remexeu em alguns papéis, pegou uma folha à qual estava grampeado um cheque azulado. O cheque não era de um banco francês, mas de um banco suíço que tinha uma agência na Avenue de l'Opéra. A caligrafia estava trêmula, irregular, como a de alguém impaciente ou com febre.

– Eu lhe agradeço.

E a Colombani:

– Posso ligar para Nice da sua sala?

– Você pode até mesmo enviar uma mensagem pelo teletipo, e ela será recebida no mesmo momento.

– Prefiro falar.

– Vamos até lá... Trata-se de um caso importante?

– Muito.

– Complicado?

– Temo que sim.

– É com a polícia do aeroporto que você quer falar?

Maigret assentiu.

– Isso vai demorar alguns minutos. Temos tempo de tomar um gole de... Por aqui... Você nos avisa quando tivermos Nice na linha, Dutilleul?

No bar, eles se enfiaram entre uma família brasileira e pilotos de uniforme cinza que falavam francês com um sotaque belga ou suíço.

– O que você vai beber?

– Eu estava tomando uísque. É melhor continuar com essa bebida.

Colombani explicava:

– A mensagem que tínhamos recebido da P.J. não falava de passageiros com destino a um aeroporto francês... Como só cuidamos, em princípio, daqueles de que se tem de conferir o passaporte...

Maigret esvaziou o copo numa virada, pois já o chamavam ao telefone.

– Alô! É da polícia do aeroporto? Aqui é Maigret da P.J... Sim... Não está ouvindo? Alô! Falo o mais claro que posso... Uma mulher

jovem... Alô! A condessa Palmieri... Como *palmier... palmier...* As árvores da Promenade des Anglais... Com um *i* no final... Sim... Ela deve ter desembarcado mais ou menos há meia hora, do avião da BOAC... Sim, o avião que vinha de Londres via Paris... Como? Não escuto nada...

Colombani fez a gentileza de fechar a porta, pois o barulho do aeroporto, incluindo aquele de um avião que se aproximava das enormes janelas, invadia o gabinete.

– O avião acaba de aterrissar? Em atraso, sim... Melhor... Os passageiros ainda estão no aeroporto? Alô! Vá lá depressa... Palmieri... Não... Detenha-a com um motivo qualquer... Verificação de documentos, por exemplo... Vá depressa...

Colombani dizia, experiente:

– Estava mesmo pensando se não haveria um atraso. Há tempestades por todo o trajeto. O avião de Casablanca chegou uma hora e meia em atraso e aquele de...

– Alô! Sim... Como? Você a viu? Como? Foi embora?

Do outro lado da linha ouvia-se também o barulho dos motores.

– O avião está para decolar? Ela está a bordo? Não?

Ele por fim compreendeu que o policial de Nice não fora rápido o suficiente. Os passageiros que vinham de Londres ainda estavam lá, pois precisavam passar pela alfândega, mas a condessa, que embarcara em Paris, fora a primeira a descer, direto para um carro que a estava esperando.

– Um carro com uma placa de origem belga, é isso? Sim, compreendo: um carro grande... com motorista... Não... Nada... Obrigado...

Do Hôpital Américain, ela telefonara a Montecarlo, onde seu segundo marido, Joseph van Meulen, estava provavelmente hospedado no Hotel de Paris. Depois ela dera um jeito de chegar no Orly e pegara o primeiro avião para a Côte. Em Nice, um carro belga esperava por ela.

– As coisas estão se desdobrando tal como você imaginava? – perguntou Colombani.

– A que horas sai o próximo avião para Nice?

– Sai às 13h19... Em princípio, o voo estará fechado, se bem que estamos fora de temporada. Até o último minuto, há sempre um ou dois passageiros que não comparecem... Você quer que eu coloque seu nome...

Sem ele, Maigret teria perdido tempo.

– Tudo certo! Você só precisa esperar. Quando chegar a hora, vão vir chamá-lo. Você vai estar no restaurante?

Maigret almoçou, sozinho, num canto, depois de telefonar a Lucas, que não lhe disse nada de novo.

– Os jornalistas ainda não ficaram sabendo?

– Eu não creio. Esteve um aqui, rondando, pelos corredores, mas era Michaux, que está sempre por aqui, e ele não me disse nada...

– Que Lapointe cumpra aquilo que lhe mandei fazer... Liguei para ele de Nice, depois do meio-dia...

Vieram buscá-lo, conforme o prometido, e ele entrou na fila de passageiros do avião, no fundo do qual tomou um lugar. Ele deixara a caixa de fotografias com Lapointe, não sem antes guardar consigo as que lhe pareciam mais interessantes e, em vez de ler o jornal que a aeromoça lhe oferecia junto com um chiclete, ficou divagando na poltrona.

Teve de esperar que o aviso luminoso à sua frente se acendesse para que pudesse fumar seu cachimbo e abrir o cinto. Logo em seguida, serviram chá e bolinhos, que ele não quis provar.

Os olhos semiabertos, a cabeça recostada de lado sobre o espaldar da poltrona, ele não parecia pensar em nada enquanto o avião voava sobre um tapete espesso de nuvens luminosas. Na verdade, ele se esforçava por recordar os nomes, as fisionomias que, ainda pela manhã, lhe eram tão estranhas como seriam os habitantes de um outro planeta.

Quanto tempo restaria até que a morte do coronel fosse divulgada e a imprensa tomasse conta do caso? A partir daí, começariam os problemas, comuns a todos os casos em que alguém muito visado estava envolvido. Os próprios diários de Londres enviariam repórteres a Paris. De acordo com John T. Arnold, David Ward tinha negócios espalhados pelo mundo todo.

Que sujeito mais estranho! Maigret não o tinha visto senão numa posição lamentável e grotesca, nu na banheira, com o barrigão pálido emergindo, como que flutuando.

Teria Lapointe percebido que em certo momento o comissário se atrapalhara, deixara de estar à altura do caso? Teria sua confiança no chefe sido abalada?

Essas pessoas o incomodavam, isso era um fato. Ele estava como que na situação de um novato que entra num clube, por exemplo, ou numa sala de aula, e tem consciência de estar sem jeito, tem vergonha de não conhecer as regras, os costumes, os termos correntes, imaginando que os outros debocham dele.

John T. Arnold, tão desenvolto, à vontade diante de reis em exílio ou banqueiros, em Londres, em Roma, em Berlim ou em Nova York, devia ter se divertido com a sua falta de jeito, a ponto de tratá-lo de forma condescendente, um pouco apiedada. Pelo menos, era isso que ele pensava.

Como todo mundo, e mais do que a maioria, por causa do seu trabalho, Maigret sabia como se manipulavam certas questões, como se vivia em certos ambientes.

Mas tratava-se de uma consciência teórica. Ele não tinha *experiência* disso. Os menores detalhes o atrapalhavam.

Era a primeira vez que ele tinha a oportunidade de tratar de um mundo à parte, cujos ecos só se escutam pela indiscrição dos jornais.

Existem milionários, para usar o termo consagrado, que são conhecidos como tais, e cujo tipo de vida mais ou menos se adivinha; homens de negócios ou banqueiros que vão todo o dia ao escritório e que, na vida privada, não pensam muito diferentemente do mais comum dos mortais.

Ele supunha compreender agora que esses não estariam no ponto mais alto da escala, que seriam, em suma, os humildes entre as grandes fortunas.

Acima deles estariam homens como o coronel Ward – como Joseph van Meulen, quem sabe –, que quase nunca pisavam num escritório, vivendo em hotéis de luxo, rodeados de mulheres

bonitas, fazendo cruzeiros a bordo de iates, mantendo entre si relações complicadas e tratando, no saguão de um hotel ou num cabaré, de negócios mais importantes do que aqueles de financistas burgueses.

David Ward tivera três mulheres legítimas, cujo nome Maigret tinha anotado na sua caderneta preta. Dorothy Payne, a primeira, era a única a pertencer ao mesmo ambiente que ele, sendo natural também de Manchester. Eles não tinham tido filhos e depois de três anos estavam separados. Ela tinha casado de novo.

Se ela vinha de uma família burguesa, não era para esse mundo que ela retornara depois do divórcio, nem para Manchester. Ela tinha casado com outro Ward, por assim dizer, um que se chamava Aldo de Rocca, magnata da seda artificial na Itália, apaixonado por automóveis, que corria todo ano as 24 Heures du Mans.

Ele também devia se hospedar no George-V ou no Ritz, no Savoy, em Londres, no Carlton, em Cannes, no Hotel de Paris, em Montecarlo.

Como é que tais pessoas poderiam deixar de se encontrar? Existem no mundo vinte ou trinta hotéis de luxo, uma dezena de praias da moda, um número limitado de galas, de Grand Prix ou de Derby. Os fornecedores são os mesmos para todos, joalheiros, costureiros, alfaiates. Até mesmo cabeleireiros e manicures.

A segunda mulher do coronel, Alice Perrin, cujo filho estava em Cambridge, vinha de um ambiente diferente, sendo filha de uma professora de ensino básico de uma cidadezinha em Nièvre, e tendo trabalhado como manequim em Paris, quando Ward a conhecera.

Mas as manequins, justamente, não vivem mais ou menos circulando esse mundo?

Depois do divórcio, ela não voltara a trabalhar, e vivia das rendas que o coronel lhe deixara.

Que tipo de gente ela agora frequentaria?

Seria possível perguntar o mesmo da terceira, Muriel Halligan, filha de um contramestre de Hoboken, uma cidadezinha próxima de

Nova York. Ela vendia cigarros numa boate da Broadway quando David Ward se apaixonou por ela.

Ela vivia em Lausanne, com sua filha, ambas livres de preocupações financeiras.

E John T. Arnold, seria ele casado? Maigret apostava que não. Ele parecia ter nascido para ser o factótum, a eminência parda e o confidente de um homem como Ward. Ele provavelmente pertencia a uma família tradicional inglesa, talvez a uma família muito antiga, que tivesse passado por problemas financeiros. Ele devia ter estudado em Eton ou Cambridge, praticado golfe, tênis, vela, remo. Sem dúvida, antes de conhecer Ward ele andara pelo exército e pelas embaixadas.

Quem poderia dizer se a vida que levava, à sombra do coronel, era aquela para a qual tinha sido feito? Não se aproveitaria ele, discretamente, das aventuras amorosas do seu patrão, assim como ele usufruía do seu luxo?

– Senhoras e senhores passageiros, solicitamos que apertem os cintos e parem de fumar. Em poucos minutos, aterrissaremos em Nice. Esperamos que tenham feito uma boa viagem. *Ladies and gentlemen...*

Maigret se deu ao trabalho de esvaziar o cachimbo no pequeno cinzeiro embutido no braço da poltrona, depois ficou com as mãos agarradas à fivela do cinto. Ele não tinha notado que, fazia já algum tempo, sobrevoavam o mar, numa manobra quase vertiginosa, em que o avião preparava uma virada. Abaixo, os barcos de pesca pareciam brinquedos, e um veleiro de dois mastros deixava atrás de si uma esteira prateada.

– Por favor, permaneçam em seus lugares até a parada completa do avião.

O avião tocava o solo, ricocheteava um pouco, e os motores pareciam mais barulhentos à medida que ele se aproximava do piso branco do aeroporto. Os ouvidos de Maigret zuniam.

O comissário foi um dos últimos a descer, já que ele estava sentado bem ao fundo e uma senhora obesa, na sua frente, precisara correr de volta para resgatar uma caixa de chocolates que tinha esquecido no banco.

Ao pé da escada de acesso, dirigiu-se a ele, tocando no seu chapéu de palha, um rapaz sem casaco, a camisa brilhando sob o sol.

– Comissário Maigret?

– Sim.

– Sou o inspetor Benoît... Não fui eu quem recebeu sua mensagem de hoje de manhã, mas meu colega, cujo lugar agora eu assumo. O comissário do aeroporto pede desculpas por não vir recebê-lo. Ele foi chamado a Nice com urgência.

Eles seguiam, bem afastados, os passageiros que caminhavam depressa até as edificações. O cimento da pista estava quente e se via, sob o sol, uma multidão que, atrás de uma barreira, agitava seus lenços.

– Ficamos bastante atrapalhados e, depois de consultar o comissário, acabei fazendo uma ligação ao Quai des Orfèvres. Falei com um tal de Lucas e ele me disse que estava a par do caso. A senhora que estão procurando...

Ele conferia um pedaço de papel que tinha na mão.

– A condessa Palmieri chegou justo a tempo de tomar o avião da Swissair. Sem saber de mais nada, não ousei impedi-la por conta própria. O comissário também não sabia o que fazer. Fiz uma ligação de urgência à P.J. e o inspetor Lucas...

– Sargento...

– O sargento Lucas, perdão, pareceu-me tão perdido quanto eu. Ela não estava sozinha. Estava acompanhada de um senhor que parecia ser alguém importante. Ele a esperava de carro, e havia telefonado meia hora antes para reservar um lugar no avião para Genebra.

– Van Meulen?

– Não sei. No escritório vão saber lhe informar.

– Em suma, o senhor deixou que ela partisse.

– Fiz mal?

Maigret ficou um tempo em silêncio.

– Não. Creio que não... – suspirou ele por fim. – A que horas é o próximo voo para Genebra?

– Há um só amanhã de manhã. Se o senhor tem de estar lá sem falta, é possível fazer o seguinte. Ainda anteontem, houve um caso parecido. Pegando o avião das 20h40 para Roma, o senhor chega em tempo do voo Roma-Genebra-Paris-Londres e...

Maigret por pouco não deu uma risada, pois teve de repente a impressão de estar em defasagem com a época. Para ir de Nice à Genebra, bastava chegar a Roma, e de lá...

No bar ele viu, como no Orly, pilotos, aeromoças, americanos, italianos, espanhóis. Um menino de quatro anos, que viajava sozinho de Nova York, passava de uma aeromoça a outra, e comia, comenetrado, um sorvete de creme.

– Gostaria de fazer uma ligação.

O inspetor o conduziu ao gabinete apertado da polícia, onde já sabiam quem ele era e o olhavam com curiosidade.

– Para que número, senhor comissário?

– Ao Hotel de Paris, em Montecarlo.

Alguns minutos depois, ele sabia, através do recepcionista do Hotel de Paris, que o senhor Joseph van Meulen estava de fato hospedado num apartamento do hotel, que pelo telefone o tinham chamado até Nice, para onde ele fora com o carro e o motorista, e que acabara de retornar, depois de um bom tempo ausente.

Ele estava tomando banho, e tinha uma mesa reservada para o jantar de gala daquela noite no Sporting.

A condessa Palmieri, bem conhecida no hotel, não tinha sido vista. Quanto à srta. Nadine, ela não acompanhara Van Meulen quando ele saía de carro.

Quem era Nadine? Maigret não fazia ideia. O recepcionista, entretanto, parecia imaginar que o mundo todo soubesse, e Maigret preferiu não perguntar.

– O senhor vai pegar o avião para Roma? – perguntou o inspetor de Nice.

– Não. Vou reservar um lugar na Swissair para amanhã de manhã e devo passar a noite em Montecarlo.

– Vou levá-lo até a Swissair...

Um balcão, no saguão, ao lado de vários outros.

– O senhor conhece a condessa Palmieri?

– É uma de nossas clientes. Acaba de pegar agora mesmo um avião para Genebra.

– Sabe se ela vai desembarcar em Genebra?

– Normalmente ela não fica em Genebra, mas em Lausanne.

Muitas vezes lhe enviamos bilhetes ao Lausanne-Palace...

De uma hora para outra, pareceu a Maigret que Paris era tão grande quanto o mundo era pequeno! Ele levou quase tanto tempo para ir de carro a Montecarlo quanto gastara para vir do Orly.

[1] Em inglês no original. Assim são referidos na Inglaterra e Austrália certos advogados que preparam documentos e representam clientes, desempenhando por vezes a função de tabeliões. (N.T.)

[2] British Overseas Airways Corporation. (N.T.)

CAPÍTULO IV

*Em que Maigret encontra um outro milionário, nu como o coronel,
mas vivo*

TAMBÉM ALI SE evitava chamar atenção ao trabalho da polícia. Ao entrar no saguão, Maigret reconheceu o recepcionista, a quem ele telefonara do aeroporto. Deu-se conta, ao vê-lo, de que era o mesmo que trabalhara num hotel de luxo da Champs-Élysées, com quem ele já tinha tratado inúmeras vezes. Naquela época, ele ainda não reinava atrás do balcão das chaves, nem vestia a casaca comprida mas, mero mensageiro, acorria ao chamado de qualquer cliente.

No saguão do hotel, se viam ainda pessoas em roupa de banho, ao lado de homens de smoking. Diante de Maigret, uma mulher enorme, quase nua, as costas muito vermelhas, segurando um cachorrinho, exalava um cheiro forte de bronzeador.

Em vez de chamar Maigret pelo nome – e jamais ele o chamaria de comissário! –, o recepcionista se dirigiu a ele com uma piscadela discreta e disse:

– Um instante... Já estou tratando disso...

Em seguida tirou o fone do gancho.

– Alô! Senhor Jean?

Os aparelhos, aqui, deviam ser bastante sensíveis, pois o recepcionista falava praticamente em voz baixa.

– A pessoa a respeito da qual lhe falei chegou... Peço para que suba? Certo...

A Maigret:

– O secretário do senhor Van Meulen espera na porta do elevador, no quinto andar, e ele vai levá-lo até...

Era como se lhe fizessem um favor. Um rapaz meticulosamente bem-vestido o esperava de fato no corredor.

– O senhor Joseph van Meulen pede desculpas por ter de recebê-lo durante a sessão de massagem, mas ele tem de sair em seguida. Ele me encarregou de dizer que está encantado de poder conhecê-lo em carne e osso depois de acompanhar atentamente algumas das suas investigações.

Não deixava de ser estranho. Por que o financeiro belga não lhe dizia isso ele mesmo, já que iriam se encontrar face a face?

Maigret foi levado até um apartamento muito parecido com o do George-V, móveis idênticos, mesma disposição das peças, e, não fosse pelo fato de que via o porto e os iates pela janela, o comissário teria acreditado estar em Paris.

– O comissário Maigret – anunciou o senhor Jean, abrindo a porta do quarto.

– Faça o favor de entrar, comissário, e fique à vontade – lhe dizia um homem deitado de bruços, nu como viera ao mundo, sendo massageado com força por um homem de calças brancas e um colete que deixava à mostra os enormes bíceps. – Eu estava esperando por alguma visita desse tipo, mas pensava que se contentariam de enviar algum inspetor daqui mesmo. Que o senhor se dispusesse a vir pessoalmente...

Ele não concluiu o pensamento. Era o segundo milionário que Maigret via no mesmo dia, tão nu quanto o primeiro, o que não parecia constrangê-lo.

Nas fotografias da caixa de biscoitos, muitas pessoas estavam quase nuas, como se, a partir de um certo nível da escala social, a noção de pudor fosse diferente.

O homem devia ser enorme, um pouco gordo, totalmente bronzeado, exceto por uma faixa estreita de pele que a sunga tinha protegido do sol e estava de um branco constrangedor. O comissário não via o rosto, afundado no travesseiro, mas a cabeça, também bronzeada, era calva e lisa.

Sem se importar com o massagista que, a seus olhos, não devia ter relevância alguma, o belga continuava:

– Eu sabia, é claro, que as pegadas de Louise seriam descobertas, e eu mesmo, essa manhã, pelo telefone, disse a ela

que não tentasse se esconder. Veja bem que eu ainda nem sabia o que havia ocorrido. Ela não tinha coragem de me dar detalhes pelo telefone. Além disso, estava tão nervosa... Por acaso a conhece?

– Não.

– É uma criatura singular, uma das mulheres mais curiosas e sedutoras que conheço... Você terminou, Bob?

– Só mais dois minutos, senhor...

O massagista devia ter sido boxeador, pois tinha o nariz achatado, as orelhas amassadas. Seus antebraços e as costas das mãos eram cobertos de pelos muito pretos sobre os quais gotejava suor.

– Suponho que esteja em contato com Paris. Quais são as novas?

O homem falava naturalmente, descontraído.

– A investigação está apenas começando – respondeu Maigret por prudência.

– Não me refiro à investigação. Nos jornais, alguma coisa foi publicada?

– Não que eu saiba.

– Seria estranho se, até agora, nenhum dos Philips, ou pelo menos o mais novo, tivesse pegado um avião para Paris.

– Mas quem os teria avisado?

– Arnold, é claro. E assim que as mulheres souberem...

– O senhor se refere às ex-mulheres do coronel?

– São as primeiras interessadas, não? Não sei onde está Dorothy, mas Alice deve estar em Paris, e Muriel, que mora em Lausanne, deve pegar o primeiro avião... Já chega, Bob... Obrigado... Amanhã no mesmo horário... Não, tenho um compromisso... pode ser às quatro?

O massagista lhe colocou uma toalha amarela sobre o ventre. Van Meulen ergueu-se lentamente, amarrando-a como se fosse uma tanga. De pé, ele era realmente grande, musculoso, com uma ótima condição física para um homem de 65, talvez setenta anos. Examinou o comissário com uma curiosidade que não se deu ao trabalho de dissimular.

– Isso me deixa satisfeito... – disse ele sem se explicar. – Não o incomoda o fato de eu me vestir na sua frente? Sou obrigado a fazê-lo, pois tenho uma mesa de vinte pessoas no gala desta noite. É o tempo de tomar um banho...

Entrou no banheiro, de onde se ouviu a água correr. O massagista arrumou suas coisas numa malinha, vestiu uma jaqueta colorida e saiu depois de lançar, ele também, um olhar curioso sobre Maigret.

Van Meulen já tinha retornado, enrolado num roupão, com gotas de água sobre a cabeça e o rosto. Seu smoking, a camisa de seda branca, meias, sapatos, tudo que ele iria usar estava arrumado sobre um engenhoso cabide que Maigret via pela primeira vez.

– David era um bom amigo, um velho camarada, eu poderia dizer... Nos conhecíamos há mais de trinta anos... deixe-me ver... Trinta e oito anos, na verdade, e estivemos juntos numa série de negócios... Fiquei chocado com a notícia da morte dele, uma morte como essa...

O que chamava atenção era a sua serenidade, uma serenidade tão grande que Maigret não se lembrava de haver encontrado igual na vida. Ele ia e vinha, se arrumava, parecia que estava só e falava consigo mesmo.

Era esse homem que a pequena condessa chamava de “paizinho”, e o comissário começava a compreender por quê. Ele passava uma impressão de solidez. Dava para se apoiar nele. O jovem secretário se mantinha na peça ao lado, onde telefonava. Um garçom que ninguém havia chamado trouxe um copo embaçado contendo um líquido claro, provavelmente um martíni, sobre uma bandeja de prata. Devia ser um dos seus vários hábitos.

– Obrigado, Ludo. Posso lhe oferecer alguma coisa, Maigret?

Ele não dizia *comissário*, não dizia *senhor*, e isso não tinha nada de chocante. Era antes como se ambos estivessem colocados num mesmo nível.

– Pode ser o mesmo drinque.

– Bem seco?

Maigret fez que sim com a cabeça. Seu interlocutor já estava de cuecas, camiseta e meias pretas de seda. Ele procurava pela calçadeira que serviria para enfiar os sapatos envernizados.

– Não chegou a encontrá-la?

– O senhor se refere à condessa Palmieri?

– A Louise, sim... Caso ainda não a conheça, será difícil entender... Sei que não lhe falta experiência com diversos tipos de homens, mas me pergunto se é capaz de compreender da mesma forma as mulheres... Pretende ir vê-la em Lausanne?

Ele não estava fazendo gênero, nem pretendia dar a entender que a condessa estivesse em outro lugar.

– Ela deve ter tido tempo de se acalmar um pouco... Esta manhã, quando ela me ligou do hospital, falava de uma forma tão incoerente que lhe sugeri pegar o primeiro avião e vir me ver...

– Ela foi sua mulher, não é mesmo?

– Por cerca de dois anos e meio. Permanecemos bons amigos. Não havia razão para briga. A salvação foi que essa enfermeira do George-V teve a ideia de colocar algumas roupas e a bolsa de Louise na ambulância, senão ela não poderia ter deixado o hospital. Não havia qualquer dinheiro na bolsa, a não ser troco... Ela foi obrigada, no Orly, a pagar o táxi com cheque, e não só isso... Em suma, pedi que a procurassem no aeroporto, e comemos alguma coisa em Nice, onde ela me contou a história...

Maigret evitava fazer perguntas, preferindo deixar que seu interlocutor falasse à vontade.

– Imagino que não suspeite que ela tenha matado David...

Como Maigret continuou em silêncio, Van Meulen assumiu um ar sombrio.

– Seria um erro grosseiro, Maigret, falo como amigo. E agora me permita uma pergunta. Acreditam mesmo que alguém tenha mantido a cabeça de David submersa?

– Quem lhe disse isso?

– Louise, é claro.

– Mas então ela o viu?

– Ela o viu e nem sonha em negar... Achei que você soubesse... Jean, me alcance por favor as abotoaduras e o peitilho?

De uma hora para outra, ficou preocupado.

– Olha, Maigret, é melhor que eu lhe conte uma coisa, assim evito que a investigação seja desviada e Louise se incomode além do necessário. É ainda uma menina. Pode ter 39 anos, mas vai ser por toda a vida uma criança. E é esse o seu charme. Mas também aquilo que faz com que ela se meta constantemente em confusões.

O secretário o ajudava a colocar as abotoaduras de platina e Van Meulen se sentava diante do comissário, como se acordasse depois de um momento de repouso.

– O pai de Louise era um general, e sua mãe pertencia à pequena nobreza rural. Ela nasceu no Marrocos, creio eu, onde seu pai estava numa guarnição, mas passou a maior parte da juventude em Nancy. Ela já queria independência, e conseguiu que seus pais a enviassem a Paris para estudar história da arte. À sua saúde...

Maigret bebeu um gole do martíni, olhou ao redor em busca de um lugar onde pudesse descansar o copo.

– Pode colocá-lo no chão mesmo, em qualquer lugar... Ela conheceu um italiano, o conde Marco Palmieri, e foi amor à primeira vista. Você conhece Palmieri?

– Não...

– Vai conhecê-lo...

Ele parecia estar certo disso.

– É um conde mesmo, mas sem fortuna. Até onde sei, ele vivia então da generosidade de uma dama de certa idade. Os pais, em Nancy, se zangaram. Louise puxou tanto o saco deles que acabaram por concordar com o casamento. Digamos que esse seja o início de tudo, quando se começou a falar da “pequena condessa”. Eles tiveram um apartamento em Passy, depois um quarto no hotel, outro apartamento, altos e baixos, mas jamais deixaram de comparecer a coquetéis, recepções e outros lugares onde as pessoas se divertem.

– Palmieri explorava a mulher?

Van Meulen hesitou, mas não porque quisesse mentir ou omitir algo.

– Não. Não da forma como você está imaginando. Para começar, ela não teria se sujeitado. Ela era muito apaixonada por

ele, e ainda o é. Não é tão simples de entender, certo? No entanto, é a verdade. Estou mesmo convencido de que Marco a ama, ele também, ou pelo menos não pode viver sem ela. Nem por isso deixavam de brigar. Ela o deixou três ou quatro vezes depois de cenas violentas, nunca por mais de alguns dias. Bastava que Marco reaparecesse, pálido e destroçado, lhe pedindo perdão, e ela caía de volta em seus braços.

– De que eles viviam?

Van Meulen deu de ombros, imperceptivelmente.

– É você quem me pergunta isso? De que vivem as pessoas que cumprimentamos diariamente? Eu a conheci por ocasião de uma dessas brigas. Ela me encantou. Pensei que aquilo não fosse vida para ela, que ela se casaria e em seguida envelheceria ao lado de um homem como Marco. Como eu acabava de me divorciar, propus a ela que nos casássemos.

– Vocês estavam apaixonados?

Van Meulen o fitou sem dizer uma palavra, e seus olhos pareciam repetir a pergunta.

– A mesma história – murmurou ele por fim – se repetiu inúmeras vezes na minha vida, como se repetiu na de David. Isso responde à sua pergunta? Não vou esconder que tive uma conversa com Marco, que lhe ofereci um cheque de uma quantia considerável para que fosse viver na América do Sul.

– E ele aceitou?

– Tive meios de convencê-lo.

– Suponho que ele tivesse cometido certas... gafes?

Mais uma vez, Van Meulen deu de ombros.

– Louise foi minha mulher por quase três anos, e fui muito feliz com ela...

– O senhor sabia que ela amava Marco?

Van Meulen parecia dizer:

– E o que tem isso?

Ele prosseguia com a história.

– Ela me acompanhou por inúmeros lugares, eu viajava muito. Ela saía com meus amigos, alguns dos quais já conhecia. Nem

sempre as coisas andaram tranquilas, e às vezes se complicaram bastante... Creio que ela nutria e ainda nutre uma afeição sincera por mim. Ela me chama de paizinho, o que não me choca, já que tenho mesmo trinta anos a mais do que ela...

– Foi através do senhor que ela conheceu David Ward?

– Sim, através de mim, como você diz.

Uma faísca de ironia fez com que seus olhos brilhassem.

– Não foi David Ward que a tomou de mim, mas Marco, que um dia retornou, magro, miserável, e pôs-se a passar os dias na calçada da frente, como a expressão de um cachorro perdido... Uma noite, ela se lançou nos meus braços em soluços e confessou que...

O telefone tinha tocado no quarto ao lado, e o secretário, que o havia atendido, estava parado sob a soleira.

– O senhor Philips ao telefone.

– Donald ou Herbert?

– Donald...

– O que é que eu tinha lhe dito? É o mais jovem. Ele está ligando de Paris?

– Sim.

– Me alcance aqui o aparelho.

Ele estendeu o braço para pegar o fone, e a conversa se seguiu em inglês. Às questões que lhe colocavam do outro lado da linha, Van Meulen mal respondia...

– Sim... Não... Eu ainda não... Parece que não há nenhuma dúvida quanto a isso... O comissário Maigret, encarregado da investigação, está aqui na minha frente... Vou a Paris para o enterro sim, é claro, apesar de a viagem ser para mim bem inconveniente, pois eu devia partir amanhã para o Ceilão... Alô! Você está falando do George-V? Se ficar sabendo de algo, eu telefono... Não, essa noite terei de sair e não retorno antes das três da manhã... Boa noite...

Ele olhou para Maigret.

– Começou. Philips acaba de vir, como eu tinha previsto. Ele está bem ansioso. Os jornais ingleses já sabem de tudo, e os

repórteres estão em cima dele... Onde eu estava? Ah, preciso terminar de me vestir... Minhas gravatas, Jean...

Trouxeram-lhe seis para que escolhesse, as quais pareciam idênticas, mas que ele examinou cuidadosamente.

– Não havia o que fazer. Eu lhe propus o divórcio e, para que Marco não a deixasse na miséria, eu lhe concedi uma renda modesta em vez de uma grande quantia.

– O senhor mantém contato com ela?

– Com os dois... Isso o surpreende?

Ele fazia o nó de borboleta diante do espelho, o pescoço estendido, o pomo de adão saliente.

– Como era de se esperar, as cenas recomeçavam. Até que, um belo dia, David se divorciou de Muriel e assumiu a função de bom samaritano...

– Mas ele não casou com ela...

– Não teve tempo. Ele esperava que as formalidades do divórcio terminassem... Eu me pergunto, com efeito, como é que vai se resolver isso... Não sei exatamente onde estão, mas, se os papéis não estiverem todos assinados, é possível que Muriel Halligan seja considerada a viúva de David...

– Isso é tudo o que o senhor sabe?

Ele respondeu categoricamente:

– Não. Eu sei também, ao menos em parte, o que se passou na última noite, e prefiro lhe contar antes mesmo que Louise. Antes de mais nada, afirmo que ela não matou David Ward. Para começar, ela seria provavelmente incapaz de...

– Fisicamente?

– Sim, digo nesse sentido mesmo. Moralmente, se cabe usar essa expressão, todos somos capazes de matar, basta haver um motivo suficiente e crer que se vai poder escapar.

– Um motivo suficiente?

– Uma paixão, em primeiro lugar. Ninguém pode negar, pois se veem todos os dias homens e mulheres cometerem crimes passionais... Apesar de que minha opinião a respeito desse assunto seja... mas deixemos isso de lado! Interesse... Caso se tenha um

interesse bem determinado... Ora, esse não seria o caso de Louise, muito pelo contrário...

– A menos que Ward tenha feito um testamento favorecendo a ela ou que...

– Não há nenhum testamento a favor dela, pode acreditar em mim... David é inglês, portanto, um homem de sangue-frio, e ele dá a cada coisa o devido valor...

– Ele era apaixonado pela condessa?

Van Meulen franziu o cenho, incomodado.

– É a terceira ou quarta vez, Maigret, que você pronuncia essa palavra. Tente compreender. David tinha a minha idade. Louise é um animalzinho bonito, divertido, realmente sedutor. Por outro lado, ela fez a lição de casa, se posso assim me expressar, quer dizer, ela adquiriu os hábitos de um certo meio, de um certo tipo de vida...

– Acho que entendo...

– Assim não preciso ser mais específico. Não penso que tais coisas sejam bonitas, mas são humanas. O jornalista não compreendem e, a cada uma de nossas aventuras, falam de paixão à primeira vista... Jean! Meu talão de cheques...

Só lhe faltava vestir o smoking e ele conferia a hora no relógio.

– Na noite de ontem, eles jantaram, sozinhos, num restaurante afastado, foram beber algo num cabaré, não perguntei qual. O azar quis que eles encontrassem Marco na companhia de uma loira enorme, uma holandesa da alta sociedade... Mal se cumprimentaram, apenas de longe. Marco dançou com a loira. Louise ficou nervosa e, quando voltaram ao George-V, ela disse a David, no elevador, que precisava de outra garrafa de champanhe.

– Ela bebe muito?

– Muito. David também, mas somente à noite. Eles conversaram, cada um diante da sua garrafa, pois David só tomava scotch, e suponho que por fim a conversa tenha se tornado incoerente. Depois de alguns copos, Louise é tomada por um complexo de culpa e passa a se acusar de todos os pecados de Israel... Conforme o que ela me contou hoje ao meio-dia, parece ter declarado a David que não era boa o suficiente para ele, que se

desprezava por não passar de uma mulher transtornada, mas que não podia deixar de correr até Marco e implorar que a aceitasse de volta...

– E o que Ward respondeu?

– Nada. É possível que não tenha sequer compreendido. É por isso que lhe perguntei se tinham alguma prova de que alguém o tivesse submergido. Até a meia-noite, uma hora da manhã, ele estaria lúcido. Só começava a beber depois das cinco da tarde. Mas, perto das duas da manhã, ele começava a ficar confuso, e inúmeras vezes me ocorreu que ele pudesse ter um acidente ao tomar banho. Cheguei a sugerir-lhe que tivesse sempre um camareiro por perto, mas ele odiava depender dos outros. Pela mesma razão, ele exigia que Arnold se hospedasse em outro hotel. Me pergunto se não seria algum tipo de pudor... Até essa altura, as coisas decorreram mais ou menos assim. Louise se despiu, colocou um robe e, estando a garrafa de champanhe vazia, é possível que tenha tomado uísque. Ela então se deu conta de que tinha magoado David, e quis pedir-lhe desculpas... Isso é bem típico dela, pode acreditar, eu a conheço... Ela saiu pelo corredor... Ela me jurou ter encontrado a porta aberta... Ela entrou... No banheiro, ela viu aquilo que vocês já sabem e, em vez de avisar alguém, correu de volta para o quarto e se atirou na cama... Ela diz que realmente quis morrer no momento, e é possível que... Tomou então os comprimidos para dormir que ela usava já no meu tempo, principalmente quando bebia...

– Quantos comprimidos?

– Entendo o que quer dizer. É possível que tenha razão. Ela desejava morrer, porque isso resolveria tudo, mas ainda não tinha se desiludido completamente com a vida, não é isso? A intenção bastava, produzia o mesmo efeito... Ela sempre pediu ajuda a tempo... Coloque-se no lugar dela... Tudo aquilo era para ela um pesadelo, em que o real e o irreal se misturavam sem que ela pudesse distinguir... Na clínica, quando voltou a si, ficou diante da realidade nua e crua... sua primeira ideia foi telefonar a Marco, e ela ligou para o seu número... Ninguém respondeu... Ela ligou então para um hotel da Rue Ponthieu, onde ele costumava passar a noite,

quando estava em dias de sorte... Ele também não estava lá... Ela se lembrou de mim... Ela me disse, em frases desconexas, que estava perdida, que David estava morto, que ela sobrevivera, que lamentava não estar igualmente morta, e suplicou que eu fosse até ela... Respondi que era impossível. Depois de tentar em vão obter detalhes sobre o ocorrido, aconselhei que ela fosse até o Orly e pegasse o primeiro avião para Nice... É tudo, Maigret. Fiz com que ela fosse a Lausanne, onde ela está acostumada a ficar, não a fim de livrá-la da polícia, mas para preservá-la do assédio dos jornalistas, dos curiosos, e de todas as confusões que não podem deixar de surgir. Acredito em vocês quando dizem que David foi assassinado. Mas sei que não foi Louise que o matou, e não faço a menor ideia de quem possa ter feito isso. De agora em diante...

Ele enfim vestia o smoking.

– Se perguntarem por mim, estou no Sporting... – disse ele ao secretário.

– O que devo fazer se for de Nova York?

– Diga que pensei no caso, e minha resposta é não.

– Certo, senhor...

– Você me acompanha, Maigret?

Eles pegaram juntos o elevador e, ao chegarem no andar térreo, tiveram a desagradável surpresa de receber o flash de um fotógrafo em pleno rosto.

– Eu deveria ter imaginado – murmurou Van Meulen.

E, empurrando um baixote gordinho que estava do lado do ascensorista e que tentava lhe impedir a passagem, saiu depressa.

– Comissário Maigret?

O baixinho era repórter de um jornal da Côte.

– O senhor tem um minuto?

O recepcionista os observava de longe, franzindo o cenho.

– Podemos sentar num canto...

Maigret tinha experiência suficiente para saber que não adiantava fugir, pois então lhe atribuiriam declarações que ele nunca teria dado.

– Gostaria de ir comigo ao bar tomar alguma bebida?

– Acabo de tomar uma.

– Com Joseph van Meulen?

– Sim.

– É verdade que a condessa Palmieri estava na Côte essa tarde?

– Sim.

O comissário tinha se instalado numa enorme poltrona de couro, e o repórter, bloco na mão, estava face a face com ele, sentado na borda de uma cadeira.

– Suponho que ela seja a suspeita número um.

– Por quê?

– Foi o que nos disseram pelo telefone de Paris.

Alguém devia ter alertado a imprensa, do George-V ou do aeroporto, talvez um dos inspetores do Orly que estivesse mancomunado com o jornal.

– O senhor a perdeu?

– Quando cheguei a Nice, ela já tinha partido.

– Para Lausanne, eu sei.

A imprensa não ficara parada.

– Acabo de telefonar ao Lausanne-Palace. Ela chegou lá, de Genebra, num táxi. Ela parecia acabada. Recusou responder às perguntas dos jornalistas que a esperavam e subiu diretamente ao seu apartamento, o 204.

O jornalista parecia satisfeito de poder dar assim várias dicas ao comissário Maigret.

– Ela pediu que lhe levassem uma garrafa de champanhe, depois chamou por um médico que se espera chegar a qualquer momento. O senhor acredita que ela matou o coronel?

– Sou mais lento do que vocês.

– O senhor vai até Lausanne?

– É possível.

– No avião da manhã? O senhor sabia que a terceira mulher do coronel mora em Lausanne, e que a condessa Palmieri e ela não se suportam?

– Não sabia.

Curiosa entrevista, na qual era o repórter quem dava as notícias.

– Supondo que ela fosse culpada, o senhor não teria o direito de prendê-la?

– Sem um mandado de extradição, não.

– E para obter um mandado de extradição, é preciso fornecer provas cabais?

– Escute, amigo, tenho a impressão de que você está prestes a escrever sua matéria de uma forma improvisada, e não o aconselho a fazer isso. Não é um caso de prisão ou extradição.

– Não se suspeita da condessa?

– Não sei.

– Mas então...

Dessa vez, Maigret se irritou:

– Espere! – disse ele, quase gritando, ao ponto de o recepcionista ter um sobressalto. – Eu não lhe disse nada pela única razão de que não sei de nada, e se ousarem me colocar na boca palavras ambíguas como aquelas que acabaram de ser insinuadas...

– Mas...

– Já chega! – cortou ele, se levantando e caminhando na direção do bar.

Ele estava tão brabo que pediu sem nem se dar conta:

– Um martíni...

O barman devia conhecê-lo através de fotografias, pois o olhava curioso. Duas ou três pessoas empoleiradas no alto de banquinhos viraram-se para ver quem era. Apesar das precauções tomadas pelo comissário, todo mundo já sabia que ele estava no hotel.

– Onde são as cabines telefônicas?

– À esquerda, no corredor...

Ele se fechou, mal-humorado, na primeira.

– Por favor, me ligue com Paris... Danton, 44 20...

As linhas não estavam sobrecarregadas e não era preciso esperar mais do que cinco minutos. Ele deu uma volta pelo corredor, e a campainha o chamou antes do tempo previsto.

– É da P.J.? Poderia passar a ligação para a sala dos inspetores, por favor? Aqui é Maigret... Alô! Lucas ainda está por aí?

Ele imaginava que o bravo Lucas tivesse tido, ele também, um dia tumultuado, e que não dormiria cedo.

– É o senhor, chefe?

– Sim, estou em Montecarlo... Quais são as novas?

– O senhor decerto já sabe que, apesar de todas as nossas precauções, a imprensa já tem conhecimento de tudo.

– Sim, estou sabendo.

– A terceira edição do *France-Soir* saiu com uma enorme matéria de primeira página... Às quatro da tarde, jornalistas ingleses chegaram de Londres, junto com um tal de senhor Philps, uma espécie de advogado ou notário...

– Um *solicitor*.

– É isso... Ele quis ver o chefe pessoalmente... Se fecharam na sala por mais de uma hora... Quando ele saiu, foi atacado, entrevistado, fotografado, e deu uma guarda-chuvada em um fotógrafo cuja máquina ele quis quebrar...

– É tudo?

– Falam da pequena condessa, a amante de Ward. Dizem que ela teria cometido o crime, e que o senhor estaria pessoalmente no encalço dela... Um tal de John Arnold me telefonou... Ele está furioso...

– E depois?

– Os jornalistas tomaram conta do George-V, e agentes foram chamados para botá-los para fora...

– E Lapointe?

– Ele está aqui. Parece ter algo a lhe dizer. Gostaria de falar com ele?

A voz de Lapointe.

– Olá! Chefe? Fui até o Hôpital Americain de Neuilly, como devia. Interroguei a enfermeira, a telefonista, a recepcionista... A essa última, a condessa Palmieri, antes de sair, entregou uma carta que pediu que fosse postada. Estava endereçada ao conde Marco Palmieri, Rue de l'Etoile... Como não descobri nada de importante no hospital, fui até esse endereço... É um apartamento mobiliado bem elegante... Falei com o responsável no prédio, que não

colaborou muito... Parece que o conde Palmieri não voltou para casa na noite de ontem, o que ocorre muitas vezes... Ele retornou às onze da manhã, preocupado, sem nem mesmo passar na portaria para ver se havia alguma correspondência... Menos de meia hora depois, ele saiu de novo, com uma pequena bolsa... Depois disso, não se tem mais notícias suas.

Maigret calava, pois não tinha nada a dizer e sentia que, do outro lado da linha, Lapointe estava aturdido.

– O que devo fazer? Continuo a procurá-lo?

– Se você quiser...

A resposta deixou Lapointe ainda mais confuso.

– O senhor não acredita que...

O que Van Meulen lhe havia dito há pouco? Todo mundo é capaz de matar, basta ter um bom motivo. A paixão... Poderia ser esse o caso, considerando que a condessa tinha estado casada por quase três anos com outro, e que ela era a amante do coronel há mais de um ano? Não estava ela justamente a ponto de largar o coronel para voltar ao primeiro marido?

Interesse? O que é que Palmieri ganharia com a morte de Ward?

Maigret estava um pouco desencorajado, como ocorria inúmeras vezes no início de uma investigação. Há sempre um momento em que os envolvidos parecem personagens irreais, e em que seus gestos e os fatos têm algo de incoerente.

Em tais períodos, Maigret ficava melancólico, mais duro, como que impenetrável. Apesar de ser um dos mais novos na equipe, o jovem Lapointe começava já a ter bastante experiência para se dar conta, mesmo do outro lado da linha, do que estava se passando.

– Farei o meu melhor, chefe... Escrevi uma lista das pessoas que aparecem nas fotografias... Só faltam dois ou três para identificar...

Estava abafado dentro da cabine, e parecia ainda pior porque Maigret não estava vestido para a Côte d'Azur. Ele foi terminar sua bebida no bar, viu as mesas prontas para o jantar no terraço.

– Já se pode jantar?

– Sim. Mas creio que essas mesas estão reservadas. É sempre assim à noite. Daremos ao senhor um lugar na parte de dentro...
Naturalmente! E se tivessem coragem, teriam sem dúvida pedido que jantasse com o pessoal do hotel!

CAPÍTULO V

Em que Maigret finalmente encontra alguém que não tem dinheiro e passa por dificuldades

ELE DORMIU MAL, sem conseguir parar de pensar no ambiente em que estava, o hotel e suas duzentas janelas, o jardim de gramado azulado, emoldurado de lâmpadas, o cassino antiquado como as velhas damas em trajes de outras épocas, que ele tinha visto aparecerem para o jantar, o mar preguiçoso que, de doze em doze segundos – ele tinha contado e recontado, como se contam carneirinhos –, lançava um jato d'água sobre os rochedos da praia.

Os automóveis estacionavam e saíam, fazendo manobras complicadas. Batiam-se portas. Ouviam-se as vozes tão distintamente que se tinha medo de ser indiscreto, e havia ainda os ônibus barulhentos que, sempre lotados, traziam e levavam jogadores, além da música, logo em frente, no terraço do Café de Paris.

Quando, milagrosamente, um curto silêncio se estabelecia, era possível ouvir ao fundo, como uma flauta na orquestra, o ruído discreto, anacrônico, de um fiacre.

Ele havia deixado sua janela aberta, porque estava calor. Mas, como ele não tinha trazido nenhuma bagagem e dormira sem pijama, acabou acordando gelado, e foi fechá-la. Lançou então um olhar de desaprovação às luzes do Sporting, lá adiante, no canto da praia, onde Joseph van Meulen, o “paizinho”, como dizia a pequena condessa, presidia uma mesa com vinte lugares.

Porque seu humor não era mais o mesmo, as pessoas lhe apareciam sob uma luz diferente, e ele se imaginava, se sentia quase humilhado de ter ouvido o financeiro belga como uma criança bem-comportada, por assim dizer, sem ousar interrompê-lo.

Não havia ele, no fundo, se sentido lisonjeado por ser tratado com tanta familiaridade por um homem tão importante?

Diferentemente de John T. Arnold, o inglês baixinho e robusto, de uma autoconfiança irritante, Van Meulen não se comportara como se quisesse lhe dar uma aula de etiqueta, e se mostrara reconhecido por Maigret o procurar pessoalmente.

Parecia dizer a todo o instante:

– Sei que me entende...

Maigret teria feito papel de bobo? *Paizinho... A pequena condessa... David...* E todos esses outros nomes que eles empregavam sem se dar ao trabalho de explicar, como se o mundo inteiro devesse estar a par do seu significado...

Ele se inquietava, se revirava, pesado, na cama, revia de repente o outro, o coronel, nu na banheira, depois o belga, também nu, massageado pelo homem com cabeça de boxeador.

Não eram todos esses sujeitos civilizados demais para estarem acima de qualquer suspeita?

– Qualquer um é capaz de matar, basta ter um motivo suficiente e estar mais ou menos certo de que vai poder escapar.

Mas Van Meulen não pensava que a paixão era um motivo suficiente. Não havia ele, discretamente, dado a entender que, para algumas pessoas, a paixão é uma coisa quase impensável?

“Na nossa idade... Uma mulher jovem, agradável, que fez a lição de casa...”

A *pequena condessa* chamava o médico, se lamentava, se deixava levar ao hospital. Depois, sem ninguém saber, telefonava, primeiro a Paris, a fim de encontrar o primeiro marido, que sempre fora um amante intermitente, e por fim o bom *paizinho* Van Meulen.

Ela sabia que Ward estava morto. Ela tinha visto o cadáver. A pobre pequena não sabia mais a que santo recorrer.

Chamar a polícia? Fora de questão. Tinha os nervos em frangalhos. Poderia a polícia, com suas botas grossas e entendimento limitado, compreender as coisas que se passavam no seu meio?

– Pegue o avião, minha pequena. Venha me ver e lhe direi o que fazer...

Enquanto isso, o outro, John T. Arnold, chegava ao George-V, se multiplicava em recomendações, as quais ele mal se dava ao trabalho de disfarçar.

– Atenção! Não alertem os jornais. Ajam com cuidado. O caso é como uma dinamite. Enormes interesses estão em jogo. O mundo inteiro vai se comover.

Fora ele, entretanto, quem telefonara aos advogados de Londres para que viessem depressa, sem dúvida para ajudá-lo a maquiar o caso.

Van Meulen, tranquilamente, como se fosse a coisa mais natural do mundo, mandava a condessa Palmieri descansar em Lausanne.

Não se tratava de uma fuga. Ela não estava tentando escapar da polícia.

– Ela está habituada a ficar lá... Vai saber evitar o ataque dos jornalistas, a balbúrdia que envolve uma investigação...

E Maigret se daria ao trabalho de tomar outro avião...

Maigret tinha horror a demagogia. Ele não julgava as pessoas com base no dinheiro que tinham, fosse muito ou pouco. Normalmente ele conservava o sangue-frio, mas nesse caso havia inúmeras coisinhas que o deixavam irritado.

Ele ouviu voltarem os convidados da famosa gala, que falavam alto do lado de fora, depois, nos apartamentos, abriam torneiras, deixavam a água correr.

Ele foi o primeiro a levantar, às seis da manhã, e se barbeava com a navalha barata que pedira para que um empregado do hotel comprasse, junto com uma escova de dentes. Foi preciso cerca de meia hora para que conseguisse uma xícara de café. Quando atravessou o saguão, estavam fazendo a limpeza e, ao pedir a conta ao empregado de ar cansado, esse lhe respondeu:

– O senhor Van Meulen pediu que...

– O senhor Van Meulen não tem nada que pedir...

Pagou a conta. Diante da porta, o Rolls do financeiro belga esperava, o motorista segurava a porta aberta.

– O senhor Van Meulen pediu que eu o levasse até o aeroporto...

Ele acabou utilizando o carro, até mesmo porque nunca tinha andado num Rolls. Ia com tempo. Comprou jornais. O de Nice mostrava na capa o seu retrato ao lado de Van Meulen, na frente do elevador.

Legenda: *O comissário Maigret saindo de uma reunião com o milionário Van Meulen.*

– Uma reunião!

Os jornais de Paris publicavam em letras garrafais:

MILIONÁRIO INGLÊS ENCONTRADO MORTO NA BANHEIRA

O termo *milionário* aparecia por tudo.

Crime ou acidente?

Os jornalistas ainda não deviam estar acordados, pois não houve tumulto na hora de pegar o avião. Ele apertou o cinto, deu uma olhada, pela janelinha, no mar que ficava para trás, e também nas casinhas brancas de teto vermelho espalhadas pelo verde escuro da montanha.

– Café ou chá?

Ele não estava para conversa. A aeromoça, apesar do esforço, não teve direito a nenhum sorriso e, quando sob um céu sem nuvens apareceram, logo abaixo, os Alpes, com enormes rastros de neve, ele não admitiu estar diante de um magnífico espetáculo.

É verdade que, menos de dez minutos depois, entrou-se numa névoa que acabou por tomar conta do avião, se transformando num vapor opaco como aquele que se vê, nas estações, sair apitando das locomotivas.

Chovia em Genebra. Não que tivesse começado a chover. Chovia já há dias, notava-se; fazia frio, e as pessoas vestiam capas de chuva.

Bastou que ele pusesse os pés na escada de acesso do avião para estourarem os flashes. Se os jornalistas não tinham estado na partida, eles esperavam na chegada, sete ou oito, com seus bloquinhos, suas questões.

- Nada tenho a declarar por enquanto...
- O senhor vai a Lausanne?
- Não sei...

Ele se afastou, ajudado por um representante da Swissair que gentilmente o levou num carrinho, dispensando-o das formalidades do desembarque.

- O senhor tem um carro? Vai tomar o trem para Lausanne?
- Creio que vou tomar um táxi.
- Vou chamar um para o senhor.

Dois automóveis seguiram o táxi, abarrotados de repórteres e fotógrafos. Ainda mal-humorado, tentou dormir recostado num canto do banco, olhando vez que outra para as vinhas molhadas, para o cinza do lago que se entrevia entre as árvores.

O que mais o incomodava era a impressão de que haviam de um modo ou de outro determinado suas ações. Não tinha sido sua a ideia de vir a Lausanne, ele apenas seguia um caminho que lhe tinham, por bem ou por mal, traçado.

O táxi parou diante das colunas do Lausanne-Palace. Fotógrafos o metralhavam, jornalistas lhe faziam perguntas. O porteiro o ajudou a abrir caminho entre eles.

No interior, ele encontrou uma atmosfera igual à do George-V ou à do Hotel de Paris, como se as pessoas que viajassem preferissem se manter sempre num mesmo cenário. Talvez aqui a decoração fosse um pouco mais séria, mais pesada. O recepcionista vestia uma casaca preta com detalhes dourados. Como os outros, ele falava cinco ou seis línguas, a única diferença era que o seu francês tinha um leve sotaque alemão.

- A condessa Palmieri está hospedada com vocês?
- Sim, senhor comissário. Ela está no 204, como de costume.

Nas poltronas do saguão, uma família asiática esperava saber-se lá o que, a mulher num sári dourado, três crianças de grandes olhos melancólicos que o fitavam curiosos.

Eram apenas dez horas da manhã.

- Suponho que ela ainda não tenha se levantado.
- Faz cerca de meia hora que ela pediu o café da manhã. Quer que eu a avise que o senhor chegou? Creio que ela o está

esperando.

- Sabe se ela fez ou recebeu ligações?
- É melhor que o senhor pergunte na central telefônica...

Hans... Leve o comissário até a central...

Era no final de um corredor, atrás da recepção. Três mulheres, lado a lado, manejavam os pinos.

- Poderia me informar...
- Um momento...

E em inglês:

- Bangkok na linha, senhor...
- Poderia me informar se a condessa Palmieri fez ou recebeu alguma ligação telefônica depois de que chegou?

As listas estavam na frente delas.

– Esta noite, à uma hora, ela recebeu uma chamada de Montecarlo...

Van Meulen, sem dúvida, o paizinho, que, entre uma dança e outra, no Sporting, ou mais provavelmente, entre uma e outra aposta, tinha dado um jeito de saber as novas.

- Esta manhã ela telefonou a Paris.
- Para qual número?

Aquele do apartamento de Marco, Rue de l’Etoile.

- A ligação foi atendida?
- Não. Ela deixou uma mensagem para que lhe ligassem de volta...

– É tudo?
– Há cerca de dez minutos ela ligou novamente para Montecarlo.

- Chegou a falar?
- Sim, duas vezes, três minutos...
- Poderia avisar que estou aqui e gostaria de falar com ela?
- Às suas ordens, senhor Maigret.

Não fazia nenhum sentido. De tanto ouvir falar dela, ele acabara ficando impressionado, e isso o constrangia. No elevador, ele se sentia como um jovem que vai encontrar, pela primeira vez, em carne e osso, uma atriz famosa.

– Por aqui...

O rapaz do hotel bateu em uma porta. Uma voz respondeu: “Entre”. Abriam-lhe a porta, e Maigret entrou numa sala cujas duas janelas davam para o lago.

Não havia ninguém. Uma voz vinha do quarto vizinho, cuja porta estava entreaberta.

– Fique à vontade, senhor comissário. Já vou aí...

Sobre uma bandeja, ovos com bacon que mal tinham sido tocados, um croissant despedaçado. Ele acreditou reconhecer o barulho característico de quando se põe de volta a rolha de uma garrafa. Por fim, o roçar de um tecido de seda.

– Me desculpe...

Como todo o homem que surpreende uma atriz na intimidade, ele estava desconcertado, decepcionado. Diante dele estava uma pessoa de um tipo bem comum, quase nada maquiada, a tez pálida, os olhos cansados, que lhe estendia uma mão trêmula e úmida.

– Sente-se, por favor...

O tempo de entreabrir a porta foi o suficiente para que ele percebesse uma cama desfeita, coisas desordenadas, um frasco de remédio sobre a mesa de cabeceira.

Ela se arrumava diante dele, cruzava sobre as pernas as abas de um robe de seda creme que deixava aparecer a camisola.

– Me sinto verdadeiramente constrangida de tê-lo feito passar todo esse trabalho...

Nesse momento, ela aparentava mesmo os seus 39 anos, e até mais. Olheiras profundas, azuis, contornavam suas pálpebras, e rugas finíssimas marcavam o canto das narinas.

Ela não estava encenando o papel de cansada. Ela estava realmente esgotada, no limite das forças, prestes a chorar, ele poderia ter jurado. Ela o olhou, quando tocou o telefone, sem saber o que dizer.

– O senhor me permite?

– Claro, por favor.

– Alô! Sou eu, sim... Pode passar... Sim, Ana... É uma gentileza sua me ligar... Obrigada... Sim... Sim... Ainda não sei... Estou com

alguém aqui nesse momento... Não. Não me peça para sair... Sim... Diga à Sua Alteza... Obrigado... Até logo...

Minúsculas gotículas de suor surgiam sobre o lábio superior da sua boca e, enquanto ela falava, Maigret sentia um cheiro de álcool.

Ela não exagerava nos gestos, parecia natural, muito abalada para ter coragem de representar um papel.

– É realmente assustador, tão inesperado! E justamente no dia em que...

– No dia em que a senhora diria ao coronel Ward que estava decidida a deixá-lo? É isso que a senhora queria dizer a ele?

Ela fez que sim com a cabeça.

– Creio que Jef... creio que Van Meulen contou tudo ao senhor, não é isso? Me pergunto o que eu teria ainda a dizer... O senhor vai me levar de volta a Paris?

– Está com medo disso?

– Eu não sei... Ele me recomendou fazer aquilo que o senhor determinar... Faço tudo o que ele me diz... É um homem tão inteligente e tão generoso, tão superior! Pode-se dizer que ele sabe tudo, prevê tudo...

– Ele não previu a morte do amigo Ward...

– Mas ele previu que eu voltaria para Marco...

– A senhora e Marco haviam combinado? Eu acreditava que o seu primeiro marido estava acompanhado de uma jovem holandesa, quando vocês se encontraram cara a cara no cabaré. E a senhora não disse uma palavra a ele...

– É verdade... Eu até mesmo decidi...

Suas mãos nervosas, mais velhas que seu rosto, não paravam de se mexer; seus dedos se apertavam, deixando marcas brancas nas juntas das falanges.

– Como vou lhe explicar isso, quando nem eu mesma entendo? Tudo ia bem. Eu acreditava que estava curada. Nós esperávamos, David e eu, que os últimos papéis fossem assinados para nos casarmos... David era um homem como Van Meulen, não exatamente igual, mas quase...

– O que a senhora quer dizer com isso?

– Com relação a *paizinho*, tenho a impressão de que ele me diz sempre o que pensa... Não necessariamente tudo, porque ele não quer me cansar com detalhes... Eu me sinto em contato direto, o senhor entende? Já David, ele me olhava com seus grandes olhos, e neles havia sempre algo de quem estava se divertindo... Talvez não fosse de mim que ele risse, mas dele... Era como um gato muito manhoso, muito inteligente...

Ela repetiu:

– O senhor me entende?

– No início da noite, quando a senhora foi jantar com o coronel, não tinha a intenção de romper com ele?

Ela pensou por um instante.

– Não.

Depois ela repetiu:

– Mas eu tinha a impressão de que isso aconteceria um dia.

– Por quê?

– Porque não era a minha primeira experiência. Eu não queria voltar com Marco, pois eu sabia bem que...

Ela mordeu o lábio.

– O que a senhora sabia?

– O que significava recomeçar... Ele não tem dinheiro, e eu também não...

Ela pulava de uma ideia a outra, falando de forma rápida e entrecortada, como se estivesse alterada.

– Não sou rica, veja o senhor. Na verdade, não tenho nada. Se Van Meulen não tivesse enviado, hoje de manhã, dinheiro ao banco, o cheque que assinei no aeroporto estaria sem fundos. Ontem, ele teve de me dar mais para que eu viesse até aqui. Estou bem pobre...

– E suas joias?

– As joias, sim... E meu vison... É tudo que tenho!

– Mas o coronel...?

Ela suspirou, desistindo de se fazer entender.

– Não é como o senhor imagina... Ele pagava meu apartamento, minhas contas, minhas viagens... Mas eu não tinha

nunca dinheiro comigo... Enquanto eu estava com ele, eu não precisava, mas...

– E se a senhora tivesse casado com ele?

– Seria mais ou menos o mesmo...

– Ele pagava uma pensão a cada uma das suas três ex-mulheres...

– Isso depois de tê-las deixado!

Ele perguntou friamente:

– Ele agia dessa forma para evitar que a senhora desse dinheiro a Marco?

Ela fixou o olhar nele.

– Eu não acredito nisso. Nunca imaginei. David não levava dinheiro nem com ele, aliás. Quem pagava as contas no final do mês era Arnold. Tenho agora quarenta anos e...

Ela olhava ao redor com um ar de quem estava pronta para abandonar tudo aquilo. Os sulcos nas asas do nariz se aprofundavam, amarelados. Ela hesitava em se levantar.

– O senhor me dá um instante?

Ela entrou decidida no quarto, cuja porta fechou e, ao retornar, Maigret sentiu mais uma vez o cheiro de álcool.

– O que a senhora foi beber?

– Um gole de uísque, já que pergunta. Não estou bem. Fico semanas sem beber...

– Exceto champanhe?

– Exceto um gole de champanhe de tempos em tempos, sim...

Mas, no estado que estou agora, eu preciso...

Ele poderia jurar que ela tinha bebido direto da garrafa, avidamente, como certos drogados se injetam através da roupa, para não perder tempo.

Seus olhos estavam mais brilhantes, e ela falava com mais loquacidade.

– Afirmo ao senhor que não premeditei nada. Vi Marco com essa mulher e levei um choque...

– A senhora a conhece?

– Sim... É divorciada, e seu ex-marido, que é do ramo dos transportes marítimos, fazia negócios com David...

Essas pessoas se conheciam, se encontravam na mesa dos conselhos administrativos, nas praias, nos cabarés, e as mesmas mulheres, parecia, passavam da cama de um para a cama de outro com a maior naturalidade.

– Eu sabia que Marco e ela haviam se conhecido em Deauville... Tinham me dito até que ela estava decidida a casar com ele, mas não acreditei... Ela é muito rica, ele não tem nada...

– A senhora pensou em impedir o casamento?

Seus lábios ficaram mais finos, mais rígidos.

– Sim...

– A senhora acredita que Marco se deixaria levar?

Seus olhos umedeceram, mas ela conteve as lágrimas.

– Não sei... Eu não pensei a respeito... Eu olhava os dois juntos... Ao dançar, ele fazia questão de passar por mim todo rígido, sem me dar nem uma olhadela...

– De modo que, obviamente, quem deveria ter sido assassinado era Marco?

– O que o senhor quer dizer com isso?

– A senhora nunca pensou em matá-lo? Em nenhum momento o ameaçou?

– Como é que o senhor sabe disso?

– Ele não acreditou que a senhora fosse capaz?

– Van Meulen lhe contou, não?

– Não.

– Não é assim tão simples... Já tínhamos bebido ao jantar... No Monseigneur, esvaziei uma garrafa de champanhe e creio que bebi dois ou três copos do uísque de David... Quase dei um escândalo indo arrancar Marco dos braços dessa mulher assustadoramente gorda que tem a pele rosa como a de um bebê... David insistiu para que fôssemos embora... Acabei por obedecer-lhe... No carro, fiquei muda o tempo todo... Eu planejava sair do hotel um pouco mais tarde e retornar ao cabaré para... Não sei para quê... Não me peça detalhes... David deve ter adivinhado... Foi ele que propôs que tomássemos um último drinque no meu apartamento...

– Por que no seu?

A questão a surpreendeu e ela repetiu, atordoada:

– Por quê?

Ela buscava a resposta como se ela própria tivesse colocado a questão.

– Era sempre David que vinha até meu apartamento... Creio que ele não gostava que... Ele prezava muito a sua intimidade...

– A senhora contou a ele a sua intenção de o deixar?

– Eu lhe disse tudo que pensava, que eu não valia nada, que eu nunca seria feliz sem Marco, que bastava ele aparecer para...

– O que foi que ele lhe respondeu?

– Ele bebia calmamente o seu uísque, me olhando de forma maliciosa... “E o dinheiro?”, acabou por perguntar... “Você sabe muito bem que Marco...”

– Ele a tratava com um certo distanciamento?

– Ele tratava todo mundo assim.

– A observação dele a respeito de Marco era justa?

– As necessidades de Marco não são poucas...

– Ele nunca pensou em trabalhar?

Ela o fitou, atordoada, como se a pergunta revelasse uma ingenuidade incompreensível.

– Mas no que é que ele vai trabalhar? Acabei por me desfazer de tudo que tinha...

– Chegou a ocorrer alguma briga entre a senhora e David?

Novo olhar de surpresa.

– Não brigávamos nunca... O senhor parece não compreender... David tinha bebido muito, ele também, como toda noite, antes de dormir...

– Um terço de uma garrafa?

– Nada disso... Eu sei por que o senhor diz isso... Fui eu, quando ele saiu, que, não me sentindo bem, tomei um pouco de uísque... Tinha necessidade de me jogar na cama e não pensar em mais nada... Tentei dormir... Depois pensei que não daria certo com Marco, que não daria certo nunca, e que seria melhor que eu morresse...

– Quantos comprimidos a senhora tomou?

– Não sei... Uma mão cheia... Me senti melhor... Eu chorava calmamente e começava a pegar no sono... Depois, imaginei meu

enterro, o cemitério, o... Fiquei agitada... Tive medo que fosse tarde demais, que eu fosse incapaz de chamar alguém... Já não podia mais gritar... Os botões da campainha me pareciam muito distantes... Meu braço estava pesado... O senhor sabe, como nos sonhos, quando queremos fugir e as pernas se recusam a correr... Consegui alcançar o botão, em seguida alguém chegou...

Ela se interrompeu ao ver o rosto de Maigret, de repente, congelar-se diante do seu.

– Por que o senhor me olha dessa maneira?

– Por que a senhora mente?

Ele quase se deixara enganar.

– Em que momento a senhora foi até o apartamento do coronel?

– É verdade... tinha me esquecido...

– A senhora esqueceu-se de ter ido lá?

Ela sacudiu a cabeça, começou a chorar de verdade.

– Não seja duro comigo... Juro que eu não tinha a intenção de mentir... Tanto que eu disse a verdade a Jef van Meulen... Foi somente quando me levaram ao hospital e entrei em pânico que decidi fazer como se eu ignorasse o que tinha ocorrido... Eu tinha certeza de que não acreditariam em mim, de que suspeitariam que eu tivesse matado David... Agora, quando contava a história, esqueci que Van Meulen tinha me aconselhado a não esconder nada...

– A senhora foi ao quarto dele quanto tempo depois de ele ter saído do seu?

– O senhor acredita em mim agora?

– Depende.

– O senhor vê? É sempre a mesma coisa comigo... Faço o que posso... Não tenho nada a esconder... O que acontece é que minha cabeça se perde e não sei mais onde estou. O senhor me permite ir beber um gole, apenas um gole? Prometo que não ficarei bêbada... Não aguento mais, comissário!

Ele deixou que ela fosse, quase que com vontade de pedir ele também uma bebida.

– Foi antes de ingerir os comprimidos... Eu ainda não tinha decidido morrer, mas já tinha bebido o uísque... Estava me sentindo mal, já tinha bebido demais... Me arrependia do que tinha dito a David... Tinha medo do que iria acontecer... Me via velha, completamente sozinha, sem dinheiro, incapaz de trabalhar, pois nunca soube fazer nada... David era minha última chance... Quando deixei Van Meulen, eu era mais jovem... tanto que...

– Que a senhora logo encontrou o coronel.

Ela pareceu surpresa, atingida pela agressividade dele.

– Pense de mim aquilo que quiser. Pelo menos eu mesma sei que o senhor está enganado. Eu temia que David me deixasse... Saí de camisola, sem sequer um penhoar, e fui até o seu apartamento, encontrei a porta aberta...

– Perguntei à senhora quanto tempo se passou depois que ele a deixou...

– Não sei... Me lembro de ter fumado muitos cigarros... Devem ter sido encontrados no cinzeiro... David só fumava charuto...

– A senhora não viu ninguém no apartamento?

– Além dele... Não consegui gritar... Não sei se não gritei...

– Ele estava morto?

Ela olhou para ele, os olhos escancarados, como se a ideia nunca tivesse passado pela sua cabeça.

– Ele estava... Acredito que... Pensei isso, em todo o caso, e fugi...

– A senhora não viu ninguém no corredor?

– Não... Mas... espere! Ouvi o elevador que subia... disso estou certa, pois me fez correr...

– A senhora bebeu mais?

– Talvez... maquinalmente... Por fim, desencorajada, tomei os comprimidos... O resto já contei... O senhor me permite...?

Sem dúvida ela ia lhe pedir licença outra vez para beber um gole de uísque, mas o telefone tocou, ela estendeu o braço, indecisa.

– Alô! Alô! Sim, ele está aqui, sim...

Foi um alívio, quase revigorante, ouvir a voz calma, normal de Lucas, poder imaginá-lo sentado diante da sua mesa no Quai des Orfèvres.

– É o senhor, chefe?

– Eu ia ligar para você um pouco mais tarde...

– É o que eu imaginava, mas pensei que fosse melhor que soubesse disso imediatamente. Marco Palmieri está aqui.

– Vocês o encontraram?

– Não fomos nós que o encontramos. Ele mesmo veio, por vontade própria. Chegou faz uns vinte minutos, bem disposto, desembaraçado. Ele perguntou se o senhor estava e, quando lhe respondemos que não, pediu para falar com algum dos seus colegas. Fui eu que o recebi. Por enquanto, deixei ele com Janvier no gabinete.

– O que foi que ele disse?

– Que soube da história toda pelos jornais.

– Ontem?

– Hoje pela manhã. Ele não estava em Paris, mas caçando com amigos que têm um castelo em Nièvre...

– A holandesa estava com ele?

– Caçando? Sim. Eles foram no mesmo carro. Ele diz que vão se casar. Ela se chama Anna de Groot e é divorciada...

– Sei, pode continuar...

Afundada na poltrona, a pequena condessa ouvia a conversa roendo as unhas, cujo esmalte estava lascado...

– Perguntei a ele o que fazia na noite anterior...

– E ele?

– Tinha ido ao cabaré Monseigneur...

– Eu sei.

– Com Anna de Groot...

– Sei disso também...

– Ele viu sua ex-mulher, com o coronel...

– E depois?

– Levou a holandesa em casa.

– Onde?

– No George-V. Ela está hospedada num apartamento do quarto andar.

– Que horas seriam?

– Segundo ele, cerca de três e meia, talvez quatro horas. Pedi que alguém fosse verificar, mas ainda não tenho a confirmação... Eles dormiram, e ele levantou às dez horas da manhã... Ele afirma que foram convidados para essa caçada há mais de uma semana por um banqueiro da Rue Auber... Marco Palmieri deixou o George-V e foi até a sua casa, de táxi, para pegar a mala... Pediu ao taxista que o esperasse... Ele retornou ao George-V e, perto das onze e meia, o casal partiu no Jaguar de Anna de Groot... Essa manhã, quando estava saindo para caçar, ele foi dar uma olhada nos jornais no salão do castelo e veio correndo a Paris, ainda de botas...

– A holandesa veio com ele?

– Ela ficou por lá. Lapointe telefonou ao castelo para verificar, e um encarregado lhe disse que ela acompanhava a caçada...

– Que impressão ele causou?

– Ele está bem à vontade e parece sincero. É um homem jovial, simpático...

Mas claro! Eram todos simpáticos.

– O que quer que eu faça?

– Diga a Lapointe para ir ao George-V. Que ele investigue as idas e vindas daquela noite, interrogue o pessoal que estava trabalhando...

– Será preciso ir até a casa deles, pois não estão a serviço durante o dia.

– Que ele faça isso... Quanto ao...

Ele preferiu não pronunciar o nome diante da mulher, que o devorava com os olhos.

– Quanto à sua visita, no ponto em que estamos, não há nada a fazer senão deixá-lo partir... Diga a ele que não saia de Paris... Ponha alguém... Sim... Sim... Como de costume... Mais tarde, eu ligo novamente... Não estou sozinho...

Que razão o fazia perguntar no último momento:

– Que tempo faz aí?

– Friozinho, com um sol meio forte...

Ao desligar, a pequena condessa murmurou:

– É ele?

– Quem?

– Marco... É dele que vocês falavam, não?

– A senhora está certa de que não o viu pelos corredores do George-V ou no apartamento do coronel?

Ela saltou da poltrona, tão nervosa que ele temeu que fosse ter um ataque.

– Bem que eu sabia! – gritou, o rosto desfigurado. – Ele estava lá com ela, não é, logo acima da minha cabeça? Sim, eu sei! Ela se hospeda sempre no George-V... Me informei em qual apartamento. Eles estavam lá, os dois, na cama...

Ela parecia estar louca de raiva, fora de si.

– Eles estavam lá, rindo, fazendo amor, enquanto eu...

– A senhora não pensou que Marco estivesse prestes a...

– Prestes a quê?

– Quem sabe, submergir o coronel na banheira?

Ela não podia acreditar no que tinha ouvido. Seu corpo tremia sob o robe transparente e ela se atirou sobre Maigret, os pulsos fechados, acertando onde podia.

– A senhora está louca? A senhora enlouqueceu? Como pode? A senhora é uma descontrolada! A senhora...

Ele se sentia ridículo, nesse apartamento de hotel, a tentar rebater os golpes de uma louca cuja fúria duplicava a energia.

Com a gravata atravessada, os cabelos desfeitos, um pouco ofegante, ele conseguiu por fim imobilizá-la quando batiam na porta.

C A P Í T U L O V I

Em que Maigret é convidado a almoçar, e em que se continua tratando da vida de V.I.P.

A COISA TODA TERMINOU de uma forma menos complicada do que Maigret imaginava. Para a pequena condessa, as batidas na porta se revelaram providenciais, pois lhe permitiram encerrar uma cena da qual ela não saberia mais como sair.

Ela correu mais uma vez até o quarto de dormir enquanto o comissário, sem se precipitar, arrumou a gravata, ajeitou os cabelos, foi abrir a porta que dava para o corredor do hotel.

Era apenas o garçom que, de repente intimidado, perguntava se podia entregar o café da manhã. Teria ele escutado atrás da porta, ou pelo menos ouvido de longe os ecos da briga? Não demonstrava tê-lo feito e, quando saiu, a condessa reapareceu, mais calma, limpando os lábios.

– Suponho que o senhor tenha a intenção de me levar a Paris.

– Mesmo que quisesse, precisaria cumprir com certas formalidades que são demoradas.

– Meu advogado daqui não deixaria que o senhor conseguisse a extradição. Mas vou por vontade própria, pois quero estar presente no enterro de David. O senhor vai pegar o avião das quatro horas?

– É provável, mas a senhora não vai pegá-lo.

– E por que razão, posso saber?

– Porque não quero viajar com a senhora.

– Tenho o direito, não?

Maigret pensava nos jornalistas, nos fotógrafos que não deixariam de metralhá-la tanto em Genebra quanto no Orly.

– Pode ser um direito seu mas, se tentar pegar esse avião, encontrarei um meio mais ou menos legal de lhe impedir. Suponho que a senhora não tenha mais nada a me dizer.

Definitivamente, o encontro por pouco não terminara de uma forma grotesca e, para voltar a se situar numa realidade mais familiar, o comissário teve em seguida uma conversa telefônica de quase meia hora com Lucas. A direção do hotel, espontaneamente, tinha lhe oferecido uma pequena sala ao lado da recepção.

Se o doutor Paul não havia ainda enviado seu relatório oficial, ele tinha passado a Lucas, por telefone, uma primeira versão. Depois da autópsia, ele se convencera mais do que nunca de que alguém tinha mantido David Ward submerso na banheira, pois não havia outra explicação para os hematomas nos ombros. Além disso, não havia nenhum traumatismo na nuca ou no dorso, como se teria com certeza encontrado caso o coronel tivesse batido a cabeça na borda ao escorregar.

Janvier havia seguido Marco e, como seria de esperar, a primeira preocupação do ex-marido da pequena condessa, ao deixar o Quai des Orfèvres, fora telefonar a Anna de Groot.

Lucas tinha tido de atender a uma série de telefonemas, a maioria vindo de grandes bancos e sociedades financeiras.

- O senhor está voltando essa tarde, chefe?
- No avião das quatro.

No momento em que desligava, entregaram a ele um envelope deixado por um policial de uniforme. Era uma gentileza do diretor da polícia de Lausanne, que dizia ter muito prazer em poder por fim conhecer o famoso Maigret, e o convidava para um almoço “bem simples, à beira do lago, numa pousada valdense”.

Maigret, que estava meia hora adiantado, telefonou ao Boulevard Richard-Lenoir.

- Você continua em Lausanne? – perguntou a senhora Maigret.

Na véspera, tinham lhe ligado do Quai des Orfèvres para avisar sobre a partida do marido, e pela manhã ela se informara das novidades pelos jornais.

- Eu pego o avião de volta essa tarde, o que não significa que chegarei em casa a tempo. Não me espere para jantar.
- Você está trazendo a condessa?

Não eram ciúmes, certamente, mas, pela primeira vez, o comissário pareceu perceber uma inquietação, até mesmo uma ponta de ironia, na voz da mulher.

– Não tenho vontade alguma de levá-la.

– Ah!

Ele acendeu o cachimbo, saiu do hotel avisando ao recepcionista que, se chamassem por ele, estaria de volta em poucos minutos. Dois fotógrafos o seguiram, esperando que ele fosse cumprir alguma missão importante.

Com as mãos nos bolsos, ele se limitou a olhar as vitrines e entrar numa tabacaria para comprar um cachimbo, pois deixara Paris de forma tão precipitada que, contra o seu costume, trouxera apenas um, no bolso.

Ele ficou tentado pelas caixas de tabaco não conhecidas na França, pegou três tipos diferentes. Depois, como se por remorso, entrou na loja seguinte e comprou, para a senhora Maigret, um lenço bordado com as armas de Lausanne.

O chefe da polícia veio procurá-lo na hora combinada. Era um homem grande de tipo atlético, que devia ser um fervoroso praticante do esqui.

– Não o incomoda irmos comer fora da cidade, a alguns quilômetros? Não se preocupe com o avião. Pedirei que o levem em um dos nossos carros.

Ele tinha a tez bem clara, a barba tão benfeita que as bochechas chegavam a ser radiantes. Seu aspecto e sua maneira de andar eram os de um homem que estava sempre em contato com o campo, e Maigret ficaria sabendo que seu pai fora de fato vinicultor em Vevey.

Foram comer numa pousada à beira do lago, onde, além deles, não havia senão uma mesa com pessoas da região, conversando a respeito do coral ao qual pertenciam.

– O senhor me permite fazer o pedido?

Ele pediu carne seca de Grisons, presunto e salame regionais, em seguida um peixe do lago, um *omble chevalier*.

Lançava a Maigret olhadelas discretas, furtivas, que demonstravam sua curiosidade e admiração.

– É uma mulher estranha, não?

– A condessa?

– Sim. Nós a conhecemos bem, pois ela vive em Lausanne uma parte do ano.

Ele explicava, não sem um certo orgulho:

– Somos um país pequeno, senhor Maigret. Mas, justamente porque somos um país pequeno, a proporção dos V.I.P., como dizem os ingleses, de pessoas realmente importantes, é maior aqui do que em Paris, ou mesmo do que na Côte d'Azur. Se vocês têm mais dessas pessoas, elas acabam dissolvidas na massa. Aqui, é impossível deixar de vê-las. São as mesmas, aliás, que vão à Champs-Élysées e à Croisette...

Maigret honrava o cardápio e o vinho branco regional servido fresco numa garrafa fechada com rolha.

– Nós conhecemos o coronel Ward, e quase todas as pessoas com as quais o senhor está envolvido nesse momento. Para falar a verdade, a terceira mulher de Ward, Muriel, partiu às pressas para Paris essa manhã.

– Que tipo de vida ela leva em Lausanne?

Seu interlocutor tinha olhos azuis que, quando ele refletia, ficavam mais claros, quase transparentes.

– Não é fácil explicar. Ela vive num apartamento confortável, luxuoso realmente, mas pequeno, num imóvel novo, em Ouchy. Sua filha, Ellen, mora num internato frequentado principalmente por americanas, inglesas, holandesas e alemãs de famílias tradicionais. Temos muitas dessas escolas na Suíça, e nos enviam crianças do mundo todo.

– Eu sei...

– Chamamos ela de Muriel Ward, porque o divórcio não foi concluído e ela exige ser chamada assim. Ela pertence àquilo que denominamos clube das mulheres sozinhas. Não é um clube realmente. Não tem nem estatuto, nem carteirinha de sócio, nem contribuição. Nós designamos assim as mulheres que vêm, por

inúmeros motivos, viver sozinhas na Suíça. Algumas são divorciadas, outras viúvas. Incluímos entre elas também algumas cantoras e virtuosas, e outras que são visitadas pelos maridos de tempos em tempos. Os motivos pelos quais elas estão aqui não são da nossa conta, não é verdade? Às vezes é uma questão política, ou uma questão financeira, até mesmo de saúde, em alguns casos. Há altezas reais e mulheres sem título algum, viúvas riquíssimas e mulheres cuja renda é modesta.

Ele dizia tudo isso como um guia turístico, com um pequeno sorriso, que dava às palavras um tom bem-humorado.

– Todas elas, seja pelo nome, pela riqueza ou por outro motivo, se caracterizam por serem pessoas muito importantes, V.I.P., como eu dizia. O que há na verdade são grupos, não um clube. Uma série de grupos mais ou menos amigos ou inimigos. Algumas moram o ano todo no Lausanne-Palace, que o senhor conheceu. As mais ricas têm uma casa de campo em Ouchy, um castelo nas imediações. Elas se encontram em concertos, chás... Mas não é a mesma coisa em Paris? A diferença, repito, é que aqui aparecem mais... Temos homens também, vindos de diversos locais, que decidiram viver o ano todo ou parte do ano na Suíça... Considerando mais uma vez o Lausanne-Palace, há ali hoje umas vinte pessoas da família do rei Seoud... Acrescente os delegados de organizações internacionais, Unesco e outras, que têm sede em nosso país, e o senhor vai entender que passamos trabalho... Penso que nossa polícia, ainda que pequena, é muito boa... Se eu puder lhe ser útil em alguma coisa...

Maigret adquiria, pouco a pouco, o mesmo sorriso bem-humorado do seu interlocutor. Ele compreendia que, se a hospitalidade suíça era ampla, nem por isso a polícia deixaria de estar bem informada a respeito das atividades de todas essas personalidades.

O que lhe diziam, em suma, era o seguinte:

– Se o senhor quiser me interrogar sobre algum assunto...

Ele murmurou:

– Parece que Ward se dava muito bem com as ex-mulheres...

- Do que poderia ele se queixar? Foi ele quem as deixou, quando estava enfadado delas.
- Ele era generoso?
- Não excessivamente. Ele lhes dava o suficiente para viver de forma digna, mas não uma fortuna.
- Que tipo de mulher é Muriel Halligan?
- Uma americana.

E esse termo, na sua boca, adquiria todo o seu sentido.

- Não sei por que o coronel resolveu pedir o divórcio na Suíça...

A menos que ele tivesse razões para viver aqui... Há dois anos o processo está correndo... Muriel contratou os dois melhores advogados do país, e ela deve saber o quanto isso custa...

Conforme parece que se defende em certos tribunais americanos, ela afirma que seu marido deve garantir a ela, por toda a vida, o mesmo padrão a que ele a habituou quando estavam casados...

- O coronel não se deixou levar?

– Ele também tem excelentes advogados. Umas três ou quatro vezes ouviu-se dizer que tinham estabelecido um acordo, mas eu não acredito que os últimos papéis tenham sido assinados...

– Suponho que, enquanto dure o processo, ela evite outras aventuras.

O policial de Lausanne encheu os copos lentamente, enquanto pesava as palavras que ia dizer...

– Aventuras, não... Essas mulheres, em geral, não se envolvem em histórias de que se tenha notícia... O senhor encontrou John T. Arnold, suponho.

- Ele foi o primeiro a aparecer às pressas no George-V.

– Ele é solteiro – disse laconicamente o policial.

– E...?

– Durante um período, correu o boato de que ele tinha certas inclinações. Sei, através do pessoal que trabalha nos hotéis onde ele se hospeda, que não se trata disso.

- Do que é que o senhor sabe?

– Ele foi sempre muito ligado ao coronel. Ele era seu confidente, seu secretário, seu homem de negócios... Além das

mulheres legítimas, o coronel teve sempre certas aventuras mais ou menos breves, algumas de uma noite ou uma hora... Como ele tinha preguiça de cortejar mulheres, e como, na condição dele, seria complicado se dirigir diretamente a uma dançarina de cabaré, por exemplo, ou a uma vendedora de flores, John T. Arnold se encarregava...

– Entendo.

– Então o resto o senhor pode concluir por si. Arnold desempenhava seu papel efetivamente... Diz-se, inclusive, mas disso não tenho a prova, que o mesmo é verdade no que diz respeito às mulheres legítimas de Ward.

– Muriel?

– Ele esteve duas vezes em Lausanne para vê-la. Mas pode ter vindo exatamente a pedido de Ward...

– E a condessa?

– Certamente! Ele e outros. Depois de beber uma certa quantidade de champanhe, ela tem muitas vezes a necessidade de um peito amigo para desabafar...

– Ward sabe disso?

– Não tive muito contato com o coronel Ward. Não se esqueça de que não passo de um policial...

Os dois riram. Era uma conversa singular, feita de meias palavras mas plena de subentendidos.

– Até onde sei, Ward estava a par de muitas coisas, mas não se importava... Hoje pela manhã, li nos jornais que o senhor encontrou em Montecarlo o senhor Van Meulen, que também aparece por aqui... Eram grandes amigos e muito vividos. Nenhum deles exige de ninguém, e particularmente das mulheres, mais do que pode receber... Mais ou menos do mesmo calibre, a única diferença entre eles é que Van Meulen, mais frio e mais controlado, não se deixa levar pela bebida como o coronel... Suponho que o senhor queira um café.

Maigret iria se lembrar por um bom tempo do almoço no pequeno restaurante. O local lhe lembrava um bistrô à beira do

Marne, exceto pela gravidade suíça, menos alegre, mas de uma intimidade mais profunda.

– A condessa vai pegar o mesmo avião que o senhor?

– Eu lhe disse expressamente para não fazer isso.

– Tudo depende do que ela vai beber nas próximas quatro horas. O senhor não quer que ela pegue o avião?

– Ela chama muita atenção e me constrange...

– Ela não vai pegar o avião – prometeu o diretor. – O senhor se incomodaria de darmos uma passada nos nossos escritórios? Meus homens têm uma tal vontade de conhecê-lo...

Levaram-no até as instalações do Departamento de Segurança, num prédio novo, no mesmo andar onde havia um banco privado e logo acima de um salão de cabeleireiros para madames. Maigret distribuiu apertos de mão, sorrisos, repetiu dez vezes as mesmas palavras gentis, e o vinhozinho valdense fazia com que se sentisse muito bem.

– Está agora na hora de o levarmos. Esperar mais é correr o risco de ter de ligar a sirene o caminho todo.

Mais uma vez lá estava ele num ambiente de aeroporto, os chamados em alto-falantes, os bares com pilotos de uniforme e aeromoças tomando um café às pressas.

Depois, no avião, montanhas não tão altas como as da manhã, as pastagens e plantações que se viam por entre as nuvens.

Lapointe o esperava no Orly com um dos carros pretos da P.J.

– O senhor fez boa viagem, chefe?

Ele reencontrava os subúrbios de Paris num belo final de tarde.

– Não choveu?

– Nenhuma gota. Pensei que seria bom vir buscá-lo.

– Alguma novidade?

– Não estou a par de tudo. É Lucas quem toma conta das informações. Fui visitar uma parte do pessoal que trabalha à noite no hotel, o que me obrigou a perfazer quilômetros, já que a maioria dessa gente mora na periferia.

– O que você descobriu?

– Nada de muito preciso. Tentei fazer um esquema com as horas de entrada e saída de cada um. Não é uma coisa fácil de elaborar. Parece que há 310 hóspedes no hotel. Todas essas pessoas entram e saem, telefonam, chamam pelo garçom ou a camareira, chamam táxis, mensageiros, manicures e não sei o que mais. Além disso, o pessoal tem medo de falar. A maioria responde de forma evasiva...

Sem deixar de dirigir, ele tirou um papel do bolso e o entregou a Maigret.

“20h – A camareira do terceiro andar entra no 332, o apartamento da condessa, e a encontra num penhoir, com a manicure:

- É para arrumar a cama, Annette?
- Sim, senhora condessa.
- Volte daqui a meia hora, pode ser?

20h10 – O coronel Ward está no bar do hotel junto com John T. Arnold. O coronel olha o relógio, deixa o amigo e volta ao apartamento. Arnold pede um sanduíche.

20h22 – O coronel pede do apartamento uma ligação para Cambridge, e fala durante cerca de dez minutos com o filho. Parece que ele costumava lhe ligar duas vezes por semana, sempre no mesmo horário.

20h30, *mais ou menos* – Arnold entra na cabine telefônica do bar. Deve ter feito uma ligação dentro de Paris, pois ela não é registrada pela telefonista.

20h45 – Do 347, o coronel telefona para o 332, a fim de saber, certamente, se a condessa está pronta.

21h, *mais ou menos* – O coronel e a condessa saem do elevador e deixam as chaves na portaria. O porteiro lhes chama um táxi. Ward dá o endereço de um restaurante da Madeleine.”

Lapointe acompanhava com a vista o progresso da leitura.

– Fui até o restaurante – disse ele. – Nada de extraordinário. Eles jantam lá com frequência, e lhes dão sempre a mesma mesa.

Três ou quatro pessoas vieram apertar a mão do coronel. O casal não pareceu discutir. Enquanto a condessa comia a sobremesa, o coronel, que nunca come sobremesa, acendeu um charuto e leu os jornais da tarde.

“23h30, mais ou menos – O casal chega no Monseigneur.”

– Lá também são clientes assíduos – disse Lapointe –, e a orquestra cigana toca sempre uma mesma ária logo que a condessa aparece. Champanhe e uísque. O coronel não dança nunca.

Maigret imaginou o coronel, primeiro no restaurante, onde ele aproveitava o fato de que não comia sobremesa para ler seu jornal, depois no banco de veludo vermelho do Monseigneur. Ele não dançava, também não namorava, pois conhecia a mulher que estava consigo há muito tempo. Os músicos vinham tocar na sua mesa.

“Lá também”, havia dito Lapointe, “são clientes assíduos...”

Três, quatro noites por semana? E em outros lugares, Londres, Cannes, Roma, Lausanne, ele frequentava cabarés quase idênticos, nos quais deveriam tocar a mesma música à entrada da condessa, e onde ele também não dançava.

Ele tinha um filho já de dezesseis anos, estudando em Cambridge, a quem ele telefonava por alguns minutos de três em três dias, uma filha, na Suíça, a quem ele, sem dúvida, também telefonava.

Ele tivera três mulheres: a primeira, casada de novo, que levava uma vida parecida com a dele, depois Alice Perrin, que se dividia entre Londres e Paris, e, por fim, Muriel Halligan, a do clube das mulheres sozinhas.

Nas ruas, as pessoas que saíam do trabalho corriam até as entradas do metrô e as paradas de ônibus.

– Chegamos, chefe...

– Eu sei...

O pátio do Quai des Orfèvres, que começava a escurecer, a escada cinzenta como sempre, as lâmpadas acesas.

Ele não procurou Lucas imediatamente; entrou no gabinete, ligou a luz e sentou-se como de costume, o esquema de Lapointe à sua frente.

“00h15 – Fazem uma chamada para Ward. Não foi possível saber de onde.”

Automaticamente, parece, Maigret estendeu a mão para pegar o telefone.

– Ligue para minha casa, por favor... Alô! É você? Cheguei... Sim, estou no meu gabinete... Ainda não sei... Tudo bem... Mas não! Te asseguro... Por que eu estaria triste?

Que razão teria sua mulher para fazer essa pergunta? Ele apenas precisava revê-la, era isso que se passava.

“00h30, *mais ou menos* – Chegada de Marco Palmieri e Anna de Groot ao Monseigneur.

(*Nota: Anna de Groot deixou o George-V às sete da noite. Ela estava sozinha. Ela encontrou Marco no Fouquet’s, onde eles jantaram rapidamente antes de ir ao teatro. Nenhum deles estava vestido a rigor. Eles são conhecidos tanto no Fouquet’s quanto no Monseigneur, e parece que sua relação é considerada oficial.*)”

Maigret se deu conta do número de idas e vindas que esse esquema representava, da paciência de Lapointe em levantar informações aparentemente tão pouco importantes.

“00h55 – O barman do George-V avisa, às cinco ou seis pessoas que ali estão, que ele vai fechar. John T. Arnold pede um havana e arrasta até o saguão os três homens com quem ele jogava cartas.

(*Nota: Não pude verificar com certeza se Arnold deixou o bar ao longo da noite. O barman não foi categórico. Até as dez horas da noite, todas as mesas estavam ocupadas, todos os bancos. Ele viu então Arnold, no canto esquerdo, perto da janela, em companhia de três americanos recém-desembarcados, entre os quais um produtor de cinema e o agente de um ator. Jogavam pôquer. Também não*

consegui verificar se Arnold já os conhecia ou se os conheceu aquela noite no bar. Eles usaram fichas mas, quando terminaram, o barman viu dólares passando de uma mão à outra. Ele pensa que apostavam alto. Ele não sabe quem teria ganho.)

1h10 – O garçom é chamado no pequeno Salão Empire, que fica no fundo do saguão, e perguntam se ainda é possível pedir alguma coisa. Ele responde que sim e lhe pedem uma garrafa de uísque, soda e quatro copos. Os quatro clientes do bar tinham encontrado esse lugar para continuar a partida.

1h55 – Entrando no Salão Empire, o garçom não encontra mais ninguém. A garrafa está quase vazia, as fichas sobre a mesa, pontas de charuto no cinzeiro.

(Interroguei o recepcionista da noite a respeito disso. O produtor se chama Mark P. Jones e ele acompanha um comediante americano famoso que está em turnê na França. Devem apresentar um filme ou partes de um filme no Midi. Art Levinson é o agente do astro. O recepcionista não conhece o terceiro jogador. Ele o viu inúmeras vezes no saguão, mas sabe que não é um hóspede do hotel. Ele acredita ter visto ele deixar o hotel naquela noite perto das duas horas da madrugada. Eu lhe perguntei se Arnold o acompanhava. Ele não soube responder nem que sim nem que não. Ele estava telefonando, um hóspede do quinto andar reclamava da barulheira que seus vizinhos estavam fazendo. Ele mesmo subiu para pedir ao casal em questão que fosse mais discreto.)”

Maigret se virou na cadeira, encheu lentamente o cachimbo observando o anoitecer cinzento do lado de fora.

2h05, mais ou menos – O coronel e a condessa deixam o Monseigneur, pegam um táxi parado na frente do cabaré e vão até o George-V. Encontrei o motorista facilmente. O casal não pronunciou uma palavra durante o trajeto.

2h15 – Chegada ao George-V. Cada um pega sua chave das mãos do recepcionista. O coronel pergunta se não deixaram nenhuma mensagem para ele. Não deixaram nada. Os dois cochicham ao pé do elevador, que demora um pouco a descer. Não parecem estar brigando.

2h18 – O garçom responsável pelo terceiro andar é chamado no 332. O coronel está sentado na poltrona, com um ar cansado, como de hábito naquele horário. A condessa está diante dele, tirando os calçados e massageando os pés. Ela pede uma garrafa de champanhe e uma de uísque.

3h, mais ou menos – Retorno de Anna de Groot, acompanhada por Marco Palmieri. Animados e afetuosos, mas discretos. Ela está um pouco mais animada do que ele, sem dúvida por causa do champanhe. Conversam em inglês, apesar de que normalmente falem francês, a holandesa com um forte sotaque. Elevador. Alguns minutos depois, eles pedem uma água mineral.

3h35 – No 332, tiram o fone do gancho. A condessa diz à telefonista que está morrendo e pede por um médico. A telefonista entra em contato primeiro com a enfermagem, depois telefona para o doutor Frère."

Maigret leu rapidamente o que se seguia, levantou, abriu a porta da sala dos inspetores e encontrou Lucas no telefone, ao lado do abajur verde.

– Eu não estou entendendo! – gritava Lucas irritado. – Estou lhe dizendo que não compreendo nenhuma palavra daquilo que diz... Eu não sei sequer em que língua você está falando... Mas não, não há ninguém aqui para traduzir...

Ele desligou, enxugando o rosto.

– Se entendi corretamente, é uma ligação de Copenhague. Não sei se falaram comigo em alemão ou dinamarquês... Desde manhã é isso... Todo mundo querendo saber detalhes...

Ele se levantou, atordoado.

– Desculpe. Ia mesmo perguntar-lhe se fez boa viagem... Ligaram de Lausanne, dizendo que a condessa vai pegar o trem da noite e chega em Paris às sete horas da manhã...

– Foi ela que ligou?

– Não. A pessoa disse que vocês almoçaram juntos.

Era uma gentileza, e Maigret admirou a elegância do procedimento. Um gesto discreto... O diretor da polícia não tinha dito seu nome. É verdade que Maigret, não tendo guardado seu cartão, já o tinha esquecido.

– O que foi que Arnold fez hoje? – perguntou o comissário.

– Antes de mais nada, de manhã ele foi até o hotel do Faubourg Sant-Honoré, o Bristol, onde Philips, o *solicitor* inglês, está hospedado.

Esse não ficara no George-V, internacional demais, nem no Scribe, francês demais, mas escolhera um hotel em frente da embaixada britânica, como se não quisesse se sentir muito longe do seu país.

– Ficaram reunidos por uma hora, depois foram até um banco americano na Avenue de l'Opéra, e em seguida até um banco inglês da Place Vendôme. Em ambos os bancos, foram recebidos na hora pelo diretor, com quem permaneceram por um longo período. Ao meio-dia, se despediram na calçada da Place Vendôme, e o *solicitor* pegou um táxi para voltar ao hotel, onde almoçou sozinho.

– E Arnold?

– Atravessou as Tulheiras a pé, sem pressa, como se tivesse diante de si todo o tempo do mundo, conferindo de vez em quando o relógio. Chegou inclusive a revirar algumas caixas dos vendedores do porto, folhando livros usados e olhando gravuras, a fim de se apresentar, às quinze para a uma, no Hôtel des Grands-Augustins... Ele esperou no bar, bebendo um Martini e dando uma lida nos jornais. A terceira mulher de Ward não demorou a chegar...

– Muriel Halligan?

– Sim... Ela costuma se hospedar nesse hotel. Parece que ela desembarcou no Orly cerca de onze e meia, depois tomou um banho, e se deitou por cerca de meia hora antes de descer ao bar...

– Ela fez alguma ligação?

– Não...

Fora então de Lausanne, antes de partir, que ela marcara o encontro com Arnold.

– Eles almoçaram juntos?

– Num pequeno restaurante, parecido com um bistrô, mas muito caro, na Rue Jacob... Torrence, que lá entrou atrás deles, afirma que a comida é excelente, mas a conta bem salgada... Conversaram calmamente, como velhos amigos, e numa voz muito baixa para que Torrence pudesse ouvir o que quer que fosse... Arnold a levou de volta ao hotel em seguida e tomou um táxi para encontrar-se novamente com o senhor Philips. No Bristol, o telefone não parou. Falaram com Londres, Cambridge, Amsterdã, Lausanne... Eles receberam também diversas pessoas no apartamento, entre outras um notário parisiense, o senhor Demonteu, que permaneceu mais tempo que os outros. Há um grupo de jornalistas no saguão do hotel. Estão esperando para saber quando será o enterro, e se em Paris, Londres ou Lausanne... Diz-se com efeito que é em Lausanne que Ward está oficialmente morando... Querem saber também sobre o testamento, mas até agora não obtiveram nenhuma informação... Enfim, os repórteres afirmam que de um momento para outro os filhos de Ward devem chegar... Está muito cansado, chefe?

– Não... Eu não sei...

Ele estava mais esgotado que de hábito e, para falar a verdade, seria difícil a ele dizer no que estava pensando. Ele passava pelo mesmo fenômeno que se produz depois de uma travessia de barco: tinha ainda o movimento do avião no corpo e imagens se misturavam na sua cabeça. Tudo acontecera muito rápido. Gente demais, as coisas se atropelando. Joseph van Meulen, nu sobre a cama, nas mãos do massagista, depois saindo pelo saguão do Hotel de Paris para ir, de smoking, ao gala do Sporting... A pequena condessa com seu rosto enrugado, os sulcos nas asas do nariz, as mãos que o álcool fazia tremer... Depois esse homem loiro, diretor da segurança em Lausanne... Como é que se chamava? Ele que, com um sorriso franco, colorido de uma leve ironia a respeito das pessoas de quem falava, lhe servia um vinho muito claro, refrescante... O clube das mulheres sozinhas...

E agora havia também os quatro homens jogando pôquer, primeiro no bar, depois no Salão Empire...

E o senhor Philips, no hotel inglês, diante da embaixada britânica, os diretores de banco que se esforçavam por fazer o seu melhor... Reuniões, ligações telefônicas, o senhor Demonteau, notário, os jornalistas no saguão do Faubourg Saint-Honoré e na entrada do George-V, onde, entretanto, nada mais acontecia...

Um jovem em Cambridge, que sem dúvida se tornaria outro milionário, ficava sabendo subitamente da morte do pai, que lhe tinha telefonado na véspera da França.

E uma moça, uma menina de catorze anos, que talvez fosse invejada na escola porque fazia as malas para ir ao enterro do pai...

A essa hora, a pequena condessa devia estar bêbada, mas não deixaria de pegar o trem da noite. Bastava que a cada momento em que se sentisse mal tomasse mais um gole para se refazer. Até cair.

– Está pensando em alguma coisa, chefe?

– Eu?

Ele deu de ombros, como se estivesse decepcionado. E foi a vez dele de perguntar:

– Você está muito cansado?

– Não muito.

– Nesse caso, vamos jantar nós dois tranquilamente na Brasserie Dauphine...

Ali, não encontraram a clientela do George-V, ou dos aeroportos, de Montecarlo ou Lausanne. Havia um cheiro forte de comida, como nas pousadas do interior. A mãe diante do forno, o pai atrás do balcão de estanho, a filha ajudando o garçom a servir.

– E agora?

– Agora quero começar tudo do zero, como se eu não soubesse nada, como se não conhecesse essas pessoas...

– Quer que o acompanhe?

– Não vale a pena. Para fazer isso, prefiro estar sozinho.

Lucas sabia o que aquilo significava. Maigret iria vaguear na Avenue George-V, taciturno, dando pequenas tragadas no cachimbo,

olhando ora à direita ora à esquerda, sentando-se aqui e ali depois se levantando bruscamente, como se não soubesse o que fazer do corpo enorme.

Ninguém, nem mesmo ele, poderia dizer o quanto aquilo iria durar e, no momento, não era nada agradável.

Alguém que o vira assim um dia tinha dito, sem intenção de ofensa:

– Parece um animal enorme, doente!

CAPÍTULO VII

Em que Maigret se sente indesejável, e de fato o olham com desconfiança

ELE PEGOU O METRÔ, pois tinha todo o tempo do mundo naquela noite, mas não queria desperdiçá-lo circulando. Era como se tivesse comido muito de propósito, para se sentir ainda mais pesado. Quando tinham se separado na Place Dauphine, Lucas hesitara, abrira a boca para dizer alguma coisa, e o comissário o olhara, esperando.

– Não é nada... – acabou decidindo Lucas.

– Mas diga...

– Ia lhe perguntar se vale a pena eu ir dormir...

Porque, quando o chefe estava naquele estado de espírito, geralmente não decorria muito tempo antes do último ato ser representado entre as quatro paredes do seu gabinete.

Como por azar, aquilo ocorria quase sempre à noite, com o resto do prédio na escuridão, e eles eram às vezes muitos a se revezar junto ao personagem, homem ou mulher, que entrava no Quai des Orfèvres como simples suspeito para dali sair, algum tempo depois, com os pulsos algemados.

Maigret compreendeu o que Lucas queria dizer. Como não era supersticioso, ele não gostava de se antecipar aos fatos. Além do mais, nesses momentos, nunca tinha confiança em si.

– Vá dormir.

Ele não estava animado. Tinha saído de casa no dia anterior pela manhã, certo de que retornaria ao Boulevard Richard-Lenoir ao meio-dia, para almoçar. Fora mesmo no dia anterior? Parecia fazer muito mais tempo que aquilo tudo tinha começado.

Ele saiu na estação da Champs-Élysées. A avenida já estava toda iluminada, mas o fim do outono estava tão agradável que havia ainda uma multidão de gente passeando. Com as mãos nos bolsos do casaco, ele entrou na Avenue George-V, onde um gigante

de uniforme lhe lançou um olhar surpreso ao vê-lo empurrar a porta giratória do hotel.

Era o porteiro da noite. No dia anterior, Maigret tinha conhecido o pessoal do dia. O porteiro se perguntava, evidentemente, o que vinha fazer ali esse homem de expressão mal-encarada, que não era um hóspede do hotel, vestido num terno que a viagem deixara todo amarrotado.

Ele teve a mesma curiosidade que o guarda do outro lado da porta giratória, que esteve a ponto de perguntar a Maigret o que ele desejava.

Umhas vinte pessoas estavam espalhadas pelo saguão, a maioria delas de smoking ou vestidos de noite. Viam-se visons, diamantes, e passava-se de um perfume a outro ao caminhar.

Como o guarda não parava de olhá-lo e estava prestes a segui-lo e interpelá-lo caso ele se aventurasse muito longe, Maigret preferiu ir até a recepção, onde ele conhecia um dos empregados de casaca.

– O senhor Gilles está no gabinete?

– Ele está no apartamento. O que o senhor deseja?

Ele já tinha percebido outras vezes que, nos hotéis, o pessoal da noite é menos gentil do que aquele que trabalha durante o dia. Era como se fossem, em quase todos os casos, pessoas de segunda categoria, que se sentiam como que obrigadas por todo mundo a viver do avesso, a trabalhar enquanto os outros dormiam.

– É o comissário Maigret – murmurou ele.

– O senhor gostaria de subir?

– Provavelmente... Só gostaria de avisá-lo que pretendo andar pelo hotel durante um certo tempo... Não fique temeroso... Serei o mais discreto possível...

– As chaves do 332 e do 347 não estão mais com o recepcionista... Eu as tenho aqui guardadas... Deixamos os apartamentos como eles estavam, conforme pediu o juiz de instrução...

– Eu sei...

Maigret colocou as chaves no bolso e, atrapalhado com o chapéu, procurou um lugar onde pudesse deixá-lo. Colocou-o enfim

sobre uma poltrona e sentou-se em outra, conforme faziam as pessoas que, no saguão, esperavam alguém.

Do lugar onde estava, viu o empregado da recepção pegar o telefone e compreendeu que devia ser para colocar o diretor a par da sua visita. Alguns instantes mais tarde, ele teve a prova disso, pois o empregado de casaca vinha até ele.

– Falei com o senhor Gilles pelo telefone. Estou orientando os outros empregados para que o deixem circular à vontade. O senhor Gilles gostaria, em todo caso, de pedir...

– Eu sei! Eu sei... O senhor Gilles mora no hotel?

– Não. Ele tem uma casa de campo em Sèvres...

Para interrogar o recepcionista da noite, Lapointe tivera de ir a Joinville. Maigret sabia que o barman habitava ainda mais longe de Paris, no Vallée de Chevreuse, onde ele tinha uma chácara, em que criava galinhas e patos.

Não era paradoxal? Os hóspedes pagavam preços astronômicos para dormir a dois passos da Champs-Élysées e os empregados, aqueles que em todo o caso podiam usufruir desse luxo, fugiam para o campo assim que terminavam a jornada de trabalho.

As pessoas em pé, principalmente aquelas vestidas a rigor, ainda não tinham jantado, e esperavam chegar mais alguém para ir ao Maxim's, a Tour d'Argent ou a algum outro restaurante do mesmo nível. Alguns estavam no bar pedindo um último coquetel antes de começar aquilo que era para eles a parte mais importante do dia: o jantar e o que viria depois.

Dois dias atrás, as coisas deviam ter decorrido da mesma forma, num cenário idêntico. A florista, no seu canto, preparava botões de flores para as lapelas. O encarregado dos teatros entregava bilhetes aos retardatários. O recepcionista dava orientações àqueles que ainda não sabiam aonde ir.

Maigret fizera questão de beber um calvados depois do jantar, a fim de se opor ao mundo em que iria mais uma vez mergulhar, no qual não se bebiam calvados, e muito menos *marc*^[1], apenas uísque e champanhe Napoléon.

Um grupo de sul-americanos acolhia com bravos uma jovem de casaco de visom cor de palha que surgia, agitada, de um dos

elevadores, como uma vedete de cinema.

Seria mesmo bonita? Dizia-se que a pequena condessa era deslumbrante, mas Maigret a tinha visto de perto, sem maquiagem. Chegara mesmo a surpreendê-la bebendo uísque do gargalo, como um bêbado de cais entornando uma garrafa de bordô.

Por que, depois de alguns minutos, ele tinha a sensação de estar num navio? A atmosfera do saguão lembrava-o da viagem que fizera aos Estados Unidos, na qual um milionário americano – de novo, um milionário! – insistira com ele para que resolvesse um caso complicado. Ele se lembrava das declarações à meia voz do comissário de bordo, numa noite em que tinham ficado só os dois no salão, depois dos passageiros terem se cansado dos jogos pueris.

– O senhor sabia, comissário, que na primeira classe temos três empregados para servir a um único passageiro?

E de fato, nos conveses, nos salões, nos corredores, a cada vinte metros, via-se um membro da tripulação, vestido de branco ou em uniforme, pronto para ajudar no que quer que fosse.

Aqui também. Em cada quarto havia três botões: restaurante, camareira, mensageiro, e ao lado deles a figura correspondente. Será que os hóspedes não sabiam ler?

Na porta, sob a luz amarelada da calçada, havia dois ou três porteiros e manobristas, sem contar os carregadores de bagagens nos seus casaquinhos verdes. Todos se mantinham em posição de sentido, como à entrada de um quartel e, por todos os cantos, outros empregados de uniforme esperavam, rígidos, o olhar vago.

– Acredite se quiser – prosseguia o comissário de bordo –, mas o mais difícil num navio não é fazer funcionar os motores, controlar o rumo, navegar em tempo ruim, chegar sem atraso em Nova York ou no Havre. Também não é alimentar uma população do tamanho da de um bairro, nem fazer a manutenção dos quartos, dos salões, dos restaurantes. O que nos dá mais trabalho é...

Ele fizera uma pausa.

– ...é *entreter os passageiros*. É preciso dar-lhes o que fazer desde o momento em que acordam até quando vão dormir, e alguns deles não dormem antes do amanhecer...

“É por isso que, mal terminado o café da manhã, temos de servir sopa no convés. Em seguida começam os jogos, os coquetéis... Depois o caviar, o *foie grass*, pato ao molho de laranja, omeletes flambados...

“A maioria dessas pessoas já viu tudo, já se divertiu de todas as formas imagináveis, e ainda assim somos obrigados a...”

Para não cair no sono, Maigret levantou, e saiu em busca do Salão Empire, que ele acabou por descobrir na penumbra, solene e vazio àquela hora, exceto por um senhor já idoso de smoking, cabelos brancos, que dormia num sofá, de boca aberta, um cigarro aceso entre os dedos. Mais adiante, ele viu uma sala de jantar, e o maître, de guarda na porta, o examinou dos pés à cabeça. Não lhe ofereceu nenhuma mesa. Teria ele compreendido que não se tratava de um cliente?

Apesar da expressão dele de reprovação, Maigret lançou um olhar sobre a sala onde, sob os lustres, várias mesas estavam ocupadas.

Uma ideia, pouco original, em todo caso, surgia em sua mente. Ele passou diante de um elevador ao lado do qual estava um homem loiro vestindo um libré verde-oliva. Não era o mesmo elevador que ele pegara com o diretor, na manhã do dia anterior. E ele descobriu ainda um terceiro, mais adiante.

Seguiam-no com os olhos. O chefe da recepção não devia ter tido tempo de avisar todo o pessoal, se dando por satisfeito de pôr apenas alguns supervisores a par da sua presença.

Ninguém foi lhe perguntar o que queria, o que procurava, aonde ia, mas para onde quer que fosse o seguiam com olhos desconfiados.

A pequena ideia que lhe ocorrera... Não era ainda precisa, e no entanto, ele tinha a impressão de ter feito uma descoberta importante. Resumindo, trava-se do seguinte: se essas pessoas todas – os hóspedes do George-V, as pessoas em Montecarlo e Lausanne, os Ward, os Van Meulen, as condessas Palmieri, todos os que levavam esse tipo de vida – fossem de repente mergulhadas na vida comum, não se sentiriam elas perdidas, desarmadas, como que nuas, impotentes, desajeitadas, frágeis como bebês?

Seriam elas capazes de consultar o horário dos trens, de comprar um bilhete no guichê, de carregar uma bolsa, de abrir passagem entre a multidão para poder entrar num metrô?

Do momento em que deixavam o seu apartamento até aquele em que se instalavam num outro muito parecido em Nova York, Londres ou Lausanne, elas não tinham de se preocupar com as bagagens – que iam de mão em mão, como por vontade própria –, e elas reencontravam as suas coisas sempre nos mesmos lugares... Elas mesmas passavam de mão em mão...

Que é que Van Meulen tinha dito a respeito de um *motivo suficiente*? Qualquer um que tivesse um motivo suficiente para matar...

Maigret descobria que não se tratava necessariamente de uma quantia maior ou menor. Ele começava a entender inclusive as divorciadas americanas que exigiam continuar vivendo da mesma forma como os maridos as tinham habituado.

Daria para imaginar a pequena condessa entrando sozinha num bistrô, pedindo um cappuccino e manejando um telefone automático?

Parecia uma questão diminuta, certamente... Mas não são as coisas mais importantes feitas muitas vezes de pequenos detalhes? Poderia a pequena condessa regular o aquecimento central de um apartamento, acender o fogareiro a gás na cozinha, cozinhar um ovo?

Seu raciocínio era mais complexo do que isso, tão complexo que era difícil torná-lo preciso.

Quantas pessoas no mundo andariam de um lugar a outro certos de encontrar sempre o mesmo ambiente, a mesma dedicação, as mesmas pessoas que, por assim dizer, se preocupavam por eles com os menores detalhes da sua existência?

Alguns milhares, sem dúvida. O comissário de bordo do *Liberté* também lhe dissera:

– Não podemos inventar nada de novo para distraí-los, pois estão acostumados a certos hábitos...

Como estavam presos à decoração! Uma decoração idêntica, até mesmo nos detalhes. Seria um modo de se tranquilizarem, de se darem a impressão de estar sempre em casa? Do lugar dos espelhos nos quartos de dormir aos porta-gravatas, idênticos por toda parte.

– É inútil seguir a nossa profissão se não se tem memória para as fisionomias e os nomes...

Não fora o comissário de bordo que tinha dito isso, mas o recepcionista de um hotel na Champs-Élysées, que Maigret interrogara vinte anos antes.

– Os hóspedes exigem ser reconhecidos, mesmo que tenham vindo uma única vez...

Isso também, provavelmente, os tranquilizava. Pouco a pouco, Maigret se sentia menos intolerante com relação a eles. Dava para dizer que eles tinham medo de alguma coisa, medo deles mesmos, da realidade, da solidão. Eles giravam ao redor de um pequeno número de lugares, onde estavam certos de receber a mesma atenção e respeito, de comer os mesmos pratos, de beber a mesma champanhe ou o mesmo uísque.

Talvez isso não os divertisse, mas, uma vez que estivessem acostumados, *não conseguiriam viver de outra forma.*

Seria isso uma *razão suficiente*? Maigret começou a pensar que sim, e de uma hora para outra a morte do coronel Ward lhe apareceu sob uma nova luz.

Qualquer uma das pessoas que o rodeavam teria se sentido ameaçada se tivesse de viver de repente como todo mundo; lhes faltaria coragem.

Restava saber a quem é que o desaparecimento de Ward garantiria a continuidade de um tipo de vida ao qual não se poderia mais renunciar.

Nada se sabia sobre o testamento. Maigret ignorava onde ele estava, nas mãos de qual notário ou *solicitor*. John T. Arnold dera a entender que poderia haver diversos testamentos, em mãos diferentes.

Não estaria o comissário perdendo tempo vagando pelos corredores do George-V? O mais sábio não seria ir dormir e esperar?

Ele entrou no bar. O barman da noite também não o conhecia, mas um dos garçons, que já tinha visto suas fotografias, o reconheceu e cochichou com o chefe, que franziu as sobrancelhas. Não era para ele um motivo de orgulho poder servir o comissário Maigret. Parecia ter ficado inquieto.

Havia bastante gente, muita fumaça de charuto e cigarro, um único cachimbo além daquele do comissário.

– O que o senhor deseja?

– Gostaria de um calvados.

Ele não via nenhum na prateleira, onde se alinhavam todas as marcas de uísque. Mas o barman desencavou uma garrafa, pegou um imenso copo de degustação em forma de balão, como se, ali, não se conhecessem outros copos para bebidas alcoólicas.

Falava-se principalmente em inglês. Maigret reconheceu uma mulher, a estola de visom negligentemente jogada sobre os ombros. Ela havia ido ao Quai de Orfèvres numa época em que trabalhava para um proxeneta corso em Montmartre.

Isso fazia dois anos. Ela não tinha perdido tempo, pois usava um anel e um bracelete, ambos de diamantes. Mas ela dignou-se a reconhecer o policial, dirigindo a ele um discreto piscar de olhos.

Três homens sentavam-se ao redor de uma mesa ao fundo do bar à esquerda, ao lado de uma janela fechada por cortinas de seda. Maigret arriscou, de repente:

– Aquele não é Mark Jones, o produtor?

– O gordinho, sim...

– Qual deles é Art Levinson?

– Aquele de cabelos bem pretos e óculos com armação de casco de tartaruga.

– E o terceiro?

– Já o vi inúmeras vezes, mas não sei quem é.

O barman respondia de forma relutante, como se sentisse vergonha de trair os clientes.

– Quanto lhe devo?

– Não é nada...

- Prefiro pagar.
- Como o senhor quiser...

Sem utilizar o elevador, ele subiu lentamente até o terceiro andar, observando que poucos hóspedes deviam andar pelo tapete vermelho das escadarias. Ele encontrou uma mulher vestida de preto, com um caderno na mão e um lápis atrás da orelha, que devia ser alguém importante dentro da hierarquia do hotel. Ele imaginou que fosse ela quem supervisionasse as camareiras de alguns andares, distribuindo lençóis e toalhas, pois carregava um molho de chaves na cintura.

Ela se virou para ele, pareceu hesitar, e provavelmente advertiu a direção a respeito da presença de um indivíduo estranho nos bastidores do George-V.

Pois, sem se dar conta, ele entrava de repente nos bastidores do hotel. Ele abriu a porta por onde a mulher surgira, descobrindo uma outra escada, mais estreita, sem tapete. As paredes já não eram tão brancas. Através de uma porta entreaberta, podia-se ver um quatinho atravancado de vassouras e no meio dele um amontoado de lençóis e toalhas por lavar.

Não havia ninguém. Nem no andar de cima, numa outra peça, mais espaçosa, mobiliada com uma mesa e cadeiras de madeira pintadas de branco. Uma bandeja estava sobre a mesa, com guardanapos, ossos de costeleta, molho e algumas batatas fritas geladas.

Em cima da porta, ele viu uma campainha, três lâmpadas elétricas de cores diferentes.

Ele viu muitas coisas em uma hora, encontrou algumas pessoas, garçons, camareiras, um empregado engraxando os sapatos. Quase todos olhavam para ele surpresos, acompanhavam-no com os olhos, desconfiados. Mas, exceto uma única vez, não lhe dirigiram a palavra.

Talvez pensassem que, se ele estava lá, é porque tinha direito de ali estar. Ou quem sabe, assim que desse as costas a eles, se apressassem por telefonar à direção?

Ele encontrou um empregado de macacão, com ferramentas de encanador, o que levava a pensar que haveria problemas de

encanamento em algum lugar. Depois de observar Maigret dos pés à cabeça, o cigarro dependurado na boca, perguntou:

- O senhor procura alguma coisa?
- Não. Não se incomode.

O homem se afastou dando de ombros, virou para trás, desapareceu por fim atrás de uma porta.

Sem muito interesse pelos dois apartamentos que já conhecia, Maigret foi além do terceiro andar, a fim de familiarizar-se com os diferentes locais. Ele aprendia a reconhecer as portas que separavam os corredores com paredes impecáveis e tapetes espessos das passagens menos luxuosas e das escadarias estreitas.

Andando de um lado para o outro, vendo aqui um montacargas, ali um garçom dormitando na cadeira ou camareiras ocupadas em falar das próprias doenças, ele acabou por subir ao topo do edifício, surpreendendo-se de ver de repente, acima de si, no céu, estrelas e o halo colorido das luzes da Champs-Élysées.

Ele ficou ali por um tempo, esvaziando o cachimbo, andando pela plataforma, se inclinando de quando em quando sobre a balaustrada, observando os carros deslizar silenciosos pela avenida, parar diante do hotel e sair novamente com mulheres bem-vestidas, homens em preto e branco.

Logo em frente, a Rue François-Ier estava muito bem iluminada, e a farmácia inglesa, na esquina com a Avenue George-V, permanecia aberta. Estaria de plantão? Permaneceria aberta todas as noites? Com a clientela do George-V e do hotel vizinho, o Prince de Galles, uma gente paparicada e sempre em atraso, vivendo mais de noite do que de dia, a farmácia devia fazer excelentes negócios.

À esquerda, a Rue Christophe-Colomb, mais calma, era iluminada apenas pelo letreiro em neon vermelho de um restaurante ou boate, e carrões radiantes adormeciam ao longo das duas calçadas.

Atrás, na Rue Magellan, havia um bar, como desses bistrôs para motoristas que se veem nos bairros ricos. Um homem vestido de branco atravessava a rua e entrava – sem dúvida, um garçom.

Maigret pensava em câmera lenta, e demorou para reencontrar o caminho que o tinha levado até o topo do hotel. Depois, acabou se perdendo, surpreendeu um maître que comia os restos de uma bandeja.

Quando ele voltou ao bar, eram onze horas e quase já não havia mais nenhum cliente. Os três americanos que ele vira mais cedo continuavam no local e jogavam pôquer na companhia de um quarto homem, também americano, muito alto e magro.

Os saltos dos sapatos do quarto homem intrigaram por um tempo o comissário, que acabou por descobrir que eram na verdade de botas de caubói, cujo cano em couro de diversas cores ficava escondido pelas calças. Um homem do Texas ou do Arizona. Ele era mais expansivo do que os outros; falava mais alto, dando a impressão de que iria tirar a qualquer momento um revólver da cintura.

Maigret acabou sentando num banquinho, e o barman lhe perguntou:

– O mesmo de antes?

Ele fez que sim com a cabeça, e perguntou por sua vez:

– Você o conhece?

– Não sei o nome, mas é um proprietário de poços de petróleo.

Parece que as bombas funcionam por si, e que esse homem, sem precisar fazer nada, ganha um milhão por dia.

– Ele estava aqui anteontem?

– Não, ele chegou hoje de manhã. Ele parte amanhã para o Cairo e a Arábia, onde tem negócios.

– Os outros três estavam?

– Sim.

– Com Arnold?

– Deixe-me ver... Anteontem... Sim... Um dos inspetores de vocês já tinha me feito essa pergunta...

– Eu sei... Quem é o terceiro deles, o mais loiro?

– Não sei o nome dele. Ele não está hospedado no hotel. Creio que ele está no Crillon, e me disseram que é dono de uma rede de restaurantes...

– Ele fala francês?

– Nem ele e nem os outros, exceto o senhor Levinson, que viveu em Paris quando ainda não era agente de estrelas de cinema...

– O que ele faz?

O barman deu de ombros.

– Você poderia fazer uma pergunta, em meu nome, àquele que está hospedado no Crillon?

O barman fez uma careta, não teve coragem de dizer não, perguntou sem nenhum entusiasmo:

– Que pergunta?

– Eu gostaria muito de saber onde, anteontem, ele se separou do senhor Arnold, ao deixar o Hotel George-V.

O barman se dirigiu à mesa dos quatro jogadores, esboçando um sorriso. Ele se inclinou para o terceiro homem, que olhou curiosamente na direção de Maigret, o que também fizeram os outros, logo que ficaram sabendo quem era o comissário. A resposta foi mais longa do que se poderia esperar.

Finalmente, o barman retornou ao mesmo tempo em que os quatro voltavam a jogar.

– Ele me perguntou por que o senhor haveria de querer saber isso, e me disse que no país dele as coisas não funcionam dessa maneira... Ele demorou a lembrar... Tinha bebido muito anteontem... Vai ocorrer o mesmo essa noite quando fecharmos... Eles vão continuar o jogo no Salão Empire...

– Isso eu já sei...

– Ele perdeu dez mil dólares, mas está prestes a se recuperar...

– Arnold ganhou?

– Não sei, não perguntei. Ele acredita que se despediram na porta do Salão Empire... Ele me disse ter pensado que Arnold, quem ele conhece há poucos dias, estava hospedado no George-V.

Maigret não teve nenhuma reação, e passou uns bons quinze minutos diante do copo, observando vagamente os jogadores. A mulher que ele tinha reconhecido não estava mais lá, mas havia uma outra, sozinha, que não tinha senão falsos diamantes e parecia tão interessada quanto ele na partida.

Maigret a indicou ao garçom, com uma olhadela.

– Achei que não permitissem isso aqui...

– Em princípio. À exceção de duas ou três que conhecemos, e sabem se comportar... É quase que uma necessidade... De outra forma, os clientes acabam arrastando de fora sabe-se lá quem, e o senhor sequer imagina os tipos que eles trazem...

Maigret refletiu por um instante... Não! Para começar, não se tinha roubado nada do coronel... Além disso, aquilo não combinava com a personalidade dele...

– O senhor vai embora?

– Talvez retorne...

Ele tinha a intenção de esperar até às três horas da manhã, e ainda faltava um bom tempo. Sem saber o que fazer, ele foi andar de novo, tanto do lado dos hóspedes quanto do lado dos funcionários, e o movimento ia ficando menor à medida que a noite avançava. Ele viu dois ou três casais voltarem do teatro, escutou campainhas, passou por um garçom com garrafas de cerveja sobre a bandeja, por outro que ia servir uma refeição completa.

De repente, ao sair de um corredor, quase se chocou com o chefe da recepção.

– O senhor precisa de alguma coisa, comissário?

– Não, obrigado.

O empregado fingia estar ali trabalhando, mas Maigret estava certo de que ele fora vigiar o que o comissário estava fazendo.

– A maioria dos hóspedes não volta antes das três da manhã...

– Eu sei. Obrigado.

– Se o senhor tiver necessidade do que quer que seja...

– Eu o procuro...

O outro tinha vindo atrás.

– Eu cheguei a lhe dar as chaves?

A presença do comissário evidentemente o deixava inquieto. Maigret nem por isso deixou de vagar pelo hotel; chegou aos subsolos, tão vastos quanto a cripta de uma catedral, e viu homens vestidos de azul trabalhando numa caldeira que poderia ser a de um navio.

Aqui também se viravam para olhá-lo. Um empregado, em um vão envidraçado, contava as garrafas da despensa de vinhos. Nas cozinhas, as mulheres lavavam os azulejos com jatos d'água.

Mais uma escadaria, com uma lâmpada no teto protegida por uma rede de arame, uma porta de vaivém, outro vão envidraçado, no qual não havia ninguém. O ar ficou mais fresco, e Maigret abriu uma segunda porta, ficando surpreso ao se achar na rua. Na calçada em frente, um homem em mangas de camisa baixava a persiana do pequeno bar que Maigret tinha reparado do teto do hotel.

Ele estava na Rue Magellan e à direita, no final da Rue Bassano, ficava a Champs-Élysées. Na entrada mais ao lado, um casal estava abraçado, e o namorado parecia ser o empregado que ele vira um momento antes dentro da despensa.

Estaria essa saída vigiada dia e noite? Será que regulavam a entrada e a saída dos empregados? Maigret não tinha visto, de repente, um rapaz vestido de branco atravessar a rua para se enfiar no bistrô do outro lado?

Ele memorizava todos esses detalhes, maquinalmente. Quando retornou ao bar, metade das luzes estavam apagadas, os jogadores de pôquer já tinham saído, e os garçons se apressavam em esvaziar as mesas.

Ele tampouco encontrou os quatro americanos no Salão Empire, que estava vazio e tinha o ar de uma capela silenciosa.

Quando ele viu novamente o barman, este estava sem o uniforme, e Maigret quase não o reconheceu.

– Os jogadores de pôquer foram embora?

– Acredito que subiram ao apartamento de Mark Jones, onde devem sem dúvida jogar a noite toda... O senhor vai ficar pelo hotel? Boa noite...

Eram ainda uma hora e quinze minutos, e Maigret entrou no apartamento do recém-falecido David Ward, onde tudo estava no seu lugar, incluindo as roupas espalhadas e a água na banheira.

Ele não ficou examinando o local, mas preferiu se instalar na poltrona, acender o cachimbo e dormir um pouco.

Talvez ele tivesse agido mal ao se precipitar até o Orly, até Nice, Montecarlo, Lausanne. A essa hora, a pequena condessa devia dormir no seu vagão-leito. Iria ela se hospedar, como de hábito, no George-V? Esperaria ela ainda que Marco a procurasse?

Ela não era mais nada, nem a mulher de Ward, nem sua viúva, nem a mulher de Marco. Ela confessara não ter mais dinheiro. Quanto tempo ela poderia viver das suas peles e joias?

Teria o coronel previsto que ele poderia morrer antes de concluir o divórcio com Muriel Halligan e de casar com a condessa?

Isso era improvável.

Ela não teria sequer o consolo de poder ir a Lausanne e entrar para o clube das mulheres sozinhas que, num restaurante, exigiam pratos sem sal e sem manteiga, mas bebiam quatro ou cinco coquetéis antes de cada refeição.

Não se adequava ela às condições sugeridas por Van Meulen?

Ele não se esforçava por concluir, resolver o problema. Ele não pensava, apenas deixava seu espírito divagar.

Tudo dependeria talvez de uma pequena experiência. E tal experiência não seria necessariamente concludente. Era bom que os jornalistas que elogiavam os seus métodos não soubessem como ele resolvia os casos, pois do contrário seu prestígio poderia vir a diminuir.

Por pouco ele não chegou a dormir, duas vezes, erguendo-se sobressaltado para olhar o relógio. Na segunda vez, eram duas e meia e, a fim de se manter acordado, ele mudou de cenário: entrou no 332, onde tinham se contentado, por prudência, em recolher as joias da condessa e guardá-las no cofre do hotel.

Aparentemente, ninguém tinha tocado na garrafa de uísque. Depois de uns dez minutos, Maigret foi enxaguar um copo no banheiro, e se serviu uma dose.

Às três horas, finalmente, ele saiu para o corredor, no momento em que passava um casal completamente maluco. A mulher cantava, carregava nos braços, como um bebê, um enorme urso

branco de pelúcia que provavelmente fora vendido a ela em alguma boate.

Ele viu apenas um garçom, de aparência melancólica, que devia estar na época de se aposentar. Pensou que rumo tomar, acabou descendo além do que queria, saindo no primeiro subsolo, onde encontrou o vão envidraçado que estava sempre vazio, depois o ar fresco da Rue Magellan.

O bar em frente estava há muito tempo fechado. Ele tinha visto baixarem a persiana. O letreiro em neon vermelho, na rua vizinha, estava apagado e, ainda que houvesse automóveis ali, ele não viu ninguém na calçada. Somente na Rue Bassano viu um transeunte que caminhava rápido e pareceu ter medo dele.

O Fouquet's também estava fechado, no canto da Champs-Elysées, bem como a cervejaria em frente. Uma jovem se apoiava contra a parede da agência de viagens e lhe disse algo, em voz baixa, que ele não pôde compreender.

Do outro lado da avenida, onde só passavam alguns automóveis, duas grandes vitrines permaneciam iluminadas, não longe do Lido.

Maigret ficou um tempo parado na calçada, e ele devia ter o ar de um sonâmbulo, pois se esforçava por se colocar na pele de um outro, um outro que, alguns minutos mais cedo, teria matado um homem submergindo-o na banheira. Alguém que, ao sair do apartamento 347, tivesse seguido o mesmo caminho que ele.

Um táxi descia vazio pela avenida, desacelerou ao passar ao seu lado. Teria o assassino lhe pedido para parar? Não teria ele se dado conta do perigo? A polícia quase sempre encontra os motoristas que fizeram esse ou aquele trajeto.

Ele o deixou passar e quase desceu, pela mesma calçada, na direção da Concorde.

Depois ele olhou de novo, do outro lado, o café iluminado, o longo balcão de cobre. De longe, ele via o garçom servir cerveja, a mulher do caixa, quatro ou cinco clientes imóveis, entre os quais duas mulheres.

Ele atravessou a rua, hesitou um pouco, acabou entrando.

As duas mulheres o olharam, esboçando um sorriso, depois pareceram entender que não teriam nada a esperar dele, mesmo sem tê-lo reconhecido.

Teriam as coisas decorrido da mesma forma anteontem? O homem atrás do balcão também o olhava, curioso, esperando que ele pedisse alguma coisa.

Maigret, por causa do álcool, tinha um gosto ruim na boca, e a bomba de chope acabou chamando sua atenção.

– Meio copo...

Duas ou três mulheres saindo da obscuridade da noite vieram, do lado de fora, examiná-lo através do vidro.

Uma delas chegou a entrar rapidamente no café e depois, na calçada, deve ter dito às outras que ele não valia a pena.

– Vocês ficam a noite toda abertos?

– Toda a noite.

– Há outros bares abertos daqui à Madeleine?

– Somente cabarés de striptease.

– Você estava aqui anteontem, nesse mesmo horário?

– Trabalho todas as noites, exceto na segunda.

– Você também? – perguntou ele à mulher do caixa, que usava um xale azul de lã sobre os ombros.

– Tenho folga só na quarta.

Anteontem era uma terça-feira. Os dois estavam, portanto, trabalhando.

Falando mais baixo, ele perguntou, sinalizando as duas jovens:

– Elas também?

– Sim. A não ser quando vão com algum cliente para a Rue Washington ou a Rue de Berry...

O garçom franziu o cenho, perguntando-se quem poderia ser esse cliente esquisito cujo rosto não lhe era estranho. Foi uma das jovens quem o reconheceu e murmurou baixinho a fim de informar o garçom.

Ela não sabia que Maigret a enxergava pelo reflexo do copo, repetiu outra vez o que dissera, inutilmente. O garçom, que não

conseguia entender, olhava para ela, depois olhava para o comissário e voltava a olhar para ela, curioso.

Por fim, Maigret resolveu ele mesmo traduzir.

– Atenção! – disse ele.

E como o garçom não soubesse mais o que fazer, explicou:

– Ela está lhe dizendo que sou um policial.

– Verdade?

– Sim.

Ele devia soar engraçado falando dessa maneira, pois a jovem, depois de um instante de confusão, não pôde conter a risada.

[1] Bebida alcoólica destilada feita com uvas. (N.T.)

CAPÍTULO VIII

Os que viram e os que não viram, ou da arte de misturar as testemunhas

– MAS NÃO, CHEFE! Não é nenhum problema. Tanto eu esperava por isso que já havia avisado a minha mulher quando fomos deitar.

Bastou o telefone tocar para que Lucas se pusesse logo de pé, mas ele não tinha nenhum relógio perto de si. Talvez não tivesse sequer acendido a luz do quarto.

– Que horas são?

– Três e meia... Você tem papel e lápis?

– Um instante...

Pelo vidro da cabine, Maigret via a guardadora dos lavabos dormindo na cadeira, um tricô no colo, e sabia que lá adiante, no balcão, falavam dele.

– Sou todo ouvidos...

– Não tenho tempo de explicar... Siga ao pé da letra as orientações que vou passar...

Ele falou lentamente, repetindo cada frase, a fim de se certificar que não haveria nenhum mal-entendido.

– Até depois.

– Está muito cansado, chefe?

– Não muito.

Ele desligou, telefonou para Lapointe, que demorou mais para acordar, talvez porque fosse mais jovem.

– Vá beber, antes de qualquer coisa, um copo da água. Depois continuamos...

Também a ele, Maigret deu instruções precisas. Pensou em telefonar para Janvier, mas ele morava na periferia e seria difícil que conseguisse um táxi.

Ele voltou ao café. A jovem que se prontificara a esperar Olga na porta do edifício da Rue Washington e levá-la até ali ainda não tinha voltado, e Maigret bebeu mais um copo de cerveja. O álcool o

deixava um pouco aturdido, mas isso era antes uma vantagem, considerando aquilo que ele precisava fazer.

– É indispensável que eu vá também? – insistia o garçom, do outro lado do balcão. – As duas jovens não são suficientes? Mesmo que ele não se lembre de Malou, com quem nunca falou, certamente não se esqueceu de Olga, e vão trazê-la aqui para o senhor. Ele não apenas ofereceu uma bebida a ela, como ficaram conversando, e acredito que ele estivesse na dúvida se a levava ou não. Ora, de cabelos ruivos e com os seios que ela tem, não é fácil esquecer-se dela...

– Prefiro que esteja junto...

– Digo isso não por mim, mas pelo meu colega, que terei de tirar da cama. Ele vai reclamar...

A jovem que tinha saído voltou com a famosa Olga, uma ruiva realmente exuberante, que sabia dar destaque ao busto imponente.

– É ele – disse a amiga. – O comissário Maigret. Não tenha medo...

Olga estava ainda um pouco desconfiada. Maigret lhe ofereceu uma bebida, e lhe passou certas instruções, como tinha feito com os outros.

Finalmente, sozinho, ele saiu do café e desceu a Champs-Elysées, sem se apressar, as mãos nos bolsos, soltando pequenas baforadas do cachimbo.

Ele passou diante do porteiro do Claridge, e por pouco não parou para pedir-lhe que colaborasse também. Se não o fez foi porque viu um pouco mais adiante uma senhora sentada no chão, encostada na parede, diante de um cesto de flores.

– A senhora estava aqui anteontem à noite?

Ela o olhou desconfiada, e ele teve de insistir, obteve enfim o que precisava e deu-lhe um dinheiro, não sem antes ter repetido duas ou três vezes aquilo que queria que ela fizesse.

Ele podia andar um pouco mais rápido agora. Tinha já todos os coadjuvantes de que precisava. Lucas e Lapointe se encarregariam do resto. Quase pegou um táxi, mas assim chegaria muito cedo.

Ele parou na Avenue Matignon, pensou um pouco, concluiu que o homem, habituado a seguir aquele caminho, deveria ter atalhado

pelo Faubourg Saint-Honoré, passando assim diante da embaixada britânica e do hotel onde o senhor Philips agora descansava da viagem do dia anterior.

La Madeleine, o Boulevard des Capucines... Mais um homem de uniforme, na entrada do Scribe, uma porta giratória, um saguão menos iluminado do que aquele do George-V, uma decoração mais antiquada...

Ele mostrou seu distintivo ao empregado da recepção.

– O senhor John T. Arnold está no apartamento?

Uma olhadela na direção do painel das chaves. Sinal afirmativo.

– Faz muito tempo que ele dorme?

– Ele retornou eram mais ou menos dez e meia.

– É assim com frequência?

– Não é muito comum mas, com essa história, ele deve ter tido um dia cansativo.

– A que horas ele retornou na noite passada?

– Um pouco depois da meia-noite.

– E anteontem à noite?

– Bem mais tarde.

– Depois das três?

– É possível. O senhor deve saber que não temos o direito de dar informações sobre as idas e vindas dos hóspedes.

– Qualquer pessoa é obrigada a testemunhar quando se trata de um caso policial.

– Sendo assim, é melhor que o senhor fale com o diretor.

– O diretor estava aqui, anteontem à noite?

– Não. Mas só falo se me autorizarem.

Ele era teimoso, tacanho, desagradável.

– Me ligue com o diretor.

– Só posso incomodá-lo se o motivo for grave.

– É algo grave o suficiente para que eu o leve até a delegacia, se não ligar para ele agora mesmo.

Deve ter compreendido que não se tratava de nenhuma brincadeira.

– Neste caso, darei ao senhor as informações de que precisa. Foi depois das três horas, até mesmo depois das três e meia, pois

foi ainda mais tarde do que quando tive de subir para pedir aos italianos que parassem com o barulho.

A ele, também, Maigret deu certas instruções, e foi preciso inclusive falar com o diretor do hotel pelo telefone.

– Agora, faça-me a gentileza de telefonar a Arnold... Basta ligar ao seu apartamento... Eu mesmo falarei com ele...

Tudo combinado, Maigret estava bastante nervoso, pois era um papel difícil, delicado, o que ele teria de desempenhar. Ele podia ouvir o telefone tocar no apartamento que ele não conhecia. Por fim, alguém atendeu. Ele perguntou numa voz abafada:

– Senhor Arnold?

E uma outra voz respondeu:

– *Who is it?*

Meio dormindo, Arnold, é claro, falava a própria língua.

– Fico constrangido por incomodá-lo, senhor Arnold. Aqui é o comissário Maigret. Estou prestes a prender o assassino do seu amigo Ward, e preciso da sua ajuda.

– O senhor está em Lausanne?

– Não, estou em Paris.

– Quando é que o senhor gostaria de me ver?

– Agora mesmo.

Houve um silêncio. Ele hesitava.

– Onde?

– Estou aqui embaixo no seu hotel. Gostaria muito de poder subir um instante para falar com o senhor.

Novo silêncio. O inglês tinha o direito de recusar a visita. Iria ele dizer que não?

– É a respeito da condessa que o senhor gostaria de falar?

– Dela também, sim...

– Ela está com o senhor? Vieram juntos?

– Não... Estou sozinho...

– Bem... Então suba...

Maigret desligou o telefone, aliviado.

– Qual é o apartamento dele? – perguntou ao empregado.

– 551... O rapaz vai levá-lo até lá...

Corredores, portas numeradas. Encontraram um garçom que batia, ele também, no 551.

John T. Arnold, de olhos inchados, parecia mais velho do que quando o comissário o tinha conhecido no George-V. Ele vestia um robe preto com arabescos, em cima do pijama de seda.

– Entre... Desculpe a bagunça... O que foi que a condessa lhe disse? É uma histérica, o senhor deveria saber... E quando ela bebe...

– Eu sei... Agradeço por aceitar me receber... É interesse de todos, exceto do assassino, claro, que o caso seja rapidamente resolvido... Fiquei sabendo que o senhor teve de fazer frente a uma série de dificuldades ontem, junto com o *solicitor* inglês, para encaminhar a herança de Ward...

– É uma complicação – suspirou o homenzinho rosado.

Ele tinha pedido chá ao garçom.

– Gostaria também de uma taça?

– Não, obrigado.

– Alguma outra coisa?

– Não. Para falar a verdade, preciso do senhor em um outro lugar.

Ele estava atento às reações do seu interlocutor, nas quais ele fingia, entretanto, não prestar atenção.

– Meus homens no Quai des Orfèvres descobriram certas coisas que eu gostaria de lhe mostrar...

– Que coisas?

Fez uma cara de quem não entendia.

– Eu poderia, evidentemente, esperar até amanhã de manhã para chamá-lo. Como o senhor era a pessoa mais próxima do coronel, e também a mais dedicada a ele, pensei que não se importaria se eu o incomodasse no meio da noite...

Maigret parecia completamente inofensivo, constrangido, como um funcionário que é obrigado a desempenhar uma tarefa desagradável.

– Em investigações como essa, o tempo é um fator capital. O senhor me sublinhou a importância dos negócios de Ward, as

repercussões que sua morte causaria nos meios financeiros... Se não for um incômodo muito grande, o senhor poderia se vestir e vir comigo...

– Onde?

– Ao meu gabinete...

– Não podemos conversar aqui?

– Só lá eu poderia lhe mostrar o que descobrimos a fim de que o senhor me explicasse...

Foi preciso ainda um pouco mais de tempo, mas por fim Arnold decidiu vestir-se, indo da sala ao quarto, do quarto ao banheiro.

Maigret não pronunciou nenhuma vez o nome de Muriel Halligan, mas falou bastante da condessa, num tom ao mesmo tempo sério e debochado. Arnold bebeu o chá fervendo. Sem se importar com a hora e com o lugar ao qual estavam indo, ele se arrumou meticulosamente, como de hábito.

– Imagino que não precisem de mim por muito tempo. Fui dormir mais cedo, pois amanhã tenho um dia ainda mais sobrecarregado que o de hoje. O senhor sabe que Bobby, o filho do coronel, chegou junto com um colega? Estão hospedados aqui.

– E não no George-V?

– Achei melhor, tendo vista o que aconteceu por lá...

– O senhor fez bem.

Maigret não o apressava, pelo contrário. Era preciso dar a Lucas e aos outros o tempo necessário para que as coisas fossem arranjadas, tudo disposto no devido lugar.

– A vida do senhor vai se modificar bastante, não é verdade? Quanto tempo, com efeito, o senhor esteve ao lado de Ward?

– Quase trinta anos...

– Acompanhando-o por todos os lugares?

– Sempre...

– E de manhã à noite... Fico me perguntando se foi por causa dele que o senhor não se casou...

– O que é que o senhor quer dizer com isso?

– Se tivesse casado, o senhor não teria tanta liberdade para acompanhá-lo... Em suma, o senhor sacrificou sua vida pessoal...

Maigret teria preferido uma outra abordagem, como parar bem na frente do baixinho robusto e bem-arrumado e lhe declarar sem rodeios: “Entre nós dois... O senhor assassinou Ward porque...”

O problema é que ele não sabia exatamente o motivo, e o inglês teria certamente mantido a calma.

– A condessa Palmieri vai chegar na estação de Lyon às sete horas. Ela está no trem nesse momento...

– O que foi que ela falou?

– Ela foi ao apartamento do coronel e o encontrou morto...

– O senhor pretende levá-la ao Quai des Orfèvres?

Ele franziu o cenho.

– Espero que não me faça esperá-la.

– Não pretendo fazer isso.

Os dois se dirigiam afinal ao elevador, cujo botão Arnold pressionou num gesto automático.

– Esqueci de pegar um sobretudo...

– Também não trouxe o meu. Não está frio, e o táxi vai levar apenas alguns minutos...

Maigret não queria deixar que ele retornasse sozinho ao apartamento. Assim que saíssem de carro, um inspetor revistaria tudo de cima a baixo.

Eles atravessaram o saguão rápido o suficiente para que Arnold não se desse conta de que não era o mesmo empregado que tomava conta da recepção. Um táxi estava esperando por eles.

– Ao Quai des Orfèvres...

As ruas estavam desertas. Um ou dois casais circulando. Alguns táxis que, em sua maior parte, se dirigiam às estações. Em poucos minutos, Maigret poderia parar de desempenhar aquele papel desagradável, que ele não sabia se realmente o conduziria a algum lugar.

O táxi não entrou no pátio, e os dois homens passaram, a pé, diante do guarda. Atravessaram o arco de pedra, sempre mais frio do que em qualquer outro lugar.

– Vou mostrando o caminho, o senhor me permite?

O comissário ia na frente, subindo a grande escadaria mal iluminada. Abriu a porta de vidro e ficou segurando-a para que o

seu convidado passasse. O vasto corredor, para o qual davam as portas dos diversos serviços, estava vazio, com somente duas lâmpadas acesas.

– Como nos hotéis, à noite! – disse Maigret para si mesmo, lembrando-se de todos os corredores pelos quais tinha circulado há pouco.

E em voz alta:

– Por aqui... Peço-lhe a gentileza de entrar...

Ele não levava Arnold ao seu gabinete, mas sim à sala dos inspetores. Procurava ser o mais discreto possível, pois sabia que espetáculo estaria à espera do inglês do outro lado da porta.

Um passo... dois passos... Um tempo de espera... Ele chegou a perceber o arrepio que percorreu a espinha do outro, o movimento involuntário que ele fez a fim de retornar, mas que acabou contendo.

– Entre...

Maigret fechou a porta e pôde ver de fato a cena que tinha planejado. Lucas estava sentado diante da sua mesa, e parecia completamente absorvido na tarefa de escrever um relatório. Na mesa em frente estava sentado o jovem Lapointe, com um cigarro entre os lábios. Maigret pôde perceber que dentre todos ele era o mais pálido. Compreendia ele que aquela era uma cartada difícil, senão perigosa, do comissário?

Ao longo das paredes, nas cadeiras, vultos, fisionomias imóveis como bonecos de cera.

Os coadjuvantes não tinham sido colocados ao acaso, mas numa ordem determinada. Primeiro, com um sobretudo aberto sobre a calça preta e o paletó branco, o garçom noturno que servia o terceiro andar do George-V. Depois, de uniforme, um mensageiro do hotel. Em seguida, um velhinho de olhos vermelhos, aquele que, parece, ficava sempre no vão envidraçado, perto da entrada de serviço da Rue Magellan.

Eram os mais constrangidos, e evitavam olhar para Arnold, que não poderia deixar de reconhecê-los, o primeiro, pelo menos, e o segundo, por causa do uniforme.

O terceiro poderia ter sido qualquer um. Isso não era importante. Em seguida vinha Olga, a jovem ruiva de seios fartos, que disfarçava o nervosismo mascarando um chiclete, junto com a amiga que tinha ido buscá-la na porta do edificíozinho da Rue Washington.

Por fim o garçom do bar, de sobretudo, segurando um boné xadrez, a velha vendedora de flores e o empregado da recepção do Scribe.

– Suponho – disse Maigret – que o senhor conheça essas pessoas. Nós vamos nos sentar no meu gabinete e falar com elas, uma de cada vez. Você tem os depoimentos por escrito, Lucas?

– Sim, chefe.

Maigret abriu a porta de comunicação.

– Entre, por gentileza, senhor Arnold...

Esse, um momento antes de se mover, ficou como que grudado no chão, os olhos intensamente fixos nos do comissário.

Maigret teve de sustentar o olhar. Ele não podia de forma alguma demonstrar insegurança.

Repetiu:

– Entre, por gentileza...

Ele acendeu a lâmpada do abajur verde no seu gabinete e indicou uma cadeira na frente da sua.

– O senhor pode fumar...

Quando voltou a olhar para o seu interlocutor, percebeu que este, apavorado, não tirara os olhos dele.

Tão natural quanto possível, Maigret encheu um cachimbo e falou:

– Agora, se o senhor estiver de acordo, vamos chamar uma a uma as testemunhas, a fim de poder estabelecer quais teriam sido os seus passos a partir do momento em que, no banheiro do coronel Ward...

Enquanto sua mão avançava visivelmente na direção da campainha, ele viu os olhos salientes de Arnold embaçarem, o lábio inferior levantar-se como para dar um soluço. Arnold não chorou. Engolindo saliva para desobstruir a garganta, pronunciou tão baixo que quase não se ouviu:

- Não é necessário...
- O senhor vai confessar?

Um silêncio. Um piscar de olhos.

E então, aconteceu uma coisa muito rara, única em toda a carreira de Maigret. Ele estivera tão tenso, tão angustiado, que não pôde impedir que o seu súbito alívio se traísse num relaxamento quase completo.

Arnold, que não tirava os olhos dele, ficou então perplexo, e em seguida franziu o cenho, lívido.

- O senhor...

As palavras saíam com dificuldade.

- O senhor não sabia, não é mesmo?

Finalmente, compreendendo tudo:

- Por acaso eles me viram?

– Não todos – confessou Maigret. – Me desculpe, senhor Arnold, mas era melhor que terminássemos com isso de uma vez, não é mesmo? Era o único meio de...

Não tinha ele assim lhe poupado horas, talvez dias, de interrogatório?

– Posso lhe assegurar que dessa forma também foi melhor para o senhor...

As testemunhas continuavam esperando do outro lado, tanto as que tinham realmente visto algo quanto as que nada tinham visto. Ao dispô-las em fila, uma atrás da outra, na ordem em que Arnold *poderia* tê-las visto, o comissário dava a impressão de ter à mão uma série decisiva de testemunhas.

As mais sólidas, de qualquer forma, garantiam as outras.

- Suponho que os possa liberar.

O inglês fez como se estivesse pensando.

- O que exatamente vai servir de prova, a partir de agora...

– Escute, senhor Arnold. Para repetir as suas palavras, a partir de agora, eu sei. O senhor pode voltar atrás em sua confissão, e mesmo afirmar que ela lhe foi arrancada por meio de violência.

- Eu não disse isso...

– Sim. É muito tarde para voltar atrás. Não me pareceu necessário, até o momento, incomodar uma dama que está hospedada em um hotel do Quai des Grands-Augustins, com quem o senhor almoçou hoje ao meio-dia. Posso chamá-la aqui. Ela vai sentar no lugar em que o senhor está, diante de mim, e vou fazer a ela uma série de perguntas até que ela termine por esclarecer tudo...

Houve um silêncio pesado.

– O senhor pretendia casar com ela?

Nenhuma resposta.

– Dentro de quantos dias teria o divórcio se tornado definitivo, obrigando-a a abandonar a pretensão à herança?

Maigret, sem esperar por uma resposta, foi abrir a janela. O céu começava a clarear, ouviam-se os rebocadores que, subindo da Île Saint-Louis, chamavam suas barcas.

– Três dias.

Ouvira ele a resposta? Maigret, como se nada tivesse ocorrido, abria a porta de comunicação.

– Vocês podem ir agora, meus jovens... Estão todos liberados... Você, Lucas...

Ele hesitava entre Lucas e Lapointe. Diante da careta decepcionada deste último, ele acrescentou:

– Você também... Os dois venham tomar o depoimento dele...

Maigret retornou ao gabinete, escolheu um cachimbo novo, que ele encheu lentamente, procurou seu chapéu preferido.

– Permite que eu me ausente, senhor Arnold?

Esse estava como que enterrado na cadeira, parecendo de repente muito velho, e perdendo de minuto em minuto essa espécie... Essa espécie de quê? Maigret teria dificuldade de expressar o que pensava... Essa espécie de autoconfiança, de brilho, de segurança que distingue as pessoas que fazem parte de um certo mundo e que encontramos nos grandes hotéis...

Era agora pouco mais que um homem, um homem desmoronado, infeliz, que tinha perdido a aposta.

– Vou para casa descansar – disse Maigret aos seus colaboradores. – Se precisarem de mim...

Ao passar, como que por distração, o comissário colocou por um instante a mão sobre o ombro de John T. Arnold, e viu Lapointe acompanhá-lo, embaraçado, com os olhos, até a porta.

Noland (Vaud), 17 de agosto de 1957

S O B R E O A U T O R

GEORGES JOSEPH CHRISTIAN SIMENON nasceu na cidade belga de Liège, em 12 de fevereiro de 1903, filho de Desiré Simenon, contador de uma companhia de seguros, e Henriette. A família era católica, e o comparecimento a rituais da Igreja foi uma constante na infância do autor. Christian, filho mais novo do casal, era o preferido de Henriette, enquanto Georges venerava o pai, um homem paciente que não desperdiçava palavras. Era adolescente quando Liège foi ocupada pelos alemães durante a Primeira Guerra Mundial.

Ainda na juventude do autor, seu pai adoeceu gravemente do coração. Georges abandonou a escola e começou a trabalhar. Passou por vários empregos, até que, em janeiro de 1919, foi admitido como office boy no *Gazette de Liège*, sendo posteriormente promovido a repórter. Escreveu sob vários pseudônimos, até chegar ao nome de Georges Sim, que usaria por doze anos. Na atividade jornalística, adquiriu habilidades que muito lhe valeriam na carreira de romancista: escrever rápido e respeitar prazos. Paralelamente ao trabalho, nesse período Simenon aplicou-se no estudo de medicina forense. Também nessa época começou suas primeiras experimentações literárias e conheceu Régine Renchon, a quem apelidou de Tigy, sua futura mulher.

Seu pai morreu em 1921, e, após cumprir o serviço militar, Georges mudou-se para Paris, em 1922, onde se sustentou graças ao salário de secretário particular. Nos anos seguintes, ele se estabeleceria como autor de literatura *pulp*, além de frequentar artistas da cena francesa, como o cineasta Jean Renoir, de quem se tornou amigo, e a cantora americana Josephine Baker, de quem foi amante. Já nessa época estava em gestação aquele que se tornaria um dos mais famosos personagens da literatura ocidental, o inspetor Jules Maigret.

Entre 1929 e 1930, Simenon escreveu sob pseudônimo vários textos que prenunciavam o surgimento da série em que o

comissário da Polícia Judiciária francesa desvenda uma série de crimes. Os anos de 1930 e 1931 foram dedicados à redação dos romances que compoariam a série Maigret e que seriam publicados já com o nome do autor pela editora francesa Fayard a partir de 1931. *Pietr-le-Letton (O assassino sem rosto)* foi o primeiro desses romances a ser escrito, mas *Monsieur Gallet, décédé* foi o primeiro a ser publicado, obtendo sucesso imediato, como os demais livros que se seguiriam. Todo o universo e a ética de Maigret já estavam estabelecidos nos primeiros livros da série. As histórias protagonizadas pelo inspetor Maigret – parisiense, fumante de cachimbo, usando sempre um sobretudo de gola de veludo e chapéu – compõem uma categoria *sui generis* da literatura policial: o êxito junto ao público deve-se menos ao enredo e à descoberta do mistério do que ao misto de ceticismo e esperança com o qual o taciturno Maigret vê a sociedade – visão psicológica que é a principal arma desse humanista no combate contra o crime. Com o passar dos anos, a composição dos personagens secundários se tornaria mais complexa e o tom dos romances, mais filosófico.

Em 1933, já havia escrito seis romances em um estilo diferente do que praticara até então, que ele chamou de *roman dur* : romances que não necessariamente giram em torno de um crime e que se apoiam, sobretudo, na riqueza psicológica dos personagens. A essa altura a família já estava vivendo na propriedade em La Rochelle, na costa oeste da França.

Em 1945, Simenon – já com problemas de coração –, Tigy e o filho do casal, Marc, deixaram a Europa em direção à América. Lá, ele conheceu Denyse Ouimet, que se tornaria sua segunda mulher. Em 1953, nasceu Marie-Jo, a única filha do autor, que acabaria se suicidando em 1978. Em 1955, a família retornou à Europa, estabelecendo-se na Suíça.

A década que se seguiu foi turbulenta: Denyse sofreu de problemas psiquiátricos que a levaram à internação, em 1962, e, em 1964, abandonou a recém-construída residência familiar, na cidade suíça de Épalinges. Em 1970, morreu a mãe de Simenon, com quem ele sempre tivera relações problemáticas, e nesse mesmo ano ele escreveu seu último *roman dur*, *Les Innocents*, além

de *Maigret e o sumiço do sr. Charles*, o último romance protagonizado por Jules Maigret. A partir de 1973, Simenon ditou e escreveu apenas livros de memórias que, como seus textos autobiográficos, são vistos com reservas por muitos estudiosos de sua obra, no que diz respeito à veracidade dos fatos. Nos últimos anos, o escritor viveu recluso, fazendo aparições públicas apenas ocasionalmente, das quais a mais famosa foi a entrevista dada ao cineasta e amigo Federico Fellini, na qual afirmou ter mantido relações com dez mil mulheres. Morreu aos 86 anos, no dia 4 de setembro de 1989, em Lausanne.

Simenon, o mais emblemático caso de proficuidade literária do século XX, é autor de mais de duzentos romances (75 dos quais protagonizados pelo inspetor Maigret), 155 contos (trinta com Maigret) e 25 textos autobiográficos. Esses números são apenas aproximados, já que vários escritos foram publicados apenas em periódicos, sob até 29 pseudônimos. Dezenas de livros seus foram adaptados para a tevê, cinema e quadrinhos, e a sua venda mundial é estimada em 1,5 bilhão de exemplares, em mais de cinquenta línguas. Atestando a sua permanência literária e a excelência de sua ficção, foi recentemente eleito o segundo melhor autor de livros de mistério pelo jornal *The Times*, somente atrás de Patricia Highsmith.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: *Maigret voyage*

Tradução: Alessandro Zir

Capa: Ivan Pinheiro Machado. Foto: Claire Morgan / Wildcard /
Latinstock

Preparação: Patrícia Yurgel

Revisão: Lia Cremonese

Cip-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, Rj.

Simenon, Georges, 1903-1989

Maigret sai em viagem / Georges Simenon ; tradução Alessandro
Zir. - Porto Alegre, RS : L&PM, 2011.

(Coleção L&PM POCKET; v. 889)

Tradução de: *Maigret voyage*

ISBN 978.85.254.2402-0

1. Ficção policial francesa. I. Zir, Alessandro. II. Título. III. Série.

10-3267. CDD: 843

CDU: 821.133.1-3

Maigret voyage © 1958 Georges Simenon Limited, a Chorion
Company. All rights reserved.

Maigret sai em viagem © 2010 Georges Simenon Limited, a Chorion
Company. All rights reserved.

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
Rua Comendador Coruja 314, loja 9 – Floresta – 90.220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380

Pedidos & Depto. Comercial: vendas@lpm.com.br

Fale conosco: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br